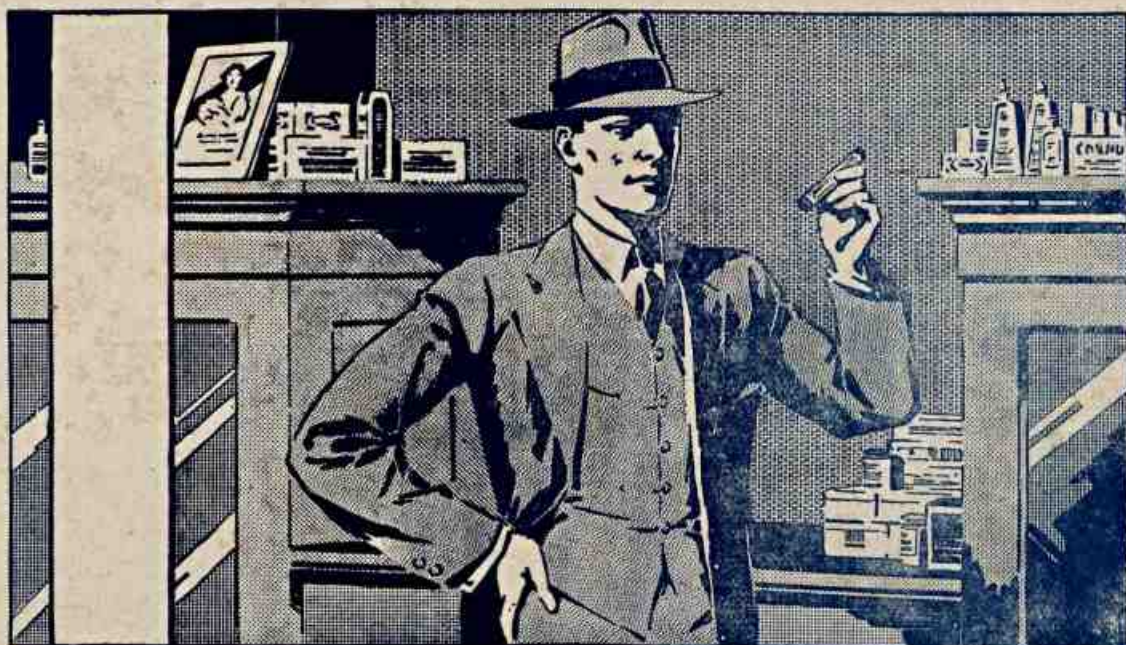
ANNO XXVII — N.º 15
15 de Abril de 1933
PREÇO: 1$000

De Marcelo Dupont

* * *

entregou, sem opposição, sua carteira, e disse, ironica:

— Agora, justaremos nossas contas, joven... Caminhemos. Eu queria saber porque você se dedica a *isto*.

Continuou seu caminho, lentamente. O homem a seguia, com passo vacillante.

— Sou um miseravel, senhorita! Um canalha... Devia ter a coragem de eliminar-me, estoirando os miolos com um tiro...

E, como Sarita risse, incrédula, ajuntou:

— Não troce de mim. Si soubesse como sou desgraçado!

Com voz febril, explicou elle como fôra levado a commetter aquelle assalto. Estava sem trabalho, era filho de um ex-official de marinha morto na guerra, empenhára todos os seus objectos de valor...

— Estava disposto a acceitar qualquer occupação. Não consegui nada. Nada... Sabe o que significa não conseguir absolutamente nada?... E hoje tive esta idéa absurda: roubar!... Isto é, não queria roubar, mas conseguir dinheiro. Depois o devolveria... Em sua carteira devia haver algum cartão... Mais tarde, quando pudesse, lhe devolveria o seu dinheiro. Tratava-se, na realidade, de um emprestimo...

— Comprehendo: um empréstimo forçado, não?... Continúe...

— Ao arrebatar-lhe a carteira, comprehendi a ignominia de meu acto. Como a senhorita foi bôa livrando-me da policia!

Sarita observava seu companheiro de caminho toda vez que lho permittia a luz de um pharol. Seus modos, suas palavras, o córte de seu traje corroboravam aquellas palavras de explicação... Pobre rapaz!... A que extremos póde conduzir a miseria!

Commovida, Sarita abriu sua carteira e della tirou um punhado de notas, que extendeu ao joven, dizendo-lhe:

— Ahi tem... Devolvermos-á quando puder... Não gosto de empréstimos forçados. Prefiro os voluntarios...

Docemente, o assaltante repelliu o offerecimento:

— Oh, não!... Não posso acceitar dinheiro da senhorita... Nunca... Não...

E, dando meia volta, afastou-se quasi correndo.

* * *

No dia seguinte, o desconhecido esperou Sarita no logar onde se produzira o encontro da vespera. A famosa vendedora não pareceu surprehendida. Extendeu-lhe a mão...

E assim ficou sellado um pacto de amizade. Sarita e aquelle homem conversaram longamente essa tarde, como dois velhos camaradas.

A joven obrigou seu *assaltante* a acceitar certa quantia em dinheiro para dobrar o perigoso cabo da necessidade.

Depois conseguiu que na mesma casa onde ella trabalhava tomassem um novo empregado.

Agora, todas as tardes, ás sete horas, os dois jovens sahem juntos do emprego. Ao chegar á esquina, dão-se os braços, olham-se, sorriem e iniciam um animado dialogo em voz baixa, em voz muito baixa.

Mas os transeuntes não precisam ouvil-os para saber que elles falam do thema inesgottavel e eterno, do mesmo thema que, a essa hora, põe um pouco de febre nos labios de todos os casaes que transitam pelas ruas da cidade.

Feminista

Por José Maria Senna

Personagens:

D. AUGUSTA
BEATRIZ
LENITA
D. QUITERIA
CONSTANCIA
CLAUDIO
BENEDICTO
PEDRO
DR. HIPPOLITO

SCENARIO:

Sala de trabalho na residencia particular do escriptor Claudio. Secretaria. Poltronas. Lustres. Cinzeiro. Telephone. Divan, tendo ao lado uma mesa oval, em cima da qual um leão de bronze segura entre os dentes, arreganhando os labios raivosamente, a haste em cuja extremidade ha tres pequenas lampadas.

* * *

SCENA I

Em scena d. Augusta e Constancia

D. Augusta. — (*Arrumando a secretaria*). — Anda cá, Constancia! Passa aqui o espanador. Está tudo empoeirado. Vês?

Constancia. — (*Aproximando-se*) — Faz três dias que limpei esse movel.

D. Augusta. — Três dias! Que horror! Deves limpal-o diariamente, ouviste?

Constancia. — Sim, senhora!

D. Augusta. — Três dias! Onde já se viu uma coisa assim! Um móvel ficar três dias sem limpeza! Tres dias!

Constancia. — Três dias não são três semanas, patrôa!

D. Augusta. — E então?

Constancia. — E'!... A senhora está tão admirada como si o movel não fôsse limpo ha três annos.

D. Augusta. — Tem graça! Não sei mais o que hei de fazer para que aprendas o serviço.

Constancia. — Eu já aprendi.

D. Augusta. — Aprendeu coisa nenhuma! E' preciso que eu fiscalize tudo!

Constancia. — A senhora fiscaliza porque quer!

D. Augusta. — Porque quero! E', é bôa! A casa viraria de pernas para o ar si eu não fiscalizasse. E' o dia todo: "Constancia varre a sala de jantar! Constancia vae lavar o alpendre! Constancia já foste o açougueiro?" De tudo, tudo!, é necessario que te lembre, sinão...

Constancia. — Tambem sou uma sózinha para tudo!

D. Augusta. — Está bem! Vae ferver o leite.

Constancia. — Sim, senhora! (*Encaminha-se para a porta. De subito, para e fica indecisa*).

D. Augusta. — Então?

Constancia. — Eu... Eu...

D. Augusta. — Dize logo o que ha!

Constancia. — Queria que a senhora me désse licença para ir hoje ao cinema.

D. Augusta. — Ao cinema? C... quem?

Constancia. — E'... E' com meu namorado.

D. Augusta. — Com o teu na... rado? Que historia é essa? Eu... já cuidas dessas coisas?

Constancia. — Sim, senho... sim! Por ser criada não quer... zer que não possa amar, pois ... é?

D. Augusta. — Certamente. Cu... do não escolhe alvo para as su... settas: tanto fére aos ricos, co... aos pobres. E's, porém, muito c... ança para pensar em namorico...

Constancia. — Criança!? Ten... 18 annos.

D. Augusta. — Ouve, Constanc... teus paes recommendaram-me q... zelásse por ti, como si minha f... lha fosses. Apesar de teres u... cabecinha de vento, és bôa rap... riga e quero-te bem. Sentiria ... te acontecesse qualquer infe... cidade.

Constancia. — Que infelicidad... patrôa?

D. Augusta. — Eu cá sei e ... quanto basta! Dize-me: quem é ... teu namorado?

Constancia. — E' o Pedro, o e... cadernador!

D. Augusta. — E' bom moço?

Constancia. — O succo!

D. Augusta. — Não é isto que ... pergunto. Pergunto si elle é u... rapaz de bons costumes, trab... lhador...

Constancia. — E'! E' um rap... ás direitas!

D. Augusta. — Póde ser! Ach...

(*Continúa na pag. seguinte*)

VEJA!
SÓ USO
CALÇADO
Souto
RIO
FERREIRA SOUTO S.A.
POR SER
O UNICO
QUE NÃO
DEFORMA
OS PÉS
Souto
RIO
FERREIRA SOUTO S.A
FÔRMAS ANATOMICAS
FABRICO SCIENTIFICO
GARANTIA ABSOLUTA
AT. SETH

porém, que não deves ir só com elle ao cinema.

Constancia (*choramingando*). — Deixe, d. Augusta, deixe!

D. Augusta. — Bom, bom, bom! Não te ponhas a chorar. Autorizo-te ir.

Constancia (*sorrindo*). — Como a senhora é boa!

D. Augusta. — Vae ferver o leite, vae!

Constancia. — Sim, senhora, sim! (*Sae*).

D. Augusta. — Essas raparigas!... (*Sôa a campainha*) — Constancia, ó Constancia! Vê quem bate!

Constancia (*entrando*). — E' o dr. Hippolito e d. Quiteria.

D. Augusta. — Manda entrar. (*Constancia sae*) — Qual será o santo que fez o milagre.

Feminista

(*Continuação*)

SCENA II

D. Augusta, d. Quiteria e dr. Hippolito

D. Quiteria — (*entrando, acompanhada do marido. Nota: — D. Quiteria fala um pouco rapidamente e o dr. Hippolito compassadamente*) — Como está você, hein?

D. Augusta. — Que milagre! Ha tanto tempo que não apparecem!

D. Quiteria. — (*beijando D. Augusta*). — Está forte bem disposta!

Dr. Hippolito. — Dona Augusta, tenho immenso prazer em cumprimental-a.

D. Augusta. — Sente-se, dr. Hippolito.

Dr. Hippolito. — (*sentando-se*). — Estou bem!... Obrigado!...

D. Quiteria. — Como eu ia dizendo, ha muito que desejamos vir vêl-a. E' hoje, é amanhã, e os dias vão passando, passando... Nós que temos familia, não temos tempo para nada.

D. Augusta. — E' verdade

D. Quiteria. — Accresce que meu marido é uma lesma. Como sabe, tem elle a mania insupportavel de gostar de livros. Não lê, não lê! Vive, porém, a comprar livros só pelo prazer de comprar, de gastar dinheiro.

Dr. Hippolito (*falando pausadamente*). — O caso, dona Augusta, é que sou bibliographo. Nada me causa maior prazer do que um livro bem encadernado. (*Relanceando um olhar de cobiça pelas estantes*). — Vejo que não sou eu só que amo os livros!

D. Augusta. — Meu filho Claudio, não só é apreciador, mas tambem escreve.

Dr. Hippolito (*erguendo-se e encaminhando-se para as estantes*). Com sua licença!

D. Augusta. — Pois não! (*Para d. Quiteria*) Cada qual com a sua mania.

D. Quiteria. — Diga cada doido! Porque meu marido é um doido. Imagine que elle fica horas e horas em frente de seus livros, rindo bôbamente. Si não fosse pae de dois homens, diria, quem o visse em tal postura, um namorado bestificado. Sinto um nervoso tal, que um dia queimo a porcaria dos livros todos.

Dr. Hippolito (*examinando um livro, que retirou da estante*). — Bonitas essas vinhetas! E que papel superior!

D. Quiteria. — E' como você está vendo! E péor: elle até beija as capas do livro. Beijar livros, óra veja!

D. Augusta (*desviando a conversa*). — Como vão os seus rapazes?

D. Quiteria. — Muito bem! O meu João já está no terceiro anno de medicina. E' um moço intelligente que só vendo! Não sahiu o pae.

D. Augusta. — Os filhos puxam as mães.

D. Quiteria. — E' isto mesmo! E' isto mesmo! Puxaram-me, o João e o Pedro. Pedro é o mais moço, sabe? Matriculou-se agora na Escola de Engenharia.

Dr. Hippolito (*esfregando, com volupia, as mãos no frontespicio do livro*). — Macio! (*Ri de gosto*).

D. Quiteria. — E' o dia todo nesse embevecimento. Ha dias,

(*Continúa na pag. seguinte*)

A VIDA SERIA BELLA
SI EU NÃO SOFFRESSE
DRAEGER

em que entra em casa cheirando o papel velho, que é uma lastima.

(*D. Augusta sorri*).

Dr. Hippolito. — O Claudi-o é um-ra paz-de-gos-to!

D. Quiteria. — Um moço intelligente, o seu filho, d. Augusta. E Beatriz, como vae?

D. Augusta. — Anda atarefada com o feminismo.

D. Quiteria. — Beatriz é adoravel! Com que enthusiasmo não defende ella os direitos da mulher! E olhe lá: na sua idade é de admirar a opinião que fórma dos homens.

D. Augusta. — Preferiria que ella não tivesse opinião. A mulher deve, antes, e acima de tudo, sentir: o sentimento é a essência da mulher. (*Noutro tom*) Querem café?

D. Quiteria. — Sempre a mesma amiga do café!

D. Augusta. — Sou mineira.

D. Quiteria. — As mineiras! São tão hospitaleiras os mineiros! Uma vez, numa fazenda do interior de Minas... Fazenda... Como se chama mesmo aquella fazenda, Hippolito?

Dr. Hippolito (*namorando um livro*). — A-do-ra-vel!

D. Quiteria. — Adoravel?

Dr. Hippolito. — Sim. Adoravel este livro!

D. Quiteria. — Tambem você!

D. Augusta. — Constancia, ó Constancia!

Constancia (*surgindo*). — A senhora chamou?

D. Augusta. — Serve o café na sala de jantar.

Constancia. — Sim, s e n h o r a, sim! (*Sae*).

D. Augusta. — Vamos até lá dentro!

D. Quiteria. — Com muito pra-

Feminista

(*Continuação*)

zer! (*Para o dr. Hippolito*) Ande dahi!

Dr. Hippolito (*cheirando o livro*). — Agradavel o odor deste livro! Veja! (*Approxima o livro do nariz da mulher*)

D. Quiteria (*repellindo o livro*). — Não faça isto! E ande dahi! Ande!

D. Augusta. — Passe, dr. Hippolito.

Dr. Hippolito (*amavel*). — Oh! Passe, minha senhora!

(*D. Quiteria e d. Augusta seguem na frente. O dr. Hippolito acompanha-as, folheando, com volupia as vinhetas do livro.*

Sahem. Um tempo. Entram Benedicto e Claudio pela outra porta lateral).

SCENA III

Benedicto e Claudio

Benedicto. — Ouça-me, Claudio: Você não deve permanecer por mais tempo nessa indifferença, em que se encoraçou.

Claudio. — Acha?

Benedicto. — E', por que não dizel-o?, covardia.

Claudio. — E que mais?

Benedicto. — Perdõe-me a franqueza, Claudio. Falo-lhe assim porque me dóe vêl-o tão preguiçoso e desanimado. Já não escreve...

Claudio (*apontando para as estantes*). — Veja quanto livro! Estamos, meu caro, abarrotado de livros. Depois, curto é o engenho humano. Para que escrever? Para que repetir o velho dialogo que não envelhece? De historias de amor estamos fartos. Fartos estamos de psychologia.

Benedicto. — Não. Em psychologia ainda se não disse a ultima palavra. E que assim fosse! O que sempre há-de interessar ao homem é o proprio homem, com todo o bizarro cortejo de suas miserias e grandezas.

Claudio. — T a l v e z... Porém, Sthendal, Balzac e, entre nós, Machado de Assis elevaram o romance psychologico a taes alturas, que não conseguirei ultrapassar.

Benedicto. — Claro! Pois si você mal iniciou a luta, já se confessa vencido!

Claudio. — A carreira das letras é ingrata: exige muito e pouco concede.

Benedicto. — Não ponho duvida! Mas renunciar é fraqueza, é covardia, repito!

Claudio. — E lutar é soffrer.

Benedicto. — E o que queria que fosse?

Claudio. — Sei lá!

Benedicto (*depositando no cinzeiro o cigarro*). — Sei eu! Queria naturalmente que a vida lhe sorrisse sempre. Queria que o seu livro de estréa lhe trouxesse a fama ambicionada, que toda a critica lhe tecesse lôas, que o publico exggotasse edições em poucos dias, como acontece frequentemente na França, onde o povo é culto e lêdor.

Claudio. — Exaggera.

Benedicto. — Si considerarmos, meu caro, que Nietzche, o immortal créador do super-homem, viveu ignorado; si considerarmos que editou á propria custa os seus livros, por não haver encontrado editor que os quizésse; si considerarmos...

(*Continúa no proximo numero*)

NOVATO (Capital) — Felicito-o pela idéa que teve de vir para o Rio, trocando, assim, conforme declara na sua carta, "a vida improdutiva e estagnada da provincia pela vida dynamica e constructiva da metropole".

Não o aconselho, porém, "a ingressar na literatura", pois, o certo é que de letras não se vive neste paiz. As victorias, os triumphos, os applausos que se alcançam nada representam, por assim dizer. E, em se tratando de successo mundano, não será com prosa e verso que se o conseguirá.

E' com as *notas*, vulgo dinheiro, fundos, *arame*, *guaraminguás*, *guandos*, *grana*, *favas*, *milho*, *dollar*, (apesar do seu desprestigio) e outros nomes e appellidos sonóros, que se emprestam ao "vil metal" — o qual, aliás, só é vil quando o não temos no bolso. Não se illuda, caro confrade *Novato*. Com literatura, o sr. nada arranjará. No Rio, *é preferivel* ser analphabeto, — com dinheiro — a ser genio... com *promptidão*.

Com um automovel, mesmo Ford, o sr. conquista mais noivas, admiradoras e *tutti quanti* que com um bello romance ou um poema notavel.

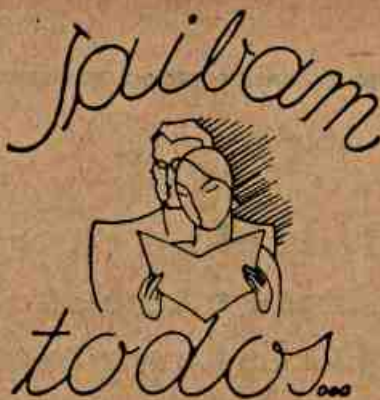
Na maioria dos casos, o sr. perguntará ás suas admiradoras quem foi Pindaro, e ella lhe dirá que é aquelle notavel jogador de foot-ball, e, segundo me informam, hoje medico illustre da Saude Publica.

Ella o confundirá com o outro Pindaro, principe dos poetas lyricos gregos, o das odes famosas.

E' uma lastima.

O sr. nunca será amado pelo sèu talento vigoroso, pelo seu espirito, pela grandiosidade da sua arte, — mas, unicamente, pela elegancia das suas roupas e o brilho do seu carro de marca.

Não faça literatura, não publique l i v r o s. Compre, antes, um automovel, mesmo a prestação.

Bem. Esse o meu conselho. Quanto á visita que me promette, ella me agradará sobremodo. No "coupon" desta pagina, mais abaixo, encontrará meus telephones: 2-5456 ou 2-4136. E' só me avisar com antecedencia para o esperar.

ELÓRA (Capital) — Aqui estão, enfeitando a minha banca de trabalho, os seus dois bellos livros: "Quando o sol surgiu do Oriente" e "Discos da minha victrola".

No primeiro, a minha brilhante collega continúa a defender com galhardia os titulos que conquistou como artista de élite, com as paginas luminosas de "Alma serena".

Ha um suave perfume de ternura e melancolica fidalga, a se evolar das estrophes de ouro do seu lindo poema.

E esse perfume é tão subtil, tão leve, que se nos insinúa pela alma, como o sonho de uma rosa, ou de um jardim estellar.

Vejamos como é fascinante este seu " O magico divino".

Eu era aquella pobre céga
Que olhava em torno, mas sem vêr:
Passividade que se entrega
Ao que ha de vir e tem de ser...

Tinha de ser... e foi... E veio
O grande magico divino!
O olhar que se abre: espanto, enleio...
Ao meu destino outro destino...

Como isso é formidavel — pela sinceridade da confissão e pela maravilhosa belleza da feminilidade que estúa e palpita, na revelação da arte, da vida e do amor de uma mulher!

Feliz o homem que é ssim admirado e querido.

"Discos da minha victrola" encerra, como bem diz a autora, pequeninos poemas em prosa. Nestes Elóra Possólo reaffirma, do mesmo modo, — com a mesma graça e a mesma elegancia de espirito — as suas virtuosidades de prosadora e poeta.

Sobretudo, o que encanta na sua arte, é a sinceridade emocional, com que essa animadora de rythmos fala e vibra, accrescentando-se os primores de fórma em que emmoldura os seus motivos, as suas imagens e idéas.

E' lindo o prologo dessa *plaquette* de pequeninos poemas, ou antes, este seu primeiro disco harmonioso:

MEU CORAÇÃO É UMA PEQUENINA VICTROLA PORTATIL

I

Meu coração é uma pequenina victrola portatil que eu carrego sempre commigo.

Quando a agitação da vida não me absorve toda e a luta dos dias não me aprisiona, dou corda á victrola. E entro no doce socego de mim mesma para ouvir velhos discos que ella me repete ou discos novos que me cantam, estes discos novos com que o destino gosta de nos presentear.

E chóro e sorrio ás historias velhas dos velhos discos que pas-

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

[illegible] *girando, girando sob a pressão mansa da agulha da minha saudade. Minhas lagrimas vêm, bailarinas tremulas, dançar nos meus olhos, o bailado melancolico da recordação. Depois mudo a agulha, tiro a da saudade. Colloco a da amargura resignada, a da revolta ou do sonho, da ansiedade ou da esperança e passo a escutar os discos novos: ás vezes, tangos tristes que gemem dôres presentidas ou experimentadas; ás vezes, foxstrots de enthusiasmo, buliçosos maxixes cheios de uma alegria de primavera: discos dos meus dias negros, dos meus dias de cinza, dos meus dias de azul.*

E a victrola canta, canta sempre, a musica alegre ou dolorida, do momento que estou vivendo. E fico a escutal-a, sonhando ou soffrendo até que as horas de trabalho e de luta me vêm chamar. Fecho então com pena a pequenina victrola lhe impondo silencio. E sigo vazia pela vida, porque toda eu sou um grande vacuo, quando está calada em mim, a pequenina victrola portatil que é meu coração.

Lindo, verdadeiro e commovente. O thema, symbolico, é profundamente expressivo.

Na verdade, cada um de nós tem a sua victrola, dentro da alma. Uns, podem, como Elóra, variar os seus discos e mudar a sua agulha raspante. Outros, porém, são forçados, pela recordação e pelos imperativos do amor, do sonho, e das felicidades perdidas, a ouvir um só disco, sob a tortura de uma só agulha perfurante: — o disco de um nome, um nome muito querido, de alguem que se perdeu para sempre, sob a agulha afflictiva da saudade...

SEVI (Capital) — Valei-me Nossa Senhora dos Homens Amolados pelos Maus Poetas! Dae-me forças para enfrentar com a lança... da minha penna... de aço... a investida de um poeta... manhoso e habil e que deseja seduzir, com a sua labia, a minha opinião indefesa! O rapaz é mesmo labioso! E' um perigo! Vem com pés de lã... da sua habilidade... e dá-nos o mel das suas palavras assucaradas. Quando vê que o critico está enlevado — zás! — atira os seus sonetos abominaveis em cima da gente.

Mas, qual! Isso de labia é muito bom para *tapear* inexperientes. Eu cá me defendo, poeta! Pode cantar que não entôa. Eu já estou treinado demais.

Não ha palavra doce que me seduza. Faço como certas damas, bastante experientes no amor, habeis nas manobras do coração, as quaes, depois de mil argumentos e de toda a nossa logica amorosa, e justamente quando esperamos dellas um *sim* redondo e risonho, ellas nos dão o contra sêcco e desconcertador de um resoluto: "Mas eu não quero, sabe?"

Assim digo eu.

O sr. perdeu o tempo e o seu latim amoroso, em me elogiar, porque...

Antes, porem, vamos ler a sua missiva de seductor perigoso:

"Meu illustre Bastos Portella. Ha muito que acompanho, com o maximo interesse, a tua secção semanal — Saibam Todos — onde o teu fino espirito, fino e emotivo, se expande "digamos — finamente", nas tuas respostas aos varios consulentes e leitores do Fon-Fon.

O poeta, maviosamente inspirado, do "Suave Enlevo" e o prosador forte e magnifico, o psicologo admiravel, de "Uma Garçone Carioca", ocupam (quer dizer — ocupa!), ha muito, lugar de grande destaque na minha admiração e no meu respeito, aos grandes vultos das nossas letras, onde, infelizmente, pululam tantos "pigmeus" e tantos "cerebros ocos", com o pompozo titulo de representantes maximos de nossa cultura!

Mas, dirá tu, a que vêm tantos elogios? — Alerta, Yves, é mais um poeta! Alerta!

Sim e não! Envio-te, de fato, um soneto, que o meu julgamento não pode classificar se bom, se mau — por incompetencia. Mas, os elogios não são um "pistolão" para a aceitação dele.

Primeiro: porque te sei "inaccessivel"; segundo: porque não temo a verdade, e por isso não me amedronta o teu julgamento.

Aceito ou não, serei sempre teu amigo, porque sei que serás franco: devo tentar a poesia? A prosa?

Continuarei admirando a tua obra, julgando-a admiravel, maugrado qualquer mau julgamento teu, que será justo.

A proposito: quando teremos outro "Suave Enlevo"? Outra "Garçone Carioca"?

Aqui, desculpado o tratamento muito amistoso — tu, fica, a espera de uma resposta, o teu, incondicionalmente, — Admirador e Amº."

"Resposta: *Sevi*. Paracamby. E. Rio."

Viram? O seu "Sevi" é o typo do D. Juan... poetico!

O critico de coração molle se lhe entregará de "cesta"... trancada. Mas, eu, tambem, — apesar de feio — me considero *pirata*. E em logar de fechar a cesta, abro-lhe, escancaro-lhe a bocca (da "cesta"...?) como si ella fosse um leão ou uma baleia... para que engula, de uma só bocanhada, o soneto e o seu autor labioso...

E peço á N. Senhora dos Homens Amolados pelos Maus Poetas que não se repita o milagre de Jonas...

(Cont. na pag. seguinte)

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

* * *

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephones: 2-4136 e 2-5456
FON - FON — 15 - 4 - 933

Data da consulta......................................

Nome do consulente......................................

....

SAIBAM TODOS...

(Conclusão)

Lá vae a prova da "seducção" do poeta:

E, CERTO DIA, EU TE AMEI!...

Pedro Barbosa.

(A alguem, que é, ainda o meu amor...)

Eu vivia feliz e descuidado,
o coração risonho, sem tristeza...
em tudo presentindo, deslumbrado
um mundo de explendor e de bel-
[leza!...

Amava a liberdade, o sol doirado,
e o canto dos passaros na deveza;
tinha sempre o semblante illumi-
[nado
num sorriso de graça e singeleza!

Certo dia, porem, te conheci... ó
formosa... da beleza no esplendor,
e eu, perdido de amor fiquei por
[Ti!...

Desde então, a Vida é-me cheia de
[escolhos!
O meu sorriso é triste como a dor!
E amor pranto corre dos meus
[olhos!...

Digo como as mocinhas maliciosas da Favella: "Commigo não, violão!"

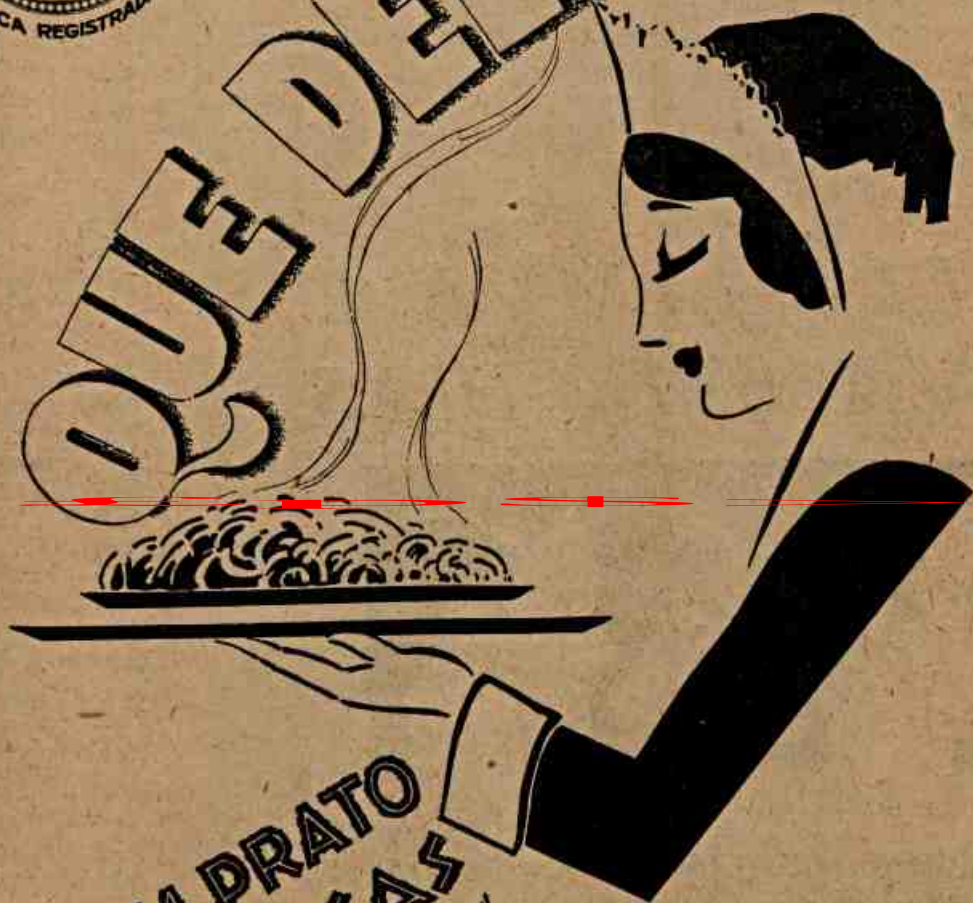
XANDRA (S. Paulo) — Tenha paciencia. Admiro muito a sua pessôa... epistolar... Sim, porque a "outra" eu a não conheço. Admiro-a muito, é verdade, mas não posso publicar a sua carta. Ella é um forte ataque ás mineiras e, como sabe, si gosto das paulistas tambem gosto muito das filhas da terra de Tiradentes e de Marilia de Dirceu.

Em parte, v. ex. tem razão; mas quanto aos ataques, é injusta e cruel, para com mulheres tão nobres e distinctas.

E para consolar as duas — a mineira e a paulista — vamos dar um viva a S. Paulo e outro a Minas Geraes.

Viva S. Paulo! Viva Minas!

Yves

— Quanto cobraste pela operação do Lacerda?
— Cinco contos de reis.
— E que tinha elle?
— Os cinco contos.

MARCA REGISTRADA
QUE DELICIA!
UM BOM PRATO
DE MASSAS
AYMORÉ
SATISFAZ
E ALIMENTA
MASSAS
AYMORÉ

Caixa de surprezas

PARA FABRICAR GELO EM CASA — Não se trata de fabricação de gelo em grande escala, para o consumo geral de uma empresa, e sim de uma simples experiencia, em pequena escala, e que sempre causa admiração aos que a apreciam. Põe-se um pouco de agua em um pequeno vaso de aluminio, e mette-se este em um taxo cheio de uma solução de nitrato de amonea. A agua do vaso ficará immediatamente gelada. Tambem se poderá apesar de maneira inversa, pondo a solução de nitrato amonico no vaso e collocando este sobre um prato com agua. A congelação da agua é immediata, ficando o vaso ligado ao prato.

E' simples a explicação do phenomeno: o nitrato amoniaco absorve uma grande quantidade de calor.

•

Utilizando tubos de radio para ampliar o som, um francez inventou um instrumento que imita quasi todos os instrumentos da orchestra moderna.

•

Um cidadão norte-americano de Indiana, acaba de inventar um aeroplano sem azas.

•

Aproximadamente, uma quarta parte da producção total de seda consumida no mundo inteiro provem de Kwangtung, provincia da China.

•

Tendo apenas tres estações de radio em todo o seu territorio, a Yugo-Slavia, segundo se calcula, possue 42 mil apparelhos receptores de radio.

•

Os engenheiros japonezes ha muito tempo se veem preoccupando com o problema dos terremotos que frequentemente destroem as residencias no paiz. Por fim acabaram idealizando um edificio gigantesco que, de accordo com os seus planos, terá uma extensão de 80 pés de profundidade. E acreditam que semelhante edificio resistirá aos terremotos.

•

Empregando o radio, alguns scientistas inglezes conseguiram traçar a direcção das tempestades electricas através do continente europeu.

•

Inteiramente de metal e funccionando por meio de um motor de cinco cavallos de força, foi construido em Paris um enorme elephante mecanico para annunciar e ao mesmo tempo divertir o publico.

O SIGNAL DA CRUZ
EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL
GRANDE VERSÃO CINEMATOGRAPHICA FEITA PELA "PARAMOUNT"
A Roma dos Cesares, a Roma senhora do mundo, a Roma do luxo, da belleza, da crueldade e dos prodigios resurge viva e fascinante neste romance sem par no seu genero.
por
WILSON BARRETT
VOL. BROCHURA
5$
ENCADERNADO
7$
WILSON BARRETT
O SIGNAL da CRUZ
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
RUA DOS GUSMÕES, 26-28-30 — SÃO PAULO

A navalha dos sete assassinos

O faro policial, meus amigos — disse o financista Tom Pirson, — é um instincto, um dom sobrenatural que não se póde explicar facilmente. O cão, por exemplo, o possúe em alto grão. O macaco tambem, embora não tanto como o cão. O homem, entretanto, quasi sempre não o possúe. Em compensação, existem indivíduos que têm esse dom como uma segunda vista. Ponde um delles nos rastros de um assassino, e o vereis agir sem duvidas nem vacillações.

Edwin Aerthon respondeu:

— Eu, por exemplo, mister Pirson, sou precisamente um desses individuos. Não sei si é por instincto que sou assim, mas a verdade é que o sou... Dêem-me um crime para descobrir, e eu lhes garanto que em dois dias farei empallidecer á gloria de Sherlock Holmes e de Pinkerton.

Contemplavamos aquelle homem gigantesco e sympathico, que falava com tanta segurança, e nos surprehendia sua revelação como detective amador.

Sir Arthur Brainerd foi o primeiro a resumir a impressão de todos nós:

— Realmente, mister Aerthon, nunca teriamos imaginado que o senhor fosse da pasta dos detectives...

— Diz muito bem, Brainerd — falou o major Mac Nelly. — Eu suppunha que nosso illustre Edwin pertencesse antes á categoria dos jogadores empedernidos, e não á phalange dos apaixonados pelas aventuras policiaes...

O visconde Grey de Sufedo ajuntou:

— E' difficil classificar os homens... Quanto mais nos parece conhecêl-os, tanto mais resistem a revelar seus verdadeiros caracteres e aptidões.

Grandes gritos da rua chegaram até nossos amigos:

— O mysterio dos sete assassinos!...

— Que me diz, Aerthon? Ahi está uma opportunidade magnifica para nos dar provas de sua habilidade policial. Comprehende? O Departamento Central de Policia declara que a tragedia do pavilhão de Gepsland pertence ao genero indecifravel. Não interessaria sua revelação?

Edwin, acariciando as duas faces, respondeu:

— Tem razão, major. Conheço o facto pelo que publicaram os jornaes. A familia Hapgood — o velho Reginaldo, seu filho Walter e sua esposa Martha, os pequenos Verne e Guilherme, o criado Channing e o pintor Herberto Mowat, ha oito dias que foram encontrados mortos no pavilhão de caça, em Gepsland..., todos com uma punhalada igual e todos sentados á mesa, pois os crimes se deram á hora da refeição... Conheço o caso...

O grego Christovão Krysokaris, um dos frequentadores do café, perguntou:

— O senhor se atreveria a afrontar um problema que assustou aos agentes Purdie, Luerhrann e Mead?

Edwin encolheu os hombros:

— Occupar-me desse crime, ou de outros, dá no mesmo. E já que se me apresenta este, eu o acceito.

Immediatamente, um estentóreo e jubiloso côro de exclamações lhe respondeu — exclamações meio enthusiasmadas, meio irónicas.

— Viva mister Edwin Aerthon!

E todos beberam á sua saúde. Depois, um após outro, abandonaram o café. O grego sahiu com Edwin, e lhe disse:

— Não é que duvide de sua intelligencia, senhor, mas permitta-me que não acredite de todo no éxito de sua missão. Um crime como o de Gepsland foi muito bem commettido para poder esperar que os culpados cheguem a ser descobertos. Lendo os jornaes, de que só um espirito superior poude dirigir os sete assassinos. E, por outro lado, essa é a convicção de Purdie e de todo o pessoal...

Aerthon era mais teimoso que burro andaluz, e replicou:

— No emtanto, ha de ver, Krysokoris, como descobrirei alguma coisa. Tenho o presentimento de que assim será. E meus presentimentos não falham.

Uma vez em sua casa, situada nos arredores do Parque Washington, Edwin reflectiu sobre a árdua tarefa que se propunha emprehender.

Desde uma semana antes, os jornaes do Miami publicavam os detalhes da macabra descoberta, feita por um guarda-bosque: sete cadáveres, mortos de um ferimento igual, e sentados á mesa, menos um, o velho criado Channing, extendido á porta da cozinha. O inspector Purdie interrogou a cozinheira e a camareira dos Hapgood, que, a principio, pareceram suspeitas. Mas ambas puderam demonstrar, com testemunhas e outras provas, que seus patrões os tinham mandado pôr em ordem a casa de Miami. Havia ainda um vendedor ambulante, convidado pelo velho Reginaldo a se afastar, si não quizesse levar uma surra de pão. Mas elle tambem não fôra, pois no dia do crime havia sido detido em Tampa por uma contravenção. E, finalmente, o inspector Mead interrogára proliixamente os demais proprietarios de Gepsland. Em nenhum delles haviam recahido as suspeitas...

Toda essa série de fracassos confirmava as conclusões dos tres melhores inspectores do Departamento Central: resultava impossivel descobrir o culpado. E tudo parecia levar o caso á região dos mysterios insoluveis.

Assim meditando, Edwin percorria seu aposento a largos passos, quando um rumor de luta chamou sua attenção. Tres ou quatro homens brigavam á sombra das arvores da avenida.

Edwin lançou-se como uma exhalação para o campo da luta. Era um gigante audacioso e generoso, disposto a intervir sempre que visse brigar dois homens, e a tomar a defesa do mais fraco. Dessa vez, eram dois homens contra um só. Um quarto indi-

(Continúa na pag. seguinte)

A NAVALHA DOS SETE ASSASSINOS (conclusão)

viduo permanecia afastado da luta e se limitava a aconselhar os dois companheiros.

— Segura-o, Sam... Agora... Assim, Dun!... Coragem!...

O gigantesco Edwin cahiu no meio delles como um bolido, e lançou um *uppercut* a mister Sam, que retrocedeu quatro passos, para cahir longe.

Dun pôz a mão no punhal, mas não ficou fóra do alcance de Edwin, o mesmo fazendo o que até então não tomára parte na luta, emquanto que o atacado puxou uma navalha e gritou em hespanhol:

— Valha-me Deus! Cortar-te-ei o coração, Pat, com esta navalha que soube despachar sete em menos de um minuto...

Edwin deu um formidavel salto para livrar-se do punhal de Dun, e deu neste um tremendo pontapé numa perna. Dun cahiu com a perna quebrada. Os outros fugiram. Só ficou o hespanhol.

Este fechou sua navalha deante do revolver de Edwin.

— Muito mal isto, senhor! Si não fosse sua intervenção, a coisa não teria passado de box... Mas o senhor a causa de terem reluzido as navalhas... De qualquer modo...

Edwin não deixára de contemplar o individuo em cujo auxilio corrêra: tratava-se de um hespanhol de hombros largos, todo ossos e nervos, com os olhos fundos e cheios de fulgores selvagens, as mandibulas espantosamente quadradas. Havia nelle todos os signaes que phrenólogos e criminalistas definiram em suas obras.

— Que modo de olhar tem o senhor!... — disse o hespanhol, que ainda conservava a navalha na mão.

Edwing gritou-lhe:

— Mãos ao ar! Atira tua arma fóra, si não queres que te crive de balas!... Passa para a frente e caminha devagar!...

Meia hora depois, acompanhados de dois agentes que se lhes haviam incorporado á sua passagem, Edwin e o hespanhol se apresentavam deante do inspector Purdie.

— Inspector, creio não me enganar ao dizer-lhe que lhe trago o assassino da familia Hapgood...

Extenuado por um interrogatorio que durou quatro horas consecutivas, com os lábios ardentes e o cérebro em chammas, José Méndez acabou confessando seu crime.

Praticára-o para vingar-se de um ferimento que lhe abrira o pintor Herberto Mowat, defendendo-se delle em uma rua deserta de Jacksonvill. O acaso levára-o, vagabundando, a Miami, onde vira de novo seu agressor, e o odio contra este o impellira a consumar a tragedia. Ninguem o vira entrar no Parque de Gepsland, e fácil lhe fôra matar as sete victimas, atordoadas pelas emanações de um ácido que elle havia derramado pelo pavilhão de caça.

Mister Purdie não cessava de celebrar a façanha de Edwin Aerthon, e o proclamava o rei da policia norte-americana, si quizesse dedicar-se á profissão.

Mas Aerthon, que não tinha o menor desejo de seguir o seu conselho, respondeu:

— Foi o acaso, inspector, unicamente o acaso... O mérito que você me attribúe não existe...

SER BELLA
É PRESENTE
DOS DEUSES...

...Ter cutis impecavel, macia, avelludada, sem espinhas, manchas ou sardas, é privilegio de quem usa o

SABONETE de EUCALYPTO

ENTARDECER

(*Especial para "Fon-Fon"*)

DAQUELLE angulo deserto da Avenida tumultuosa, á hora crepuscular, eu meditava — talvez sonhasse — ante o *drink* que escolhêra para saudar a noite proxima...

Com o éco dos ruidos multiformes, a pellucia sonorizada de um tango machucado chegava aos meus ouvidos, acariciando, de leve, mansamente o passado adormecido.

Do fundo do liquido ambarino uma silhueta etherea, fluidica, esguia, tanagrina na immaterialidade de um sonho impossivel, emergiu, silenciosa, num bailado tragico, a reviver todo um passado de miserias...

Da distancia, Ella, que era o enygma sob a fórma de mulher, e se installára em minha sensibilidade de artista com a displicencia de quem experimenta novo commodo, possuia a magia diabolica do arrebatamento e do extase supremo.

"Querido, vem para mim, como o sol para a festa matutina; necessito só a ti, e, longe de teus braços, falta da musica entontecedora de teus carinhos, enlouqueço!"

Então, senti-me grande e forte como um deus olympico e superior aos meus semelhantes, porque jura o amôr integral dessa mulher estranha, singular, differente, que no tabernaculo de seu coração me tornara o vinho e o pão de sua vida...

Quão longe estava eu, inebriado pelo estonteamento de uma paixão, da realidade esmagadora do mundo, a ponto de acreditar-me insubstituivel, o *unico*, o salvador da Magdalena que, como si buscasse, no arrependimento, sua absolvição, envolvia meus pés de peccador no sandalo de uma crença edificante.

Como D'Annunzio, "ambos acreditavamos em nosso sonho, e mais de uma vez, embriagados, proferimos as duas grandes palavras: Sempre! Nunca!"

Passado o momento propiciatorio, porém, quando regressados á objectividade das coisas, a desillusão soffrida foi a maior que alguem já provasse, e a mulher-flamma tornou-se gelo, tornou-se indifferente incinerada que fôra a ansia divinisadora primeira.

Porque o Amôr—agora o creio—jámais conseguirá ir além de uma simples exigencia physiologica, de um estado freudiano, ainda que os loucos sentimentaes fantasiem romances doirados em torno de acto que de maneira tão abjecta offende a Belleza transcendente...

Posto que acreditemos "na intelligencia da carne, na affinidade rarissima e mysteriosa que

De Gomes Netto

liga as creaturas ao tremendo laço do desejo insaciavel", passado o deslumbramento, á aurora succederá a agonia de um occaso irremediavel, e nada mas subsistirá.

O que une verdadeiramente dois sêres é a amizade, mas esta é a recordação, a alma penada do amôr extincto, e só vive da lembrança...

Quem poderá adivinhar a dramaticidade interior que acompanha todo Esquecimento?

Como Mesea Tubat clamei, na desesperação do primeiro minuto, com a dôr de quem houvesse perdido a luz dos olhos:

"Faze que a olvide, Senhor! Tira-a de minha memoria, de meu sangue, de minha recordação! Olha dentro de meu coração, Deus meu; não vês como o trago?... Parece uma chaga dolorida sangrando. Olhe, Deus meu: os seus labios levo-os aqui, presos sempre ao coração; bebendo estão meu sangue, e pouco a pouco vão beber minha vida, Senhor!"

Curado da insania, já de mais nada hoje, me recordo. Volvi a ser o que todo mundo é, a viver como toda gente vive, sem aspirações acima do terra-a-terra — completamente desencantado, porém attento ao systema vegetativo, para que a luz bruxuleante do fardo que arrastamos, inutilmente, se não extinga...

* * *

Que bem faz á alma sonhar-se de olhos abertos!

Ao longe, os letreiros luminosos, na mutação photochromada dos arabescos cabriolantes, balbuciavam phrases duvidosas, inexpressivas: "Ama-me esta noite;" "Por amôr a uma mulher"; "Uma hora comtigo"...

O liquido ambarino agora se fizéra negro, escuro como o céo, que, lá de cima, da telaria iridescente, reticenciava indagações afflictas de luz...

E suave, mansamente, as palavras melancolicas de Rojas Paz desceram sobre a quietude nirvanica de meu espirito: "A Vida humana é uma sombra que caminha para a Morte"...

Notas de Arte

MARIA DE LOURDES SA' EARP — Homenageando a joven cantora srta. Maria de Lourdes Sá Earp, que segue breve para a Europa afim de aperfeiçoar-se na arte do canto, de que é uma das mais esperançosas cultoras, realizaram na tarde de hontem, 5a-f., 6 de abril, no salão nobre da Associação dos Empregados no Commercio, as suas collegas do curso da Prof. d. Maria Isabel de Verney Campello, um bello recital, onde figurou como acompanhador o applaudido pianista Mario de Azevedo e em que se ouviu, alem de alguns extra, este programma: I) MARCELLO VON SYDON — *Teus Olhos* e BIZET — *Carmen* (Aria das cartas), por Alda Goulart; MENDELSSOHN — *Barcarolle Venitienne*, por Clotilde Habcouk; DELL' ACQUA — *Villanelle*, por Elisa dos Santos Carvalho; GRÉTRY — *Monologue de Mlle. Saint-Yves*, por Zininha Telles de Menezes; II) A. THOMAS — *Psyché*, por Lili Decco; MASSENET — *Serenade du Passant*, por Heloisa Vasconcellos; MARTINI — *Plaisir d'amour*, por Olga Mariani Machado; VERDI — RIGOLETTO (Caro nome), por Olga Rodrigues; LEONCAVALLO — *La Bohéme* (Duetto) por Zininha Telles de Menezes (Mimi) e Luiza Muniz Freire (Musette); III) F. BRAGA — *Virgens Mortas* e MASSENET *Herodiade*, por Eneida Silva; e MASSENET — *Amoureuse* por Luiza Muniz Freire; WEBER — *Freischutz* (Aria de Annette), por Elisa dos Santos Carvalho; SAINT-SAËNS — *Samson et Dalila* (*Mon coeur s'ouvre á la voix*), por Alda Goulart.

Não nos foi absolutamente possivel comparecer á hora precisa, de sorte que só tivemos ensejo de assistir ao ultimo numero da 2ª e toda a 3ª parte, em que ouvimos com prazer as vozes das srtas. Zininha Telles de Menezes, Eneida Silva, Luiza Muniz Freire, Elza dos Santos Carvalho e Alda Goulart.

Felizmente, o principal da festa não perdemos: foi a audição da homenageada, cujo talento sempre e cada vez mais admiramos desde a vez primeira em que a ouvimos no Theatro Municipal, em 29 de novembro de 1930.

Dessa data até hoje justo é assignalar os grandes progressos da joven musa do canto. Ouvindo-a no ultimo recital, cantando arias de *Semiramis* e *Thais*, tivemos impressões maiores do que esperavamos. Pareceu-nos até, num enthusiasmo de momento, que não acabavamos de ouvir uma cantora que se ia aperfeiçoar, mas uma artista na plenitude da sua arte. Pareceu-nos que já voltava aperfeiçoada e não partia para aperfeiçoar-se...

A srta. Maria de Lourdes não se mostra apenas dotada de voz melliflua, avelludada, de agradavel timbre em todos os registros, mas tambem já muito senhora da sua arte, cantando *piano* com impressionante belleza, e vivendo o canto com notavel temperamento dramatico.

Reouvindo-a mais uma vez, agora, não temos mais duvida de que, ao voltar da Europa, após as licções dos grandes mestres, a srta. Sá Earp será uma cantora de merito invulgar, pois os seus naturaes dotes lyrico-dramaticos terão attingido o grão maximo da cultura que mere-

(Conclúe na pag. seguinte)

O pianista Arthur Rubinstein que inaugurará no proximo dia 22, a Temporada Official de Concertos da Empreza Artistica Theatral Ltda., no Municipal.

cem e produzido a artista completa que pode e deve ser um dia.

Embora sem autoridade technica para dizer, sentimos não exaggerar proclamando o vaticinio de que o Brasil contará num futuro proximo com mais uma bella figura da scena lyrica — Maria de Lourdes Sá Earp.

THEATRO MUNICIPAL. — Cedido pela Prefeitura, em concurrencia publica, á Empreza Artistica Associada, de que é principal representante o maestro Sylvio Piergili, o Theatro Municipal terá vida intensa na proxima estação de arte.

Será inaugurada a série de exhibições artisticas com os concertos do grande e festejado pianista russo Arthur Rubinstein, que estreará no proximo dia 20. Mais tarde ouviremos tambem outro pianista notavel, que anda não nos visitou — o viennense Robert Goldsand, e pouco antes o celebre Quartetto Guarnerius.

Teremos em Junho a Companhia Dramatica Franceza, onde avultam as grandes figuras de Germaine Dermoz, Pierre Magnier e Jéan Marchant, este ultimo societario da Comédie Française, e cujo repertorio é constituido não só de peças novas, mas tambem das que mais exito alcançaram em outras temporadas.

Seguir-se-á a Companhia Lyrica Italiana, com um quadro francez e talvez com outro brasileiro, e que se constituirá de artistas directamente contractados na Europa, para onde seguirá, breve, enviado especial da Empresa concessionaria.

Mas a grande novidade da temporada é a estréa da Companhia Brasileira de Comédias, dirigida pelo applaudido actor Jayme Costa e tendo como ensaiadora Italia Fausta e de que fazem parte, alem do actor-director, Lygia Sarmento, Olga Navarro, Nathalia Aragão, Arlette de Souza, Denitz de Souza, Maria Helena, Armando Rosas, Ferreira Maya, Barbosa Junior, Mario Salaberry, Alvaro de Souza, Aurelio Corrêa.

Informam-nos que o elenco da "Comedia Brasileira" não é um elenco definitivo, porque Jayme Costa á semelhança do que se usa nos theatros europeus, fará o seu elenco de accordo com as peças a serem representadas, o que se chama — artistas em representação — para cujo quadro elle já conta com elementos da nossa sociedade e alumnos da Escola Dramatica Municipal. Seguramente 30 figuras devem participar da temporada official.

Informam-nos ainda que Jayme Costa já tem em seu poder para fazer representar nesta estação, as seguintes peças: *Mona Lisa*, de Renato Vianna; *Canção da Felicidade*, de Oduvaldo Vianna; *Victoria*, de Coelho Netto; *Capricho*, de Paulo Magalhães; *Historia de Carlitos*, de Henrique Pongetti; *Dindinha*, de Matheus da Fontoura; *Loucura Sentimental*, de Benjamin Costallat, extrahida do romance homonymo do mesmo autor.

E' de louvar-se o novo emprehendimento: manter annualmente, em o nosso principal theatro, espectaculos dramaticos genuinamente brasileiros pelos artistas e pelas obras. Já é tempo de, sem repudiar o estrangeiro apreciar o que é nosso; reconhecer que o Brasil pode e deve figurar entre as nações capazes de possuir o seu proprio grande theatro, não só como casa de espectaculos, como o Th. Municipal, mas tambem como viveiro de notaveis autores e actores.

Dados os elementos de que dispõe a Companhia Dramatica Brasileira de Jayme Costa, é de esperar sejam coroados de exito completo os seus espectaculos.

A estréa, ansiosamente esperada, deve ser no proximo dia 28 de abril.

OSCAR D'ALVA

BÔA SAÚDE... VIDA LONGA...

Obtêm-se usando o GRANDE DEPURATIVO DO SANGUE

"ELIXIR DE NOGUEIRA"

Do Pharm. - Chim. JOÃO DA SILVA SILVEIRA

Illustres medicos que depois de empregarem em suas vastas clinicas o Grande Depurativo do Sangue "**ELIXIR DE NOGUEIRA**", attestam o seu poder para combater a syphilis e suas terriveis consequencias.

PRECE

DE OSORIO DE ANDRADE

Papae do céo...
Eu ainda lhe chamo assim.
Prefiro não dizer "meu Deus". A vida
parou em mim:
— fiquei creança a vida toda.
Uma grande creança commovida
sempre, e sempre triste...

Porque sou bom, fiquei
sendo sempre o que era e o que serei.
Os máos
vão passando, e subindo, e subindo, e subindo.
Eu nunca posso, e vou ficando atraz,
nos primeiros degráos.

Papae do céo, não posso mais...
Quero ser máo, perverso, intrigante, indiscreto,
cynico, dissimulado,
— um tratante completo!
Só assim vencerei, papae do céo.
Sinão, irei ficando esquecido e apagado
na ante-sala da vida, onde os extras esperam
que os chamem para a scena...

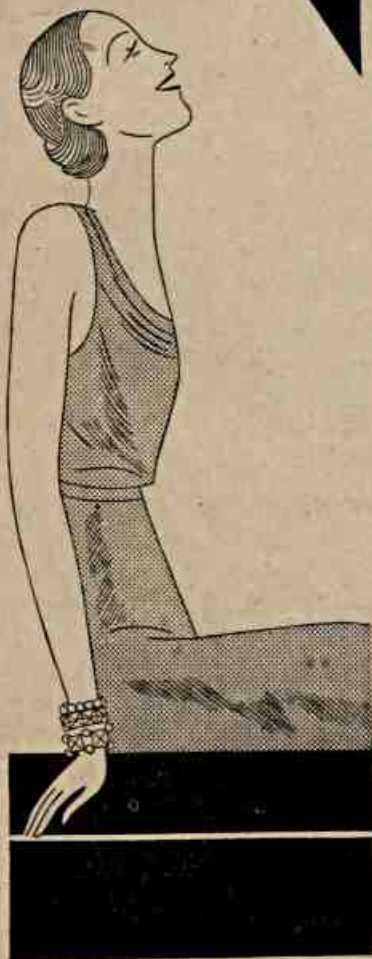
Escute: eu tenho uma queixa de você.
— Você me deu uma pequena
que eu nunca lhe pedi.
Então, papae do céo, você não vê
que não posso dizer a essa menina,
tão ardente, tão amante e confiada,
que eu não gosto della nada, nada?!
Papae do céo:
não tenha pena de mim, compadeça-se della.
seja bom, como eu!...
Destrúa, suavemente, esse sonho de amor
sem que ella sinta, e sem que ella
possa comprehender como isto aconteceu!...

Seja bom, como eu!
Não me faça ficar a dizer, todo instante,
"eu te amo, eu te amo", tão só por compaixão!

Não tenho forças p'ra desilludil-a:
ella pensa que eu a amo de verdade.
Faça-o você, papae do céo, por caridade!
Faça, mesmo, com que ella me repilla.
E lhe darei, então, o melhor que possúo:
— meu coração
de creança grande e triste, sempre triste...

Ou me conceda o bem de ser máo, egoista,
e de ter a crueldade
friamente assassina,
de anniquilar, no berço, o amor dessa menina...

Ah! como é máo ser bom, papae do céo!...

SORRIA...
E SORRIA ORGULHOSA!
CREME DENTAL GESSY
CIA. GESSY
Na edade media muito cavalleiro andante morreu por não ter alcançado um sorriso da sua dama... E muita dama não sorriu apenas porque não tinha dentes bonitos... Hoje não será por falta de dentes maravilhosos que os seus adoradores morrerão. O Creme Dental Gessy, contendo leite de magnesia, de accordo com as conquistas e exigencias da sciencia moderna, permitte-lhe embellezar os seus dentes, fazer asepsia perfeita do meio buccal, neutralizar a acção dos acidos, combater o tartaro que se deposita nos dentes, evitar o mau halito, sempre que as suas causas estejam localizadas na bocca.
Visite o seu dentista duas vezes por anno e use o Creme Dental Gessy trez vazes por dia. O Creme Dental Gessy, contendo leite de magnesia, é a belleza e a saúde da sua bocca. E é, assim, para a mulher, o direito de sorrir..
CREME DENTAL
GESSY
PRODUCTO DA CIA. GESSY S. A.
De Manhã
Ao Meio-Dia
A' Noite

Nº 1001
AGUA DE COLONIA
Nº 1001

ANNO XXVII

FON-FON

NUMERO 15

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 15 de Abril de 1933

«FON-FON» E A CIDADE

QUANDO *"Fon-Fon"* nasceu com o primeiro businar dos primeiros automoveis nesta mui leal e heroica cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro a chamada Republica Velha tocava o seu apogeu. Havia ordem e progresso, como diz o lema positivista da bandeira. Afonso Pena governava cercado da aureola do famoso Jardim da Infancia, enquanto Pinheiro Machado preparava silenciosamente o seu grande bote politico. A metropole narcisava-se maravilhada da obra de Passos e de Osvaldo Cruz. Na Avenida, ainda novinha em fôlha, com duas fileiras de tilburis em frente ao *Paiz*, em cujas janelas ás vezes aparecia a cabeleira branquicenta de Quintino Bocaiuva, e em frente ao Club de Engenharia, que desabara e renascera das ruinas, não existia um taxi e os automoveis não chegavam a cem. Os nossos contemporaneos apreciadores das marcas atuais: Ford, Lincoln, De Soto, Cord, Packard, Roll Royce, Buick, sorrirão das dêsses vereneraveis antepassados. Quem se lembra mais de Mercedes, Knox, Protos, Pope e Pic-Pic? O Jockey-Club estava ainda em construção. O Palacio-Hotel não era nascido. No local do Liceu de Artes e Oficios, corria um gradil de ferro com um velho barracão dentro. O cinema Parisiense estava na moda e suas sessões da segunda-feira, ás nove horas, atraiam o que se chamava o *set* carioca. Dois cinemas se abriam na rua do Ouvidor e, na porta dum dêles, o Novidades da época passava o dia a gritar:

— Vai começar a Inana! frase que se transformou em proloquio popular.

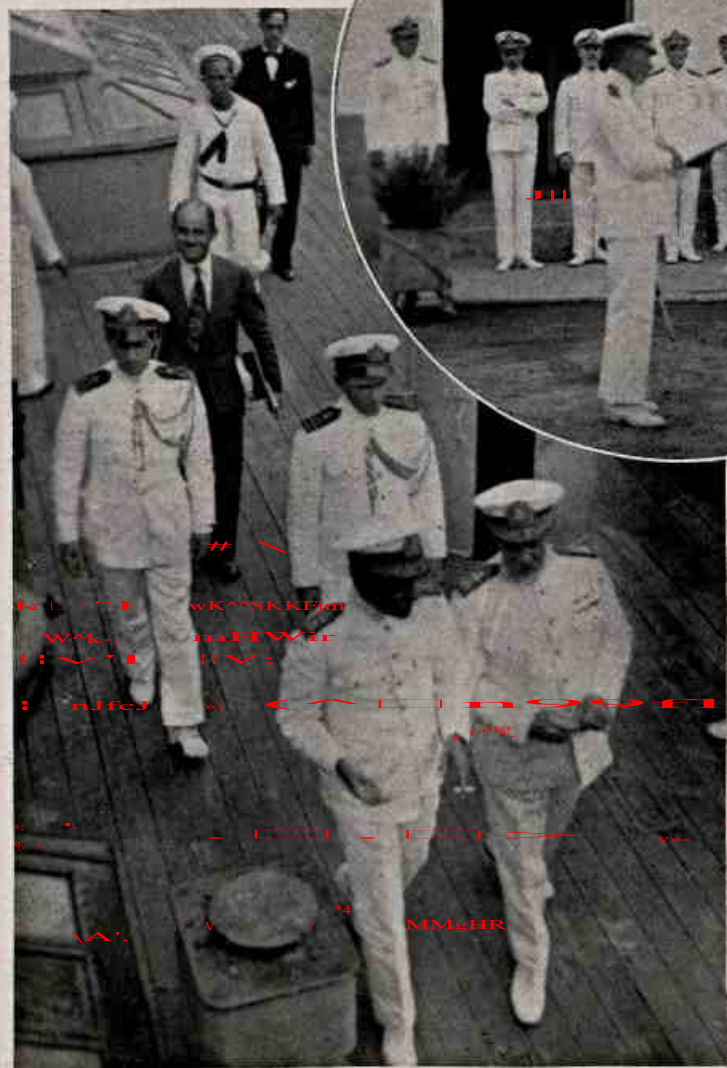
***

Nas noites de gala, o Municipal jorrando luzes, tinha suisso á porta, de calções curtos, meias de sêda e sapatos de fivela. Para o seu bicornio de marechal napoleonico e para o seu alto bastão branco de mestre de ceremonias, pasmavam os basbaques. Na platéa, apareciam as primeiras e timidas casacas de côr. O Automovel Club denominava-se Club dos Diarios e, nos seus salões, valsava-se e polkava-se romanticamente. Os rapazes elegantes sabiam marcar quadrilhas.

Preparava-se a Exposição para o ano seguinte, na Praia Vermelha, em cujo teatrinho a Berthe Baron iria cantar os seus *balancers*. Lia-se no fundo da curva do Russell um letreiro famoso, enchendo a fachada dum casarão antigo: *Pensão Tina Tatti*. E a Suzana Castera, idolo do antigo Alcazar, antes da proclamação da Republica, *viuva de Pedro Alvares Cabral*, passeava de carro, toda de branco, com uma sombrinha de rendas, de oculos escuros e plumas choronas no chapéo desabado, as *mitaines* de renda preta até os cotovêlos, e era condecorada pelo governo francês com a ordem do Merito Agricola pela excelencia dos seus vinhedos bordelêses.

Fazia-se o corso na praia de Botafogo. As saias das senhoras arrastavam pelo chão. Era uma africa vêr o tornozêlo duma mulher. Para isso, os pelintras acumulavam-se nos pontos dos bondes. As moças tomavam banho de mar acompanhadas de criadas, com blusas que lhes chegavam ao pescoço e calças que lhes cobriam as pernas. Os homens que se presavam não largavam a cartola, o fraque e as luvas. Não se sonhava ainda com a Avenida Atlantica. Não se falava em arranha-céus. O predio mais alto da cidade era o *Jornal do Brasil*. Desembarcava-se da Europa no cáes Pharoux. As barcas para Petropolis partiam da praça Mauá. O barão do Rio Branco almoçava na Brahma ou no Rio Minho. Havia um diplomata do Panamá, cujo nome não podia ser reproduzido exatamente pelos jornaes, que usavam deste eufemismo: D. Belisario Parras y Parras. Ainda se contavam anedotas do celebre general Cunha. Mostravam-se ás vezes, na rua, as reliquias do imperio: o conselheiro João Alfredo, o marquês de Paranaguá. Na rodinha da Garnier, pontificavam os luminares das letras. Bilac fazia ponto na casa Artur Napoleão. Um queijo de Minas custava oitocentos reis. A Camara dos Deputados chamava-se a Cadeia Velha. Casa e comida numa bôa pensão valiam cento e vinte mil reis por mês. E o melhor de tudo é que eu, que me lembro de todas essas cousas, ainda não tinha vinte anos e ainda não era bacharel...

GUSTAVO BARROSO

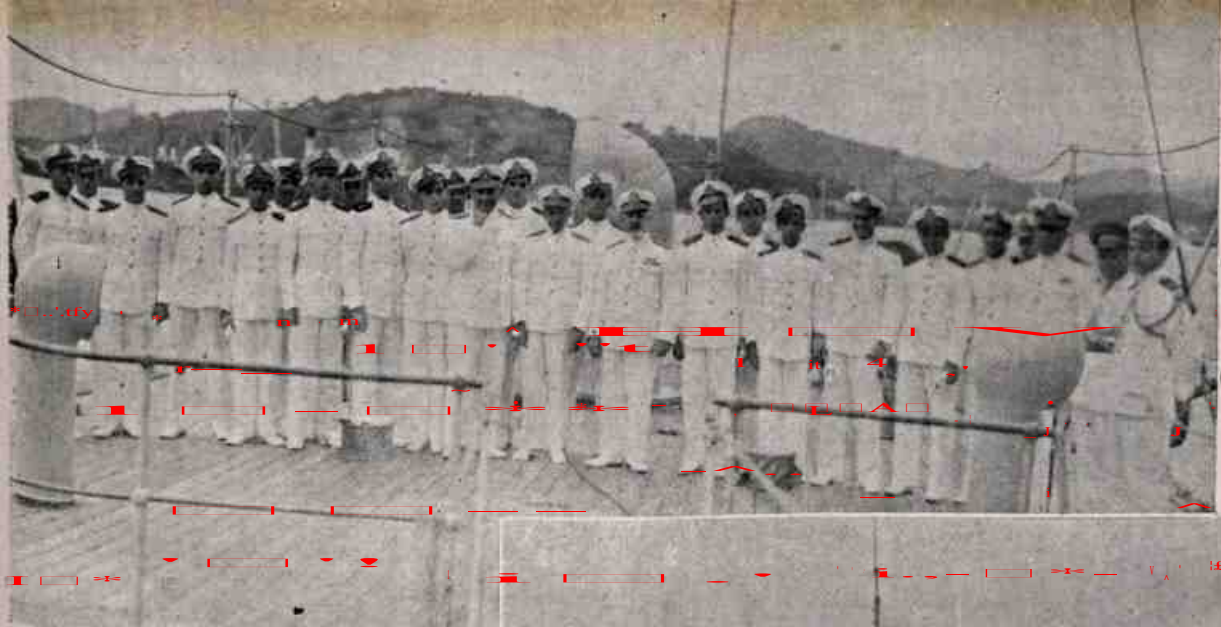
PELA NOSSA MARINHA DE GUERRA

O cruzador «Barroso» acaba de reverter ao serviço activo da Armada, transformado em navio-alojamento para os alumnos do curso superior da Escola Naval. Na ultima semana, realizou-se, na ilha de Mocanguê Pequeno, séde das Escolas Profissionaes da Armada, a ceremonia da entrega daquella unidade da nossa Marinha de Guerra á direcção da Escola Naval, estando presentes ao acto, além de outras altas autoridades navaes, o almirante Protogenes Guimarães, ministro da Marinha. Esta pagina focaliza alguns detalhes da solennidade e da visita das autoridades navaes ao cruzador «Barroso», realizada logo após o acto da entrega.

DA COVARDIA

Receia-se cahir nas malhas da covardia, quando se procura fazer a descripção della.

Os seus effeitos não permittem a confundamos com sentimentos nobres como a prudencia e a resignação.

Movido pela vingança ou pela inveja, o covarde trabalha na sombra. Para elle, as melhores acqui-

sições, — sejam de ordem moral, physica ou intellectual, — abrem caminho ás perfidias e ás futuras injustiças.

Inimigo automatico de quem parece ser mais ditoso, opina, o covarde, que os alheios triumphos a elle, de direito, deveriam caber.

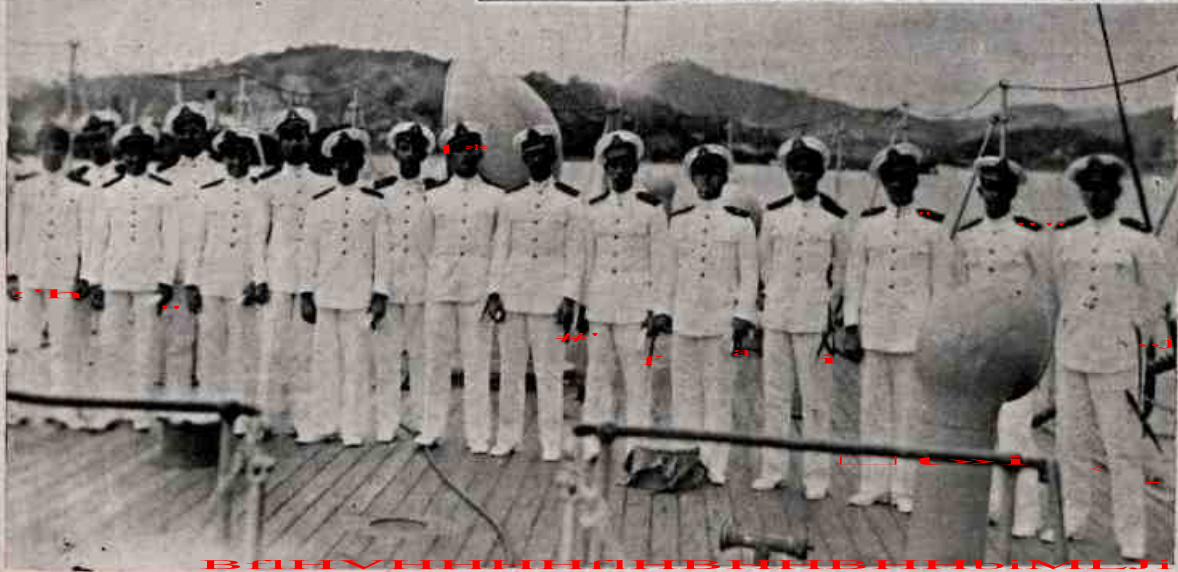
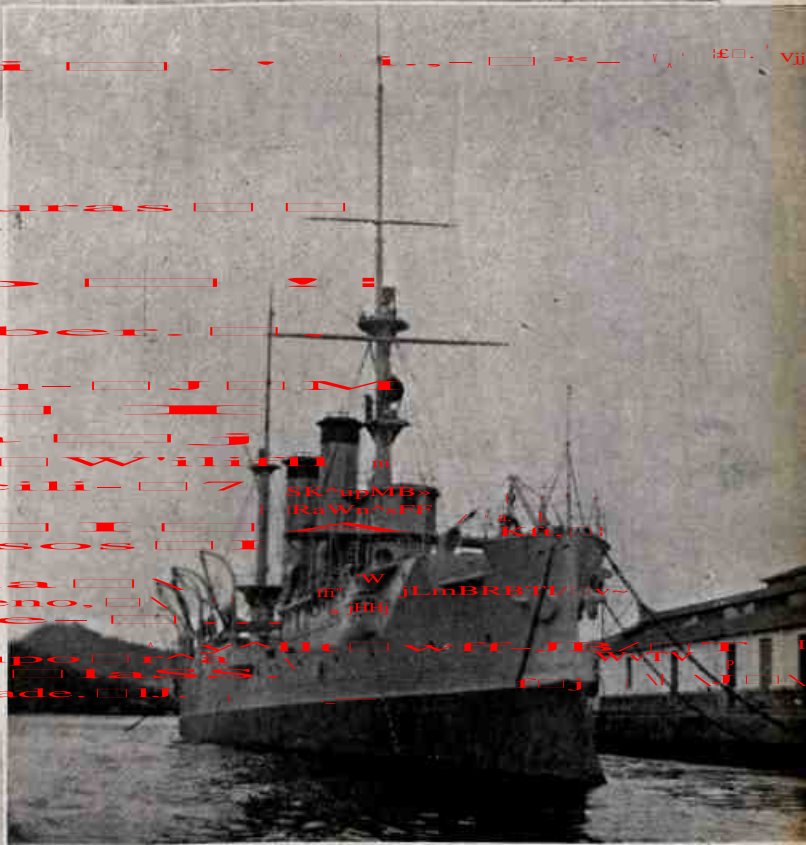
E' um modo dynamico de invejar, de envolta com estudado mutismo...

A covardia não deixa de ser a resultante de allucinações, as quaes um dia, certamente, facilitarão o exterminio do covarde...

ALEXANDRE PASSOS.

O «Barroso» atracado ao cáes da ilha de Mocanguê Pequeno, as altas autoridades presentes á ceremonia da entrega daquelle cruzador á Escola Naval, e um grupo dos aspirantes que assistiram á expressiva solemnidade.

A RECONQUISTA

MARIO POPPE

— NÃO... Não... Quero que fiques ao pé de mim. Não tenho nenhum desejo de ir ao *reveillon*. O hotel deve estar repleto. Uma multidão alegre, o ruido dos *jazz*... O marulhar humano entregue ao louco prazer desta noite far-me-ia mal aos nervos. Não... Não tenho nenhuma disposição para me vestir. Prefiro ficar aqui, na intimidade do nosso quarto, ao teu lado, respirando ar mais puro...

— Repara a transparencia do luar, querida! Lá fóra, olha... A folhagem está lavada! As arvores estão recortadas no fundo claro da paizagem. As arestas do casario branco apparecem vivas, aggressivas. E estas vozes, ouve-as...

— Sim, ouço-as... São as vozes da loucura que vae pela cidade, as vozes que me fazem mal, meu amor.

— Palavra, não percebo!

— Ah! Deixa-me ficar quieta esta noite, ao teu lado. Serei infinitamente mais feliz que ao lado dos nossos amigos. Não desejo dançar. Nem quero que tu dances nem mesmo com a nossa melhor amiga...

— Não comprehendo!

— Tu comprehenderás, fazendo a minha vontade.

— A tua vontade?!

— Sim...

— Mas, si nunca dispensaste o *reveillon* do Natal! A nossa mesa lá está, reservada, como sempre, por exigencia tua!

— Verdade. Porem, este anno...

— Que tem?!

— Não quero.

— Não queres...

— Não devo ir.

— Não deves...

— Não devemos.

— Que coisa se passa pela tua cabeça?...

— Nada.

— Então?...

— Que segredo tenho dentro em mim, devias perguntar...

— Como?! Que significa a tua pallidez?!...

— Estou pállida?!

— Esse brilho esquisito dos teus olhos?!...

— Adivinha...

— Mas, então, ha um mysterio que devo decifrar... Um mysterio... Um mysterio!

— O mysterio da minha grande felicidade, da nossa felicidade.

— Queres me fazer doido, evidentemente! Doido...

— Quero dar-te a certeza, a alegria da tua fortuna.

— Inútil, Regina...

— Ah! Não tens necessidade de assumir essa attitude de actor trágico... Vamos conversar com calma. Preciso do teu amor, do teu carinho, como nunca.

— Um escandalo?...

— E' possivel...

— Um escandalo?

— Oh! Assustas-me com os teus gestos, Emilio!...

— Mas, que se passa? Dize, dize...

— Alguma coisa de extraordinario.

— De extraordinario?!...

— Que tu não poderás ainda comprehender.

— Hein?!

— Que só eu comprehendo, sinto!...

— Tu...

— Deixa-me socegar um pouco, tranquillizar o coração que bate forte. Fica ao meu lado, commigo, só commigo, esta noite. Vamos conversar, longamente...

•

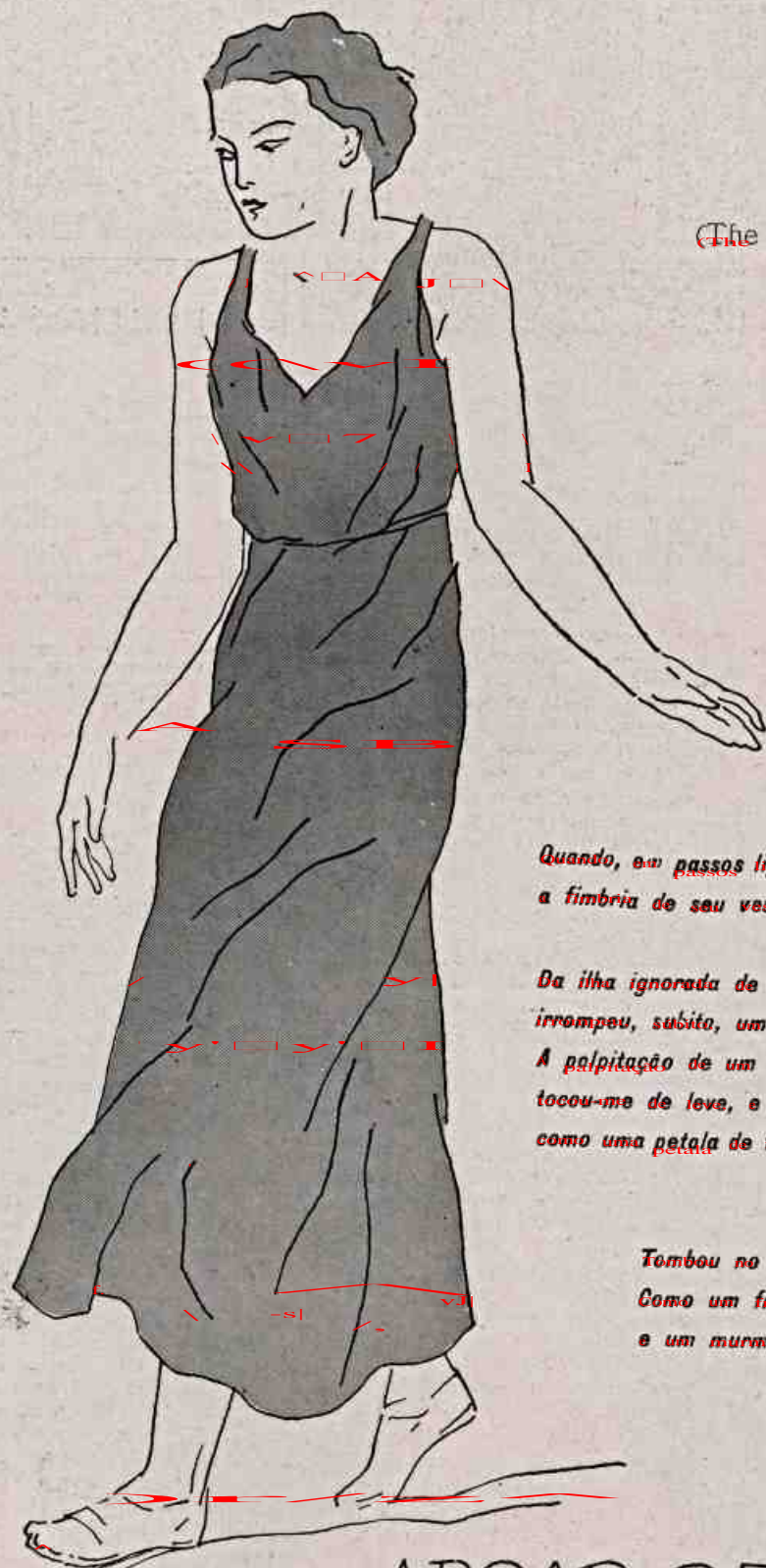
REGINA abriu os braços para o marido. Fel-o deitar a cabeça junto aos seios, que arfavam desordenadamente.

Emilio, então, comprehendeu que havia sido reconquistado.

Ficava lá fóra, no outro lado da vida, a illusão de um amor banal. Ali, entre as paredes do lar, a chamma de uma felicidade quasi extincta reaccendia, aquecendo dois corações, ligando-os para a vida de um terceiro que breve devia chegar! Fundiram-se as bôccas num beijo nervoso. E ficaram, para a festa da sublime revelação daquella noite...

«MISS BRASIL 1932»

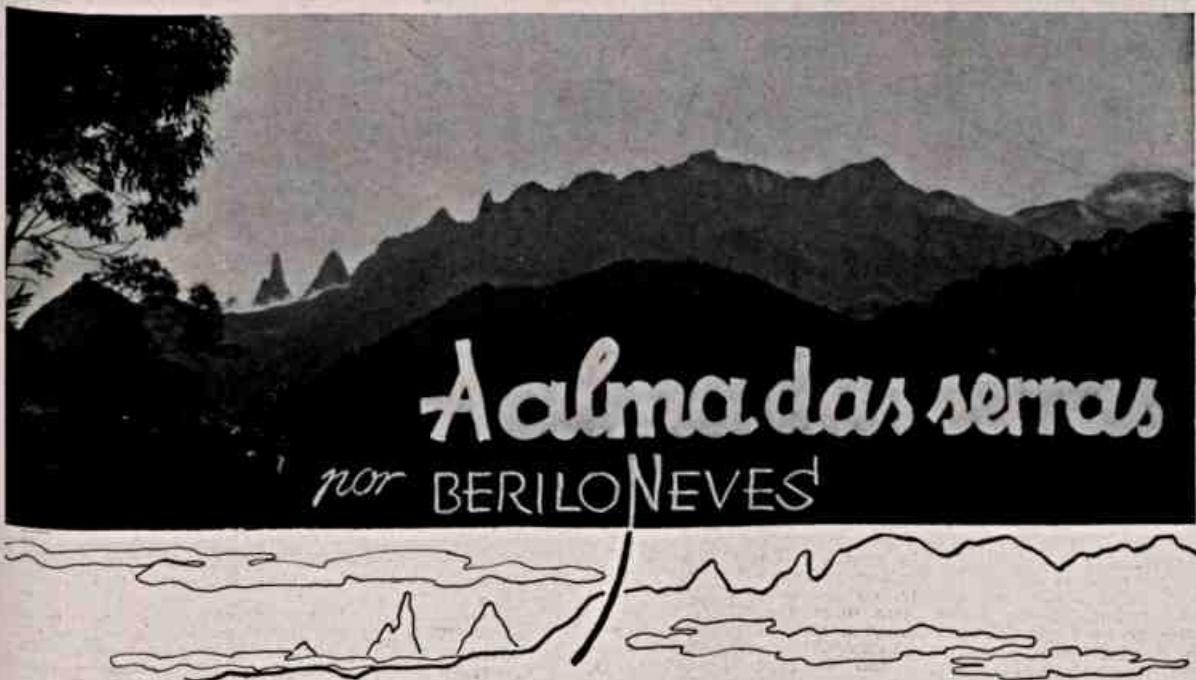
Yêda Telles de Menezes é bem uma authentica representante da belleza da mulher brasileira. O titulo que, em Paris, lhe conferiram os seus patricios ali residentes, elegendo-a, em memoravel concurso, «Miss Brasil 1932», foi, aqui, ampla e festivamente ratificado. Yêda, victoriosa no torneio de belleza e de elegancia da Cidade Luz, teve, na sua patria, a consagração da sua victoria. E venceu duplamente nos altos circulos do mundanismo carioca: pela magestade mesma da sua esplendente belleza, pelo seu irresistivel «charme» pessoal, e pelos seus dotes de espirito e de intelligencia. «Je charme tout» — bem poderia ser o lemma de galanteria dessa linda figurinha de mulher que vem enchendo de encanto e de festa os salões da nossa sociedade. Nesta pagina, que FON-FON dedica a «Miss Brasil 1932», estampamos varios flagrantes e attitudes de Yêda Telles de Menezes: «Miss Brasil 1932» apparece, nas photographias desta pagina, sozinha e acompanhada de suas collegas «Miss Europa», «Miss França» e «Miss Argentina».

de RABINDRANATH TAGORE

(The Gardener, XXII)

Quando, em passos ligeiros, ella passou a meu lado,
a fimbria de seu vestido roçou em mim.

Da ilha ignorada de um coração
irrompeu, subito, um halito ardente de primavéra.
A palpitação de um contacto esvoaçante
tocou-me de leve, e evolou-se num momento
como uma petala de flôr arrancada e perdida na aza do vento:

Tombou no fundo de meu sêr
Como um fremito de seu corpo
e um murmurio de seu coração.

ABGAR RENAULT

(*Especial para FON-FON*)

A Montanha é um capitulo de pédra da chronica geologica do Mundo. A Terra é um livro immenso cujas paginas são as estratificações do sólo e representam longos seculos de escriptura, e de labôr. O Cosmos é toda a infinita obra de Deus, cujos volumes são feitos de luz e se chamam astros, e cujas collecções são outros tantos mundos e se chamam vias lacteas...

* * *

A Natureza é um grande fôrno de incineração — e de transformação. O diamante é um raio de luz que se fez pedra assim como a gotta dagua é um raio de luz que se liquefez... Attila póde ter sido, ha 100.000 annos, uma violêta inoffensiva — e Napoleão póde renascer, no anno 50.000 da era de Christo, como um simples tufo de hortênsias...

* * *

A Belleza é a suprema fragilidade — e a maravilha suprema. Nada mais fragil do que uma nuvem que passa, uma rosa que desabrocha, uma ave que canta, e uma mulher que sorri... Mas, sem a nuvem, o Céo seria monótono; sem a rosa, a Terra seria triste; sem a ave, a floresta seria lúgubre; e sem a mulher... nunca se sabe si um sorriso de mulher é uma benção — ou uma calamidade!

* * *

Os pequeninos insectos que enchem a Noite com os seus trilos e os seus assovios!... São os meninos pobres da Selva, que não podem ir ao cinema da cidade, mas gostam tanto de viver como os leões e como os tigres da mata!

* * *

Um regato... Ha, sempre, no dôrso agreste das montanhas, fios dagua que serpeiam... São demonstrações liquidas da grande lei do equilibrio universal... Nada para abrandar tanto a dureza e a hostilidade de uma rocha como um filête dagua que escorre. Os assassinos e as feras tambem choram... O regato é um modo, que as pedras têm, de ser sensiveis e acolhedoras...

* * *

Aves, insectos, regatos, fôlhas que se movem... constituem a grande orchestração symphonica da Montanha, salão de concerto que nunca cerra as suas portas de granito e onde Deus faz ouvir a sua voz eterna... A Musica géra a Belleza, na Arte, e della nasce, na Natureza...

* * *

A's vezes, uma pagina retumbante de Wagner! E' um temporal. Os trovões rolam, ao longe, como os écos dos metaes na sala de espectaculo... Ha estalos seccos, de fios electricos que se cruzam... As fitas dos relampagos desenrolam-se no espaço, enfeitando a abobada celeste... E Lohengrin passa, com o seu capacête reluzente, de Cavalleiro do Ideal, deixando, após si, um grande rumor de astros que desabam...

* * *

Na vida physica, como na vida moral, a tempestade é uma purificadôra de ambientes. Nunca um dia é tão verdadeiramente bello como depois de um temporal. Nunca a Vida é tão superiormente suave como depois de um soffrimento... O ozona está para a atmosphera physica assim como a Dôr para a alma humana...

* * *

E' pena que os temporaes da alma sensivel, como os da Natureza bruta, sacrifiquem as flôres humildes dos valles, que não sabem as razões por que os raios do Céo ferem e castigam as montanhas da Terra...

* * *

Uma vida sempre limpa de amarguras é um impossivel tão estupido como um céo sempre limpo de tempestades...

* * *

A Serra é uma escola de Perfeição. O vale é uma tregua, para o Pensamento... Subir sem cessar — cansaria depressa si as vertentes da Montanha não forçassem o Homem a repousar — e a vêr o caminho percorrido, e os cumes dominados, e os desanimos vencidos

* * *

Subir, crescer, frondejar, florir, fructificar... Aspiração incansavel dos Homens, destino facil das Arvores!... Mas ha homens (como ha arvores) que jamais darão fructos, nem deixarão, na Terra, a semente fragil do seu Ser... São como os cedros solitarios, que vivem nas encostas das montanhas, batidos dos ventos, feridos do sol, castigados da chuva, mas sós, orgulhosamente sós, soberanamente sós, ostentando entre o Céo e a Terra a terrivel alegria de uma dôr que nunca ninguem comprehendeu — nem comprehenderá nunca!

Therezopolis, março de 1933.

A INQUIETAÇÃO da FELICIDADE

ESTIRADO sobre a areia prateada da praia, Mauricio de Freitas acompanhava, disfarçadamente, os gestos e os movimentos de Maud, que disputava, num grupo proximo, uma animada partida de peteca, sport a que se entregava, habitúalmente, antes do seu banho de mar matinal.

De quando em quando, sua risadinha crystalina, cantante, como um gorgeio alegre de passaro, soava-lhe cariciosamente aos ouvidos.

O riso de Maud!... Aquelle riso algo brejeiro, espontâneo, fluente e correntio como o cascatear de um corrego vagabundo!... Riso que parecia conter a suave harmonia de uma caricia musicada, e que, um dia, o fascinára e attrahira, irresistivelmente, para aquella garota, menina e moça ainda, de quem, ha mezes, fizera sua mulher, elle que bem poderia ser seu pae!...

O destino, porém, assim o quizéra. O destino ou seu coração? Ambos talvez, porque todo o destino de sua vida tinha a marca do seu coração.

Pesára bem a differença de edade existente entre elles: ella, chrysalida, que mal ensaiava o vôo para os anseios da linda borboleta que seria, quando mulher, ainda se preoccupava, aos 18 annos, com o arranjo de suas bonecas e de seus rosados bêbês de celluloide; elle, com quarenta annos, vividos, desde cedo, amarga e dolorosamente.

Um desilludido — dizia-se, antes de a ter conhecido — do amôr das mulheres e um vencido, moral e intellectualmente, na escalada material e espiritual da luta pela vida...

Naquelle momento, com o busto meio erguido, apoiado sobre seus braços fortes, vendo a figurinha de boneca de Maud agitar-se de um lado para outro, alegre, feliz, despreoccupada, dominava-o uma invencivel sensação de angustia e de tristeza.

Ciúme de Maud?... Não; conhecia-a bastante: e, creança, na apparencia, nos gestos, na desenvoltura das attitudes, na expressão ingênua dos seus olhitos vividos, na modulação infantil da sua risadinha cantante e feiticeira, Maud tinha, no emtanto, uma alma e um coração de mulher. De mulher experiente, sensata, equilibrada. Aquella cabecinha de garota intelligente sabia pensar, sabia querer, sabia aconselhar.

Maud, era, porém, natural, espontanea, instinctivamente alegre. E sentia necessidade de dar expansão a essa intensa alegria interior que jorrava de todo o seu ser pequenino como um esguicho esfusiante de agua fresca e limpida de fonte. Nem poderia deixar de ser assim: aquella eclosão de joie de vivre era-lhe natural e, depois, nunca a desillusão e o soffrimento haviam ferido e torturado a alma e o coração da sua adorada «garotinha». E Maud vivia intensamente o seu presente, desprendida de um passado, que não tivera, e despreoccupada do futuro...

Como deve ser bom não se ter um passado — pensava Mauricio — não se trazer dentro de si a torturante inquietação de uma duplicidade de almas em conflicto!... Uma a tentar, em vão remontar as cabeceiras longinquas do rio tumultuoso da vida, na ansia louca de retornar aos pontos de partida; outra, a acompanhar-lhe a corrente, no arrastão continuo das aguas em marcha para o desconhecido...

Uma, a reviver de todos os sonhos e anseios do passado; outra vivendo a hora presente, cheia de duvida e de incerteza, receiosa do futuro, mas buscando illudir-se ainda para poder enfrentar e vencer as ultimas etapas da vida!

Por que não conhecêra Maud quando ainda não tinha um passado? Um passado como o seu, rude e cruelmente provado?...

Mas, por que se queixar, si, depois de tanta desillusão e de tanto soffrimento, Maud, sua adorada Maudesinha, realizava em sua alma e em seu coração de desilludido e de vencido, o milagre de uma verdadeira resurreição? Não era feliz? Não tinha a certeza do seu amôr? Não era tão sua, aquella garotinha feiticeira, que lhe creára um mundo de escantamento e de ventura?...

Mas, o contraste, o estranho contraste daquella fragrante floração de primavera palpitando, a seu lado, dentro do outomno da sua pobre vida, inquietava-o, affligia-o, fazia-o soffrer.

Si Maud, um dia, deixasse de o amar? Ella, que era o ultimo refugio da sua consolação, da sua fé, da sua felicidade?...

Felicidade!... Existiria, emfim, a felicidade, a verdadeira felicidade?...

Mauricio sentára-se e, machinal, automaticamente, com um pequeno graveto foi traçando, na areia movediça da praia, as cinco syllabas da palavra fascinante e feitiça:

Pe... li... ci... da... de...

E, logo abaixo, escreveu o pequenino nome adorado da petite fée que realizava o milagre da sua felicidade — Maud.

Um riso de crystal que se faz em pedaços cantou a seu lado. E a vozinha cariciosa e doce de Maud interpellou-o, interessada:

— Meu querido, porque, em vez de fazer um pouco de exercicio commigo, ficas aqui, absorto, a gravar palavras na areia?

Mauricio fitou-a bem nos olhos, amorosamente, e disse-lhe:

— Pensava em ti, meu amôr. E, bem sabes, são teus, só teus, todos os meus pensamentos...

— Felicidade... Maud... Que significa isso, hein?

— Que a minha felicidade, toda a minha felicidade, se chama... Maud!

Uma onda mais forte, arrastada violentamente pela maré, que começava a encher, espraiou-se a seus pés.

— Vês, Maud?

— Que?

— Uma só onda mais forte, desfaz, ás vezes, a felicidade...

— Gravada na areia, queridinho?!... E assim, só assim, que sou a tua felicidade? Uma felicidade que a primeira onda desfaz?

— Louquinha! Sabes quanto te amo, Maud! Eu é que tenho medo que, um dia, leves comtigo a minha felicidade!

— Queridinho! Olha: e, pendurando-se nos hombros fortes de Mauricio, Maud, em plena praia, como uma verdadeira garota, beijou-o na bocca, dizendo-lhe: só quando eu morrer, deixarei de ser a tua felicidade, a tua alegria, a tua consolação. Mas, ainda assim, tu irias atraz da tua Maudesinha, não era amôr?

— Maud, és a razão de ser da minha vida.

— De toda tua vida?

— De toda minha vida, Maud, que tu animas e de que fazes uma festa continua, e uma continua felicidade...

— Por que ficas assim apprehensiva e triste, querida?

— E o teu passado? As mulheres que passaram pela tua vida? Como eu desejava que só a mim, unicamente a mim, tivesses amado! E eu sinto que o teu passado ainda palpita e vive um pouco dentro de ti, Mauricio...

PAULO WERNECK

(Continúa noutra parte da revista).

ELCIAS LOPES

O homem triste começou a escrever, — quasi sem objectivo nenhum:

"Liane — No momento em que traço o teu nome, — tão pequenino que até poderia caber dentro de uma violeta de Parma — como si fosse feito de um beijo de perfume — no momento em que escrevo o teu nome, eu penso na distincção, na fidalguia da tua illustre pessôa.

"E sabes, Liane? Tenho desejos de chamar-te Alteza. Porque, na verdade, tu me fazes pensar nas princezinhas dos contos de Perrault, e nas duquezas que passeiam, com os seus vestidos de tufos e cabelleiras empoadas, em parques lindos, cheios de pavões, de garças, de cegonhas, de piscinas, de sombras acolhedoras e gerânios felizes... As princezas, as duquezas e marquezinhas galantes, risonhas e bellas, que vivem nos poemas de Verlaine, de Samain e de André Rivoire...

"Sim, Liane, tu és bem uma Alteza excelsa, de porte senhoril e aristocrático.

"Mas, não sei porquê, ao pensar em princezas, logo me vêm á memoria duas idéas bonitas: — "a princesse loitaine", de Rostand, creio eu, e "l'oiseau bleu", de Maeterlink.

* * *

"Ah, minha bella morena, de olhos suaves e dormentes.

"Tu não te lembras? Naquelle chá-dançante, onde tu pousaste, ao meu lado, como uma tulipa côr de rosa, dentro da vaporosidade de um vestido de neve, transparente como os teus sonhos de utopista — lembras-te, Liane? — tu estavàs longe de mim. Tão longe como o "passaro azul" do poeta belga.

* * *

"Eu disse, melancolicamente:
" — Sinto que ha um muralha entre nós...
" — Por que?
" — Por que? — repeti, sorrindo, com a mesma melancolia — Porque tu és para mim uma figura de sonho...
" — Não entendo, — disseste.
"E eu esclareci:
« — Uma figura de sonho, porque só existes emquanto é a imaginação que trabalha. Quando se entra no dominio da realidade, sinto que foges ou te tornas impossivel, distante da minha mão, como si houvesse uma barreira entre nós...
« — Ou como si eu fosse "l'oiseau bleu", certamente... — gracejaste.

* * *

"Os dias vão passando. Tu cada vez ficas mais longe de mim.

Serás, de facto, o *passaro azul*, de Maeterlink?

"Emfim, Liane, eu sou dos que acreditam nos caprichos duros do Destino. E, dentro da velha concepção dos "caprichos do Destino", — caprichos que, ás mais das vezes, são inventados por nós — segundo quer Bilac — eu creio e tenho uma fé religiosa, no grande deus que é o — Acaso.

Adeus, Liane.

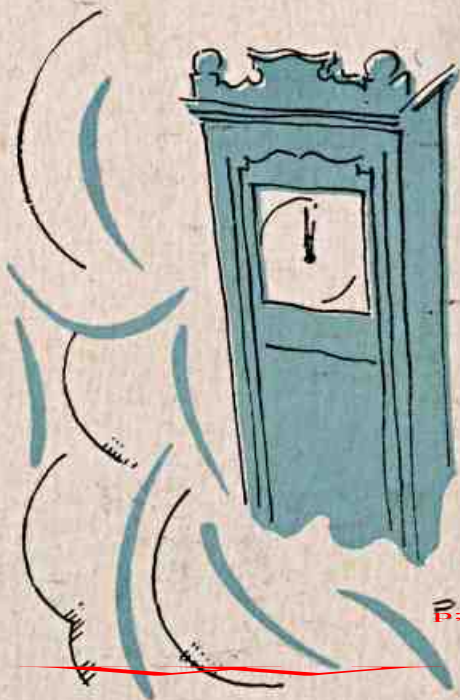
Teu *Christiano de Rostand.*"

* * *

Deante da caixa do correio, o "homem triste" rasgou a carta, com amargura... Ficou esta copia, pelo menos...
Mas, para que?

TORMENTA

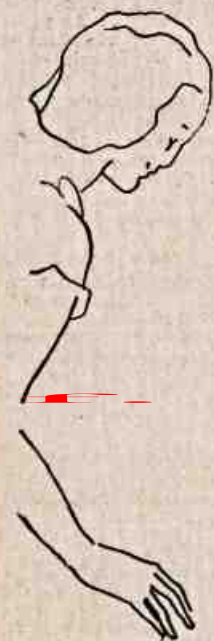
Noite de inverno.
Toda a casa dorme.
Em vão me queixo,
Em vão lamento,
Em vão maldigo,
Do silencio da noite a estranha calma...
O tic-tac de um relogio antigo
Marca a maior tormenta da minha alma.

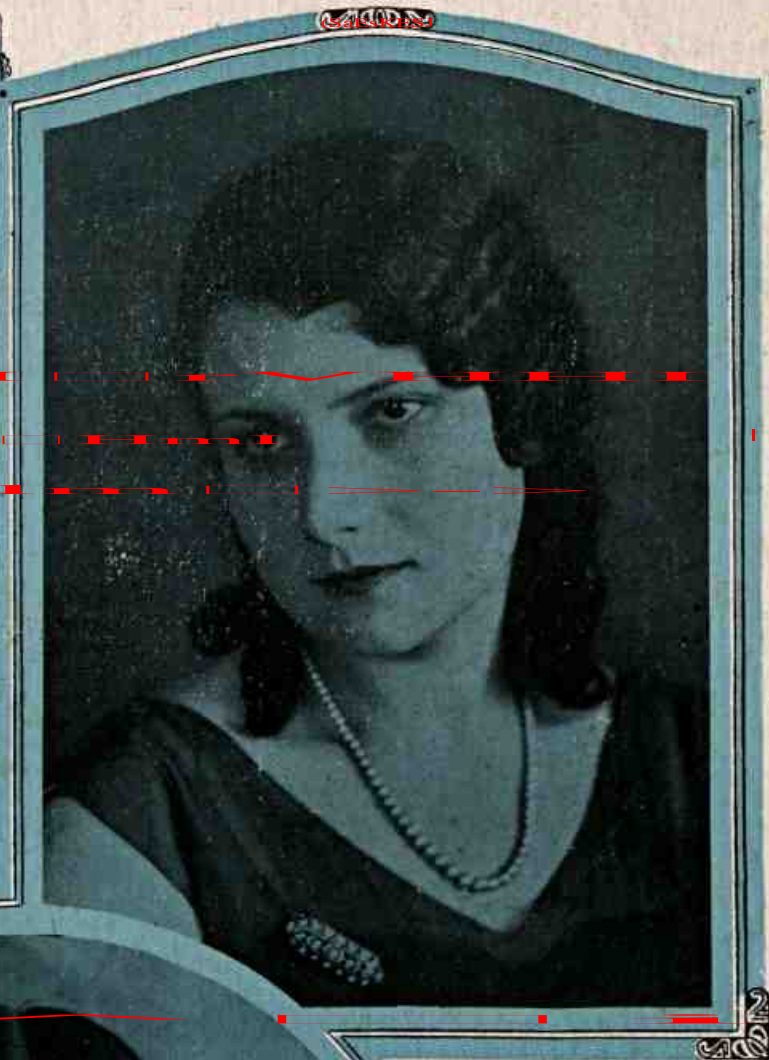
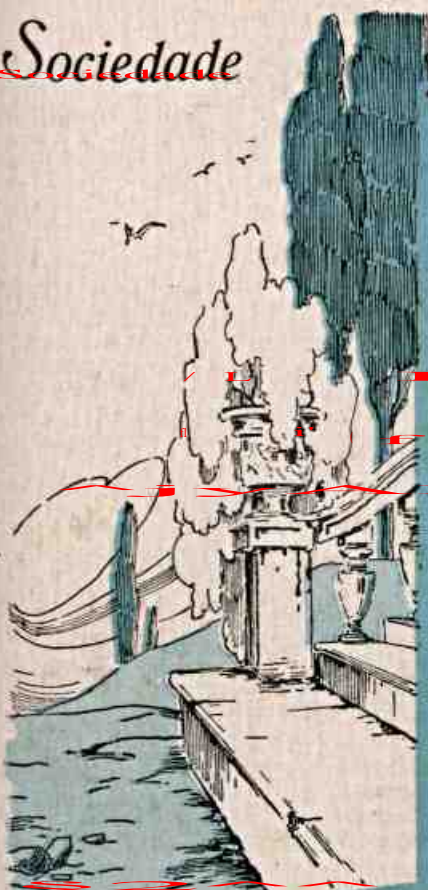
Penso em mim, penso em ti, na nossa vida,
Que as tuas mãos traçaram sem saber...
Soffro a condemnação de não ser entendida
E a pena ainda maior
De nunca te entender!

ESSE TEU BEM

Tem qualquer coisa de selvagem, tem
Qualquer coisa de espinho e flor silvestre
Pela correnteza carregada,
Esse teu bem,
Que ás vezes dóe e ao mesmo tempo agrada...

E' doce, agora, amargo de repente
Essa maneira tua
De gostar do coração da gente.

Essa maneira tua de entender
Até parece, ás vezes, mal querer.

E' rude esse teu bem, mas é gostoso, é ...
Tem um tanto de doce e um que de azêdo
Sabe a mel de cortiço e a fructa agreste
Apanhada do pé
De manhã cêdo.

PALMYRA WANDERLEY

Sociedade

Senhorita Nilze Alegria.

Senhorita Dulce Machado Bittencourt.

(Photos Annunciato — Rio)

SORÔR MELANCOLIA

(CONTO DE CARNAVAL)

HELOISA gostava do Carnaval. Sua alma brasileira vibrava com o delirio impetuoso da festa pagã. Todos os annos, quando se aproximava o reinado ephémero, e os primeiros guizos da folia transformavam a physionomia pacata do seu bairro carioca, ella começava a trabalhar no disfarce com que se apresentaria nos bailes e no côrso, deslumbrando as outras mulheres e fazendo inveja ás amigas mais pobres. E uma semana antes dos tres dias loucos já exhibia, nas batalhas de *confetti*, o seu lindo traje carnavalesco, que lhe custára muitas noites de vigilia e o sacrificio de perder as melhores fitas cinematographices da temporada.

Acostumára-se desde pequena a se fantasiar em homenagem á Momo. Sua mamã fazia-lhe a vontade, satisfazendo-lhe ao capricho infantil de pequena foliã. E ora a vestia de *chinezinha* irresistivel, ora a transformava em seductora *odalisca*, que punha agua na bôcca dos garotes da vizinhança. Uma vez, Heloisa sahiu de *Colombina*. Tinha já onze annos, e quiz, então, apaixonar algum triste *Pierrot* da sua idade. Foi ao baile infantil de um club sportivo, e dançou com o filho de dona Amalia, uma viuva que costumava visitar sua casa. O menino estava fantasiado de militar e agradou, com esse traje á *Colombina* ingenua de dois lustres.

Agora, Heloisa, com os seus dezoito annos em flôr, escolhia, para os festejos do carnaval, os disfarces que a tornassem mais bonita na sua graça morena.

Naquelle anno, preparára uma linda fantasia de *marqueza* para brilhar nos salões de baile e na capota do automovel de sua tia. Foi ao Copacabana, no sabbado gordo, fez o côrso no domingo, e segunda-feira esteve no Municipal. A sua fantasia era uma só mas eram muitos os seus encantos. Que fascinante marqueza morena, de olhos de chocolate, era Heloisa com o seu sumptuoso traje de carnaval! Quando ella subiu a escada branca, de marmore, do Copacabana, um mascarado, com fantasia de fidalgo medieval cantou:

Depois que eu te vi,
Jamais soceguei,
E pensando em ti,
O que fiz nem sei!

Heloisa sorriu do espirito nobre do seu *collega*, e entrou no primeiro salão de cima. Ia acompanhada de duas amigas com os respectivos maridos. Sua mesa estava no salão A. Perto do *jazz* saltitante. Sentou-se e ficou esperando o *fidalgo medieval* da entrada, ou outro *aristocrata* qualquer, ou mesmo um burguez carnavalesco. Appareceu um *mandarim* que Heloisa logo reconheceu: era Paulo Ernesto, um amigo de infancia, apreciador da sua belleza e das suas virtudes. O filho da viuva dona Amalia, que se formára em medicina e entrára para o corpo de saúde do Exercito. Militar como se fantasiára no baile infantil onde dançára pela primeira vez com Heloisa. O disfarce de então fôra apenas um aviso do destino. Elle, militar. Ella, Colombina, o que vale dizer: mulher.

Paulo Ernesto dançou com Heloisa *Linda morena*, e todas as marchas e todos os sambas voluptuosos daquella rutilante noite carnavalesca. Par constante... Só de madrugada, quando as orchestras emmudeceram, elles se separaram. Com que saudade!

* * *

Domingo de carnaval. Heloisa sahiu á tarde, sempre vestida de *marqueza*, e andou pela avenida, de automovel, á procura do seu *mandarim*. Não o encontrou. Esquecêra-se de dizer-lhe que estaria no côrso. As horas decorreram, sem attractivos para a moça, que só pensava em Paulo Ernesto, revendo-o apaixonada na sua fantasia chineza. Voltou cêdo para casa, e esperou, ansiosa, pela noite de segunda-feira.

* * *

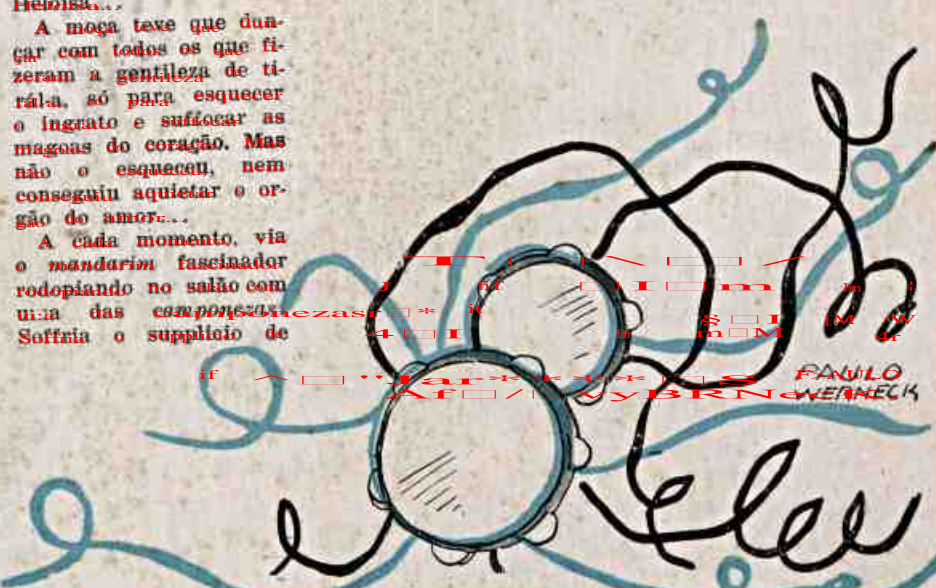
No Municipal, faiscante e sumptuoso nas suas galas carnavalescas, a silhueta pequena de Heloisa perdeu-se no meio das outras silhuetas femininas que enchiam o grande theatro. Havia outras *marquezas*, ali, naturalmente mais formosas para um *mandarim*... Dahi a tragedia de Heloisa. Tragedia interior, sem revolver e sem sangue, mas com angustias talvez maiores e soffrimentos mais amargos.

Paulo Ernesto estava sentado á mesa de duas *camponezas russas* que eram duas tentações de carne... O *mandarim* volavel trocou a nobreza pela plebe. E nem viu Heloisa...

A moça teve que dançar com todos os que fizeram a gentileza de tirál-a, só para esquecer o ingrato e suffocar as magoas do coração. Mas não o esqueceu, nem conseguiu aquietar o orgão do amor...

A cada momento, via o *mandarim* fascinador rodopiando no salão com uma das *camponezas*. Soffria o supplicio de uma repudiada. E, assim vestida de marqueza, assistiu ao desmoronar do seu castello feito de sonhos. Não mereceu siquer o amor de um falso mandarim. Como havia de ser infeliz no carnaval da vida!

A's cinco horas da manhã, Heloisa deixou o Municipal, depois de passar a noite dançando, cheia de alegria nos labios e nos gestos de carnavalesca. Suas amigas commentaram entre si o enthusiasmo delirante da *marqueza* triste do Copacabana. Nunca a tinham visto assim, tão animada e tão incansavel.

Mas foi aquelle o ultimo Carnaval de Heloisa, que é, hoje, Sorôr Melancolia.

MARTINS CAPISTRANO

MINHA OUTRA MÃE

ATE' hoje o episodio mais curioso de minha vida de escriptor foi o de uma outra mãe que me appareceu na Argentina.

A revista portenha "El Supplemento" publicára uma versão em castelhano da minha novella "João Ignacio" com o titulo "A la sombra de la cruz", com illustrações de Zavattaro, o grande desenhista de Buenos-Aires. E inseriu, tambem, em pagina inteira, no mesmo numero, o meu retrato.

Foi innegavelmente, para mim, desvanecedora homenagem, além de estimulo para a actividade literaria, iniciandose entre mim e os confrades argentinos um intercambio espiritual que ainda hoje perdura.

Não contava, porém, receber a carta que recebi.

De uma senhora argentina que me escrevia mais ou menos assim: — lêra minha novella e gostára, e vira tambem meu retrato. Indagava si eu não era por acaso um seu filho extraviado no Brasil, quando creança, tendo o mesmo prenome que o meu e muitas semelhanças physionomicas. Nunca pudéra esquecer o rebento perdido; procurára-o debalde. Seria eu, já homem, o seu filho menino de outrora? Seria? Que lh'o dissesse depressa para balsamizar-lhe a alma de mãe angustiada; que não receasse fazêl-o, pois não queria nada de mim. Era abastada, tinha com que viver...

Uma outra mãe!

Por muito me commovesse aquella afflicção, aquella tortura de um coração materno na duvida do destino do filho, cousa peor que a certeza da morte, tive de apagar-lhe a illusão, de amarrotar-lhe a flôr da esperança. Escrevi-lhe dizendo quem era, dei-lhe os nomes de meus paes, o logar, a rua do meu nascimento... Não era o seu filho. Não. Mas, um Sette legitimamente pernambucano que, por signal, ao nascer, quasi matára minha verdadeira mãe de parto, e por minha vez ia sendo morto. Botaramme, nos atropellos, embrulhadinho numa cadeira, e uma visita ia se sentando em cima de mim...

Não sei si a carta convenceu.

Não sei.

E ignoro tambem si com a sinceridade da resposta perdi uma herança consoladora.

Não podia acceitar uma outra mãe, trahindo aquella dulcissima creatura que dorme para sempre num tumulo branco do cemiterio de Santo Amaro.

MARIO SETTE

Béret de crêpe noir piqué. Bijou (brillants et brillants baguettes) de Van Cleef et Arpels.

(Photo especial para FON-FON)

Praia do Meio

Praia do Meio!
O Mar
tão verde e, assim, tão cheio
de longas pinceladas á Rembrandt
que, com certeza,
só se pode igualar
á quietude de um lago de Veneza
ao despontar suave da manhã.

Praia do Meio, á luz da lua cheia,
é um bazar de pedrarias refulgentes,
quando o crystal das aguas mansas e dormentes
parece diluir-se em prata fluida...
E a gente cuida,
ao ver a onda espraiar-se sobre a areia,
que são grinaldas nupciaes
que se desmancham, num momento,
ao vento,
no silencio das noites tropicaes!

Praia do Meio!
Nos instantes vagos
de devaneio
destes tranquillos dias de dezembro,
lembro,
vendo bem perto o forte dos Reis Magos,
a éra prisca dos bátavos guerreiros
que, nestes oiteiros
de areias movediças,
se empenharam no ardôr
das ligas
mais sangrentas do exército invasôr!

Praia do Meio! Quando ouço
o cântico
romântico
das tuas ondas
que, em alvoroço,
esbarrondas
sobre escarpadas rochas,
— Sinto
que, ao palôr vesperal,
desabrochas
todas as rosas
mysteriosas
do meu instincto
de poéta
de alma inquiéta
e sentimental...
Todas as coisas se incensam
de estranha unção!
E eu fico todo illuminado pela bençam
do Sonho e da Illusão...

MARIO LINHARES

A commissão da lavoura paulista que acaba de visitar esta capital, com a incumbência de pleitear, junto ás altas autoridades federaes, medidas de protecção á classe, offereceu, no ultimo sabbado, uma recepção em honra do general Waldomiro Lima, no Jockey Club, onde se reuniram, para homenagear o interventor federal em São Paulo, todos os lavradores que fazem parte da mesma commissão, e ainda vários jornalistas, especialmente convidados para a expressiva festa. A photographia do alto e a do medalhão focalizam aspectos dessa reunião. A outra chapa fixa um detalhe do jantar offerecido ainda pela commissão de lavradores paulistas e pelo presidente do Instituto do Café aos representantes da imprensa carioca, no Palace Hotel, após a recepção do Jockey Club.

A Mulher e os Escriptores

Illust. de Edgard

por Gilberto Veiga

SCHOPENHAUER disse, mordaz e irreverentemente, que «a mulher é um animal de cabellos longos e idéas curtas», emquanto Michelet, por seu turno, vae de encontro ao pensamento do grande pessimista, affirmando: «O sêr a quem amamos, a mulher, é um sêr muito á parte, muito mais differente do homem do que á primeira vista o parece; mais que differente — opposto, mas graciosamente opposto num brando contraste harmonico que faz o nosso enlêvo». E mais adeante: «...sua viva intuição, seu senso divinatorio...»

Em face dos dois grandes mestres da belleza, cada qual defendendo ardorosa e acertadamente a thése escolhida, fica-se a dar, após a leitura de ambos, indistinctas razões ás idéas de cada um.

Tem razão Schopenhäuer? Tem. Elle o prova. Está certo Michelet? Está. Elle o demonstra.

Ficamos, assim, na mesma barafunda de todos os séculos, acerca dos mysterios dados á alma feminina, porque, si os doutores espirituaes, psychologos profundos, nos mostram os refolhos intimos da alma da mulher, o fazem em terrenos essencialmente oppostos, em contrastes chocantes, augmentando ainda mais a incerteza que envolve o raciocinio dos leigos, dos neophytos.

Póde-se, todavia, chegar a um resumo mais ou menos lógico, a conclusões mais ou menos sólidas, dentro dos proprios autores citados.

No nosso modo de ver, a mulher deve ser julgada, mental, moral e physicamente, dentro de cada phase de sua propria vida. Assim, não se deve julgar parallelamente uma mulher-mãe com uma mu'her noiva; uma mu'her-irmã com uma mulher-amante; uma mulher sã com uma mulher doente. E' claro que cada mulher, de accôrdo com a sua categoria social ou seu estado de sanidade, ou ainda consoante o seu estado de exaltação amorosa, tem uma maneira differente de pensar e de agir, dentro da sua propria condição de mulher. Póde el'a — estamos com Michelet, — pensar, de um momento para outro, de modo diverso, acertada ou erradamente. Mas, nesse caso, ou foi impellida pelo estado doentio ou pelo descaso de quem deveria zelar pela conservação do seu primitivo pensamento.

Earle Purinton, na sua admiravel maneira de interpretar a efficiencia da vida, acha que a mulher deve ser equiparada ao homem na conquista social e no labor quotidiano. «Os paes deveriam insistir em que suas filhas aprendessem a (1.º) ganhar a vida e (2.º) a dirigir um lar» — diz-nos elle. Estamos inteiramente de accôrdo no segundo caso, emquanto discordamos integralmente do primeiro. Deve caber exclusivamente ao homem a conquista material, o ganha-pão diario, o sustento e o confôrto, emfim, da familia, do lar. Somente em especialissimas condições achamos que a mulher deve lutar pela vida.

A mulher não póde e não deve agir pelo seu proprio cerebro, porque, por mais que ella se esforce para fazer face ao homem nos multiplos terrenos da vida, se sente baquear ante os proprios designios que a natureza lhe impõe. A sua compleição physica por si só bastaria para inhibil-a dessa concorrencia.

Vemos mulheres intellectuaes, e em varios outros ramos de actividade, a se fazerem impôr pela belleza de suas idéas ou tino das suas transacções. Mas, si tivermos a paciencia precisa para analysar á luz do bom senso a prosa ou verso dessas creaturas, no fundo, por mais forte, por mais profunda que nos pareça a obra ou artigo manuseado, encontramos sempre o lyrismo, o amôr, o romantismo nas suas paginas, revelando-nos as suas fraquezas divinas. No terreno commercial impéra nellas a benignidade, o que as torna más administradôras. Por que? Porque el'a pôz a sua indole e a sua construcção physica, ambas debeis, delicadas, nas idéas graphadas ou mesmo postas em pratica. Existem excepções, é claro. George Sand esconde o nome de uma dellas, no terreno literario. Mas, essas excepções são raras, rarissimas, como todas as excepções.

Déssemos á mulher o mesmo direito que tem o homem, integralmente, e ella perderia quasi todo, sinão todo o encanto que a cerca, e do qual nos fala Michelet tão bem e com tanto acerto.

A mulher tem, sobre si, desde os tempos mais remotos, a delicadeza physica, que a faz maior e mais admirada perante nós.

Uma mulher immersa em scismas, ou é uma mulher apaixonada ou morbida. Porque, no seu estado integralmente bom, integralmente são, a mulher ri sempre. Dir-se-ia que o seu riso é o symbolo da volubilidade que vae por dentro, pelo coração. Não é tal. E', apenas, a manifestação espontanea de um dote natural, em harmonia absoluta com a sua conformação de flôr que se resente de um raio de sol.

Forjaz de Sampaio dá a cada mulher um valor monetario differente e relativo ao meio: desde uma moeda de couro entre os aborigenes, á moedinha do amôr entre os civilizados...

O nosso Berilo Neves descreve as suas Evas com graça, com leveza, mas deixando resaltar á vista a sua repulsa (embóra literariamente) e emprestando-lhes qualidades que ellas possuem e outras tantas que ellas estão longe de possuir...

Menotti, o suave Menotti, creou, na Colombina do seu admiravel poema, a figura symbolica da inconstancia feminina. E, por ahi a fóra, toda uma ávalanche de escriptores consagrados a atacar o objecto sagrado da perpetuação da especie humana.

Nós, repetimos, não discordamos delles, in-totum. Mas, achamos que cada transvio em que a mulher se emmaranha tem a sua justificativa. A questão é procural-a.

Por acaso, nós, os homens, somos perfeitos? Somos menos voluveis que ellas? Não somos nós os responsaveis directos pela formação do seu caracter e do seu modo de trilhar na vida? Não somos nós que despimos a mulher do pudor que lhe é nato? Não somos nós que a abandonamos á sua propria sorte, ao vento vario do destino, sem amparo, sem protecção e sem confôrto, após um acto mau, ao envez de procurarmos a causa e o consequente remedio?...

O meigo Rabbi da Galliléa mandou que o justo, entre a multidão que apu-

(Conclúe na ultima pagina do texto)

Presidida por sua eminencia o cardeal d. Sebastião Leme, celebrou-se na matriz de Sant'Anna, ás 23 horas de quinta-feira penultima, a solennidade da Hora Santa que inaugurou, nesta capital, o Anno Santo de 1933, e commemorou, ao mesmo tempo, a oração de N. S. Jesus Christo no Horto das Oliveiras. Após essa tocante ceremonia de piedade christã, o eminente chefe da Egreja Brasileira celebrou missa solenne e distribuiu a Sagrada Communhão aos fieis que enchiam o vasto templo da rua de Santanna.

O PRIMEIRO ANNO DA ADMINISTRAÇÃO SALGADO FILHO, NA PASTA DO TRABALHO

Os auxiliares do dr. Salgado Filho, que fórmam o gabinete de s. ex., aproveitando a data do primeiro anniversario da posse daquelle illustre jurista no Ministerio do Trabalho, Industria e Commercio, que passou a 7 do corrente, prestaram expressiva homenagem ao seu eminente chefe, offerecendo-lhe um almoço commemorativo do dia 7 de abril, no restaurante Alhambra. O dr. Salgado Filho, que, naquelle importante cargo, tem prestado relevantes serviços á alta administração do paiz, recebeu sensibilizado essa tocante prova de sympathia de seus auxiliares. S. ex. apparece, no grupo ao lado, entre os drs. Mario de Moraes Paiva (á esquerda) e João Louzada (á direita), respectivamente director do gabinete e official de gabinete do ministro do Trabalho. Vêem-se ainda no grupo: sentado, o sr. Oswaldo da Costa Miranda official de gabinete; e, em pé, os srs. João Maria de Lacerda, Nicanor Pereira e Marcos Valdetaro da Fonseca, auxiliares de gabinete, e o dr. Mario Bolivar de Sá Freire, procurador do Departamento Nacional do Trabalho.

O Homem parou no meio da estrada, sentindo que os seus olhos se abriam repentinamente. E ficou maravilhado. Em torno delle, ladeando o caminho, havia arvores cujas copas tomavam todas as variações do verde; por entre os grossos troncos, os seus olhos divisaram um campo immenso, que corria para o infinito e que transpirava uma paz consoladora; havia um regato que murmurava entre as pedras, flores que se tingiam de todos os coloridos, borboletas que voavam, passaros cantando e, por cima de tudo isso, preso na cupola muito azul do infinito, doirando todas essas coisas e muitas outras mais, o sol, um sol que irradiava força, alegria, felicidade.

Depois de tudo ter visto, o Homem percebeu ao seu lado, parada, uma mulher de expressão tristonha, impressionante, que elle não tivéra tempo de ver no deslumbramento do primeiro instante.

E perguntou-lhe:

— Que logar é este?

A voz da mulher era soturna, mas o Homem não reparou, quando ella respondeu:

— E' a estrada da vida, por onde vaes caminhar.

— Ha quanto tempo já que estou caminhando?

— Ha dezoito annos.

— E não via nada de tudo isso!...

— Porque não tinhas olhos para ver. E' sempre assim; eu só abro os olhos das creaturas quando sei que ellas pódem ver...

O Homem voltou-se para a natureza e continuou a bebêl-a com os olhos. Era tudo tão lindo, tão novo!

A estranha mulher tomou-lhe o braço e ordenou-lhe:

— Caminha!

— E tu?

— Vou comtigo. Estou comtigo desde o começo e comtigo ficarei até o fim.

. . . .

E o Homem continuou a caminhar pela estrada da vida. Cada passo que dava trazia-lhe um deslumbramento aos olhos, um extase á alma. A natureza dizia-lhe coisas que eram suaves e eram ternas, e seus ouvidos iam recebendo uma infinidade de sensações bôas, que lhe falavam a todos os sentidos, que faziam com que elle se lamentasse por não ter sido despertado mais cêdo para a vida.

Pouco mais longe, quando passava á sombra de uma madresilva florida, surgiu-lhe no caminho um viajante desconhecido.

— Este é o Sonho — disse ao Homem a mulher de expressão tristonha.

E o Sonho murmurou-lhe:

— Eu caminharei comtigo. Ao meu lado, has de sentir menos a penosa caminhada.

Seguiram juntos, sorridentes, felizes. Si todas as coisas eram bellas, aos olhos do Homem mais bellas ficavam ainda quando era o Sonho quem as apontava.

Depois, outros companheiros vieram para fazer mais facil e mais encantadora a peregrinação longa. Juntaram-se em torno do viajante a Illusão, a Esperança, o Devaneio, a Alegria, um punhado de amigos bons, que davam ao Homem uma atmosphera de verdadeiro encantamento. A mulher de expressão tristonha, deixada um pouco para traz, não podia perturbar com a melancolia do seu olhar e das suas attitudes a felicidade dos que andavam rindo pela estrada da vida.

E o caminho parecia deslisar sob os pés dos viajantes, sem que elles o sentissem.

Quando o sol estava a pino, o Homem sentiu os membros lassos:

— Eu gostaria de repousar um pouco...

Mas os companheiros impelliram-n'o para a frente:

— Aqui, não. Ali adeante, onde vês aquella sombra espessa, está a tenda do Amor. Repousa lá, que ficarás melhor!

E o Homem achou que a tenda do Amor era um paraiso de maiores bellezas do que todo o resto da estrada da vida. As roseiras se entrelaçavam, formando uma cupola que dava uma sombra de felicidade; o chão era tapetado de petalas perfumadas; e o regato, cascateando entre as pedras, punha no ar uma estranha musica, a que se casavam outras estranhas harmonias nascidas dos ramos que se agitavam, das petalas que cahiam, do proprio vento que passava.

Foi uma joven de tunica branca, de sorriso bom, de negros cabellos e olhos estranhamente scintillantes, quem recebeu o Homem á entrada da tenda. Enlaçou-lhe a cintura, refrescou-lhe o corpo na agua do corrego, perfumou-lhe os cabellos e acariciou-lhe a fronte até que elle adormecesse com a cabeça apoiada no seu regaço e esmagando com o corpo as petalas perfumadas que tapetavam o chão.

Quanto tempo o Homem dormiu? Elle não soube. Nem mesmo chegou a saber que, durante o seu somno, o Destino continuou a soprar a areia fina da estrada, para que as paizagens da vida não ficassem immoveis.

E foi a mulher de expressão tris-

(Conclúe na ultima pag. do texto)

AS BODAS DE PRATA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE IMPRENSA

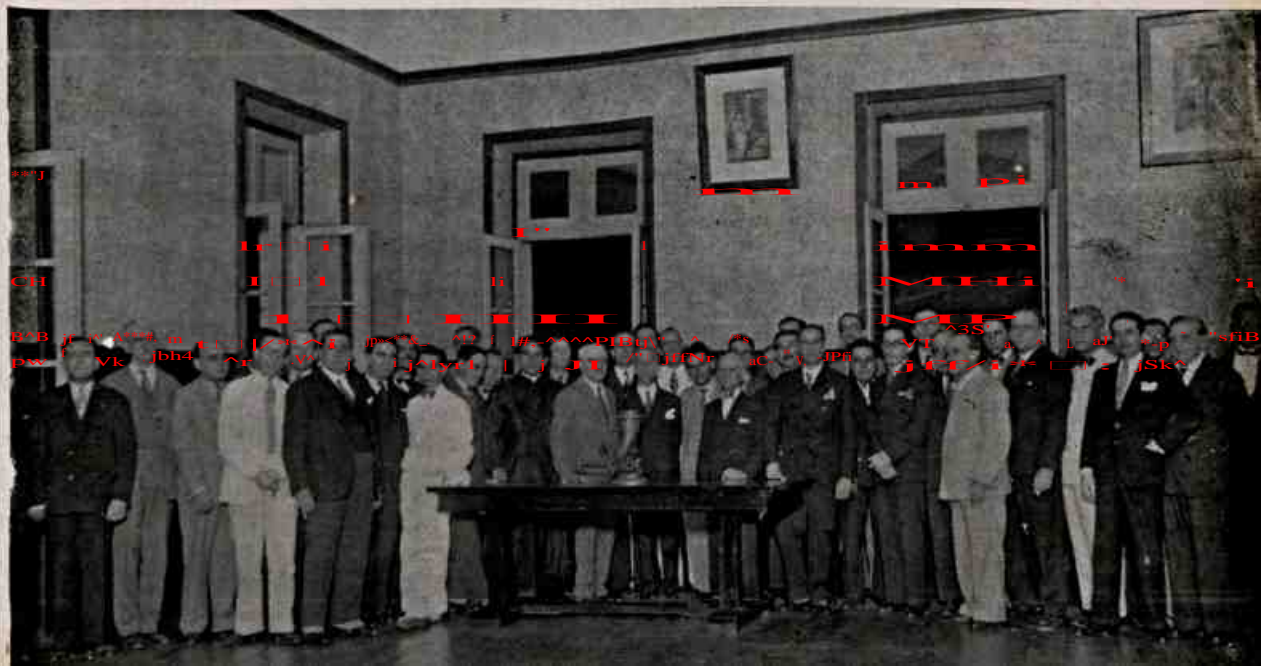
MAIS do que nunca, a data de sete de abril teve, este anno, para o periodismo brasileiro, uma significação grandiosa. E' que essa ephemeride assignalou a passagem do 25º anniversario da Associação Brasileira de Imprensa, acontecimento que foi commemorado com uma sessão solemne e importantes resoluções dos seus directores.

Registando esse facto, seja-nos licito salientar a actuação proficua do dr. Herbert Moses, seu illustre presidente, auxiliado pelos companheiros da directoria, que são, todos, nomes destacados no jornalismo brasileiro: João Mello, vice-presidente; Arthur de Guaraná e Nestor Guimarães, secretarios; Paschoal Ferrone, thesoureiro; Carlos Manhães, bibliothecario e Paulo Filho, procurador.

Muitas têm sido as vantagens e conquistas obtidas por esse batalhador incansavel, que é o dr. Herbert Moses, em prol do bem estar dos jornalistas em geral. Uma dellas é, sem duvida, a que permittiu, na sessão de 7 de abril, que a Directoria tomasse o compromisso de construir um luxuoso palacio para a séde da Associação, que, assim, se verá mais prestigiada e installada de maneira condigna.

E' claro que, em se tratando de uma aggremiação de homens de jornaes, — que tudo pedem e reclamam em beneficio dos jornalistas, sem nada exigir para si, é claro, accentuemos, que essas conquistas podiam ser mais numerosas e, portanto, mais consistentes. Dadas, porém, as difficuldades ambientes e, sobretudo as decorrentes de multiplos factores, que não vêm a pêlo nomear, ellas representam muito para a vida da collectividade periodistica brasileira.

O nosso confrade Heitor Beltrão, falando na solennidade de 7 de abril, em nome do Conselho Deliberativo da A. B. I., de que é figura estimada e brilhante, definiu a acção do dr. Moses, á frente da Associação, fazendo sentir que s. s. podia repetir a phrase historica de Pedro I, proferida na mesma data, em 1831.

As gravuras desta pagina focalizam: no alto, os membros do Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Imprensa, reunidos em torno do presidente Herbert Moses, que se vê destacado numa outra photographia, antes de ter inicio a solennidade da penultima sexta-feira; em baixo, os jornalistas e pessôas gradas presentes á expressiva festa commemorativa das bôdas de prata da A. B. I.

Cada mulher é uma interrogação

ALBERTO criticou:

— Meu caro, você parece pouco experiente...

— Em que?

— Em materia de amôr...

— Engano...

E Olavo riu-se.

Alberto ficou sério e repetiu:

— Juro, Olavo. Você é inexperiente em materia de amôr.

— Mas, por que o affirma, com tanta segurança?

— Porque você acredita nas mulheres...

Olavo deu uma gargalhada ruidosa.

— Ora, Alberto, você parece mais inexperiente do que eu... Asseguro.

E depois de um silencio:

— Eu não creio nem descreio das mulheres. Eu me limito a acceitar o que ellas querem, pensam, dizem.

— E' um erro — frisou Alberto.

— Um erro! Um erro é discutil-as e tentar decifral-as fazendo-as crêr que são enigmaticas, esphinges, cabalisticas, difficeis...

E calou-se um momento. Disse, a seguir:

— Olhe, quando uma mulher me diz que me ama, eu acceito a confissão, sem procurar saber si ella mente ou está falando a verdade.

— E' um erro — insistiu Alberto.

A sra. Olivia Cabral Peixoto, esposa do industrial sr. Francisco Cabral Peixoto, é uma dama illustre, pertencente a uma tradicional familia mineira, e cujos dotes de coração e espirito lhe têm dado honroso destaque na sociedade carioca. A sra. Cabral Peixoto, grande amiga dos jornalistas, offereceu-lhes, ha pouco tempo, no Hotel Avenida, uma linda festa em regosijo pelo êxito da «Quinzena Carioca», e cujos écos ainda estão vivos no coração de quantos tiveram a alegria de nella tomar parte.

— Não vejo em quê, esse erro. Para mim é indifferente que ella diga uma realidade ou me pregue um embuste descarado. Creio que foi Balzac quem disse que o melhor modo de se prender uma mulher éra têl-a em plena liberdade. Em amôr, eu espero sempre que as Evas falem por si. Falem como entenderem e ajam como sentirem. Dou-lhes toda liberdade de acção. E' inutil coagil-as. Ellas só fazem aquillo que lhes apraz. Não ha labia nem coacção, calculo ou predominio para ellas. Não esqueçamos que são ellas, quasi sempre, que nos conquistam e dominam. Com labia ou sem ellas. Coagidas ou livres no seu modo de agir.

Alberto objectou:

— Engano. Eu penso...

Mas, Olavo, não o deixou terminar.

— Espere. Vou continuar. Si julga ao contrario, é porque o inexperiente é você.

E accentuou com energia:

— Eu acceito a mulher tal como ella se me apresenta. Não ha psychologia para nenhuma dellas. Mesmo porque, cada mulher, é uma interrogação differente...

Alberto sorriu:

— Todas as interrogações são eguaes.

— Morphologicamente — contestou Olavo. Assim mesmo, umas são mais tortas, mais enroscadas do que outras.

— Mas todas dizem a mesma coisa.

— Não — rebateu Olavo — Umas dizem sim, outras, não.

E Olavo, sorrindo sempre, com bom humor, despediu-se de Alberto:

— Olhe, eu não creio nas mulheres nem quando mortas. Como S. Thomé vou lhes pôr a mão sobre o coração.

Alberto riu-se com triumpho:

— Eu não disse que você é tão bôbo que admitte que as mulheres tenham coração!...

YVES

FOOTBALL PROFISSIONAL

Foi officialmente inaugurada no ultimo domingo, com o grande encontro em que se empenharam jogadores de São Paulo e do Rio, no stadio de São Januario, a temporada de football profissional, que tanto interesse tem despertado nos meios sportivos desta capital. As archibancadas do Vasco da Gama estavam literalmente cheias, reinando o maior enthusiasmo durante a festa sensacional, realizada sob os auspicios da Liga Carioca de Football. Nossa pagina apresenta alguns dos flagrantes mais expressivos dessa tarde de football que constituiu o acontecimento sportivo de maior repercussão de domingo passado.

A's vezes, ficas distante, tão distante, e noto uma angustia insopitavel como que a se diluir no verde de teus olhos scismadores...

— O meu passado, Maud, o passado que hoje e sempre viverá em mim é de hontem ainda: data do dia em que comecei a te amar.

— Juras?

— Si juro!

— Por que?...

— Pela luz cariciosa desses olhos adorados... Pela tua felicidade, Maud, que é a alma e o coração e o sangue da minha propria felicidade...

— Querido!

— Ainda duvidas?

— Não. Creio em ti. Confio-me ao teu amôr. Mas, faz-se tarde. Caia-

A INQUIETAÇÃO DA FELICIDADE

(Continuação)

mos nagua. E, depois...

— Depois?...

— Em casa eu te direi, sim? Agora, vem! Corre e vê se me pégas!

E, a correr, desatando o seu riso garoto e sadio, Maud foi mergulhando seu lindo corpo voluptuoso no mar azul e inquieto de Copacabana...

— Mauricio!

— Hein?

— O teu amôr por mim será como as ondas?

— Como as ondas?

— Sim: não terá a volubilidade, a inconstancia das ondas?

— Não, Maud: mas é agitado, inquieto e profundo como o mar...

— Bonito! Venceste e ganhaste...

— Que?...

— A alma e o coração da tua garotinha...

— Por quanto tempo, Maud?

— Emquanto durar o teu amôr...

— Está bem, acceito a restricção. E, agora, vamos?

— Vamos, querido... Vês, como tua mulhersinha é obediente?...

— Garota! Minha garotinha adorada!...

Varios jornalistas cariocas reuniram-se quinta-feira penultima, no salão de chá da Confeitaria Colombo, para uma hora de alegria e de «blague», que offereceram o empresario M. Pinto e os artistas da Companhia Brasileira de Theatro Musicado, em regosijo pelo êxito da mesma companhia, actuando brilhantemente no Theatro Recreio, onde estreou ha poucos dias. Houve chá e danças. O nosso confrade João Guimarães fez, em nome dos jornalistas presentes, um discurso de saudação ao sr. M. Pinto e seus contractados, e o dr. Carlos Cavaco agradeceu, em vibrante improviso, pelo empresario e pelos artistas.

A mulher e os escriptores

(Conclusão)

para uma mulher decahida, lhe atirasse a primeira pedra, e a pedra não foi atirada. Por que? Si todos nós attribuimos qualidades reprovaveis á mulher, por que, já naquella época millenar, não appareceu um homem que se julgasse á altura do ultraje maximo?... E' que o homem, ou a humanidade de todos os seculos, é a mesma de hoje: falha, grosseira e má.

O que nós, num reclamo de bom senso, deveriamos ver, para evitar as falhas da mulher, eram os nossos proprios defeitos, iguaes ou peores que os dellas, porque dos nossos é que dimanam os erros da nossa mãe, das nossas irmãs, de todos esses entes queridos que nos deleitam a vida.

Depois destas rapidas linhas, fica patente a nossa predilecção por Michelet e a nossa piedade por Schopenháuer. Talvez o ultimo tivesse sido pouco ou mesmo nada comprehendido pelo objecto do seu amôr, advindo desse bemdito choque a literatura soberba que deu ao mundo. E tanto o primeiro tem mais razão que o segundo, que, si Schopenháuer ainda existisse, teria que remodelar a sua phrase celebre, porque a mulher, num grito de intelligencia, comprehendendo a ironia e a mordacidade do grande autor, lançou mão da thesoura e pôz abaixo as lindas madeixas que fizeram os sonhos de Romeu e arrancaram, das lyras maviosas dos vates, sons inegualaveis...

tonha quem entrou na tenda para despertar o Homem, algum tempo depois.

— Vamos, que se aproxima o fim do dia.

— Deixa que ella me acompanhe... — pediu o viajante, apontando a joven de tunica branca, que lhe accenava um adeus.

Mas a mulher sacudiu a cabeça e puxou-o pela estrada cuja ponta extrema, lá embaixo, começava a se envolver em sombras.

Os companheiros já não eram os mesmos. O Sonho ficára adormecido na porta da tenda do Amor; a Illusão quedou-se, exhausta, sobre uma pedra do caminho; todos os outros foram desapparecendo a pouco e pouco. Só a mulher tristonha, que acompa-

UMA VIDA...

(Conclusão)

nhava o viajante desde o inicio da jornada, continuava a caminhar, insensivel ao cansaço.

Da tenda do Amor o Homem trouxéra, como lembrança, o perfume das petalas de rosas sobre que se deitára, um perfume penetrante, que o embriagava, que não lhe permittia esquecer as horas de felicidade que haviam ficado para traz.

Quando o sol se inclinou para o poente e as sombras romperam discretas sobre a relva, o viajante deteve-se um instante:

— Estou cansado!

A mulher tomou-lhe o braço, paciente:

— Vamos um pouco mais. Ali, a dois passos de nós, minha irmã, a Desillusão, está á tua espera. Eu e ella te levaremos ao fim da estrada.

Foi só então que o peregrino se lembrou de perguntar á companheira:

— E tu, que não me abandonaste um insante, quem és?

— Eu sou a Dôr. Recebo as creaturas no começo da estrada da vida e levo-as até o final...

E o Homem, exhausto, sem forças, curvado para a terra, continuou, entre a Dôr e a Desillusão, a marcha para a grande noite que se avizinhava.

Os tres Mosqueteiros

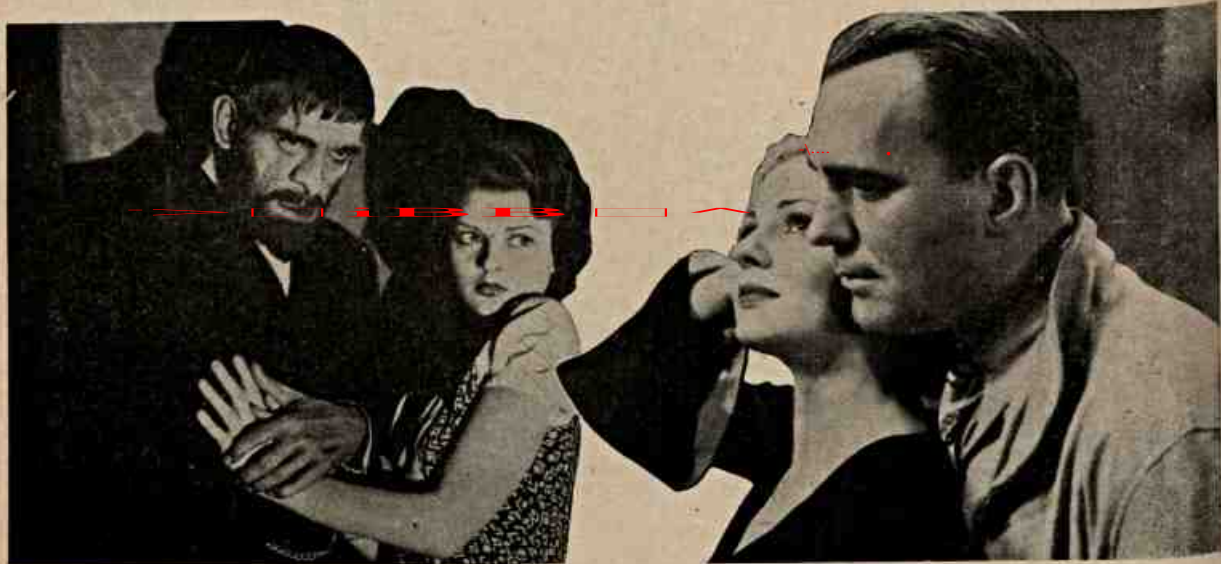
Versão sonora do romance de Alexandre Dumas, pae

COM

Simon Girad e Blanche Montel

(Vide enredo no fim da revista)

Tres scenas encantadoras do film «Os tres mosqueteiros».

Quatro gigantes da Universal

BORIS KARLOFF

em

A CASA SINISTRA

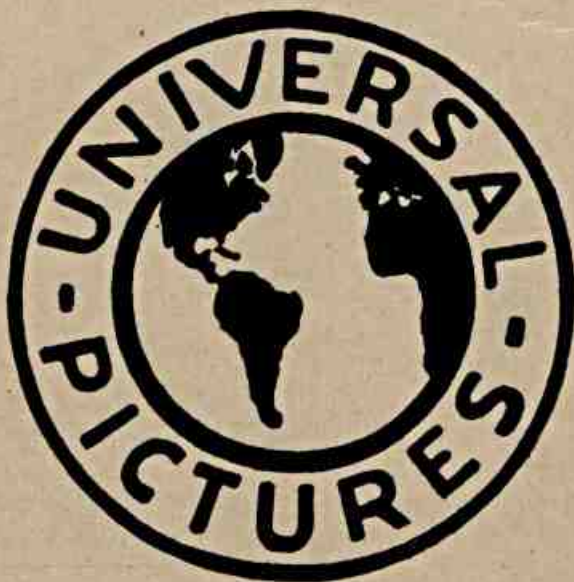
O film das emoções violentas.

NAGANA

O poema do amôr primitivo, que vae apresentar a maior das tentações do cinema:

TALA BIRELL

ao lado de

MELVIN DOUGLAS

AZAS HEROICAS

Uma epopéa de aviação como o cinema nunca fez.

Com

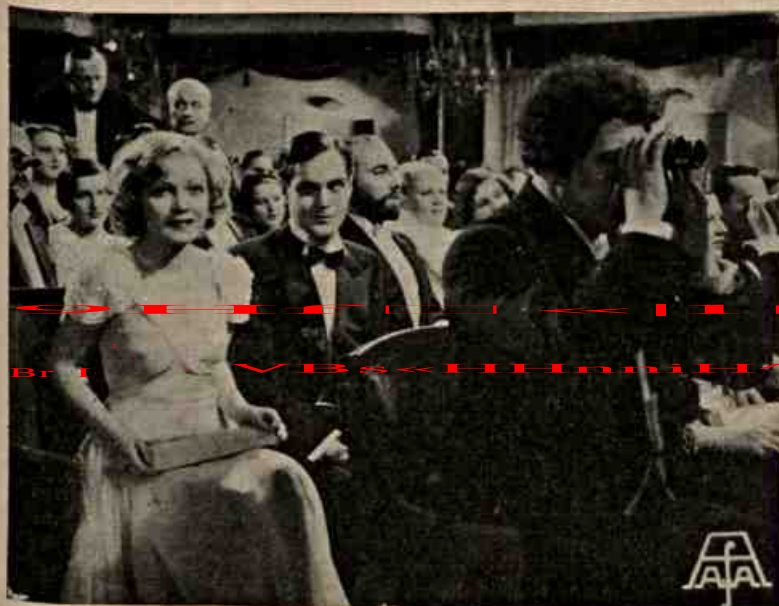
RALPH BELLAMY, GLORIA STUART, SLIM SUMMERVILLE

A MUMIA

A historia de um amôr que os seculos não conseguiram extinguir.

BORIS KARLOFF

e

ZITA JOHANN

A cadeira a seu lado estava bem occupada.

Beijos viennenses...

BEIJOS VIENNENSES

(ES WAR EIN MAL EIN WALZER)

OPERETA CINEMATOGRAPHICA DA AAFA-FILM A. G.

Musica de FRANZ LEHAR — Interpretes principaes: ROLF VON GOTH, ALBERT PAULIG, IDA WUEST, LIZZY NATZLER e HERMANN BLASS

O joven Rudi Moebius é herdeiro de uma casa bancaria, mas esse estabelecimento commercial está fallido. Em consequencia, o assessor Pfennig, conselheiro paternal de Rudi, entra em entendimentos com a consulesa Weidling — residente em Vienna — cuja filha, Lucie, está na idade de casamento. Essa pequena deve ser um partido de primeira ordem e é disso justamente que Rudi tem necessidade. Pelo menos, na opinião do respeitavel Pfennig. Para salvar a casa bancaria, Rudi tem de ir a Vienna, quer queira quer não. Mas, assim tão ás carreiras? Não! Primeiro, elle quer divertir-se um pouco e gozar a sua liberdade... Compra, pois, dois bilhetes para a opereta *Beijos viennenses*. Uma dessas entradas, o rapaz deixa cahir á rua da janella de seu apartamento sedno apanhada por uma linda garota em plena juventude. A loirinha agradou tanto a Rudi, que, terminado o espectaculo, elle a convida a irem juntos ao Grinzig, onde geralmente se diverte a mocidade alegre de Vienna. Chove a cantaros. Difficilmente se póde arranjar um fiacre... Eis que apparece um, mas já está occupado por outro par amoroso: O flautista Gustl Linzer e Lucie Weidling, filha da consulesa de nome identico. Uma vez no Grinzig, Rudi e a amiguinha desapparecem e se refugiam num restaurante discreto, emquanto Lucie e Gustl se conservam no fiacre, matando o tempo em viagens circulares pelas vizinhanças.

—Precisas fugir commigo, Gustl! — diz, baixinho, Lucie, receiosa do dia que amanhece, e em que ella deverá tornar-se noiva de um certo Moebius.

Somente porque a consulesa pensa que esse Moebius é rico como um millionario e tambem porque, desde o ultimo *crac* na Bolsa, os

(*Conclue noutra parte da revista*)

Está custando á sahir.

Entendidos, afinal.

TEMPORADA DA FOX DE 1933 !

SANGUE VERMELHO

NOVA

ULTIMO VARÃO SOBRE A TERRA

O FILM DAS GERAÇÕES

CAVALCADE

Diana Clive
WYNYARD E BROOK

FEIRA de AMOSTRAS

Janet
GAYNOR
Lew
AYRES

ROGERS

Estes films e
toda a producção da Fox
serão lançados exclusiva-
mente no cinema
IMPERIO
que será a "CASA da FOX"
o cinema da elite carioca!

A verdade! Era preciso a verdade!

A separação!

DREYFUS

PRODUCÇÃO DA «SUDFILM», sob a direcção de RICHARD OSWALD

com FRITA KORTNER, GRETE MOSHEIM, ERWIN KAISER E HEINRICH GEORGE

* * *

DASSAVA o anno de 1894. O capitão Dreyfus, do Estado Maior Francez, estava em sua casa, esse lar que elle adorava, cercado da esposa que elle amava e dos dois filhinhos. Trazem-lhe uma ordem: — "Apresentar-se no Estado Maior, á Paizana". Elle foi, encontrando o capitão Paty du Claim em companhia do chefe de policia e de um inspector. Seu collega pede-lhe que escreva uma carta para elle, que tem a mão machucada. Dita qualquer coisa sobre um modelo de canhão... Pergunta porque elle treme... E, logo após, arrancando da mesa aquelle escripto, e collocando a mão sobre os hombros de Dreyfus, exclama:

A esposa martyr.

— Capitão Dreyfus, está preso em nome do ministro da Guerra!

Pasmo. O capitão vê se acercarem o chefe de policia e o inspector, que lhe passam uma revista, apesar dos seus protestos. Que se passava? Elle jurava que não sabia. Acoimavam-n'o de trahidor, por ter vendido á Allemanha os dispositivos sobre o novo canhão em estudos nos arsenaes franceaes.

De facto, havia sido descoberto que alguém vendêra esse documento á nação vizinha. Quem? O major Henry fôra incumbido das pesquizas. Na cesta de papeis da embaixada allemã foram encontrados pedaços

(Continúa na pag. seguinte)

O trahidor procura libertar-se da culpa.

O "caso" famoso que emocionou o mundo inteiro

Agora um "film" que tem tambem feito palpitar a Europa e a America

Dreyfus

FRITZ KORTNER

HOJE NO ALHAMBRA

Um romance que empolga As figuras de

ZOLA, CLEMENCEAU — E — PICQUART

surgindo no ambiente desta producção de

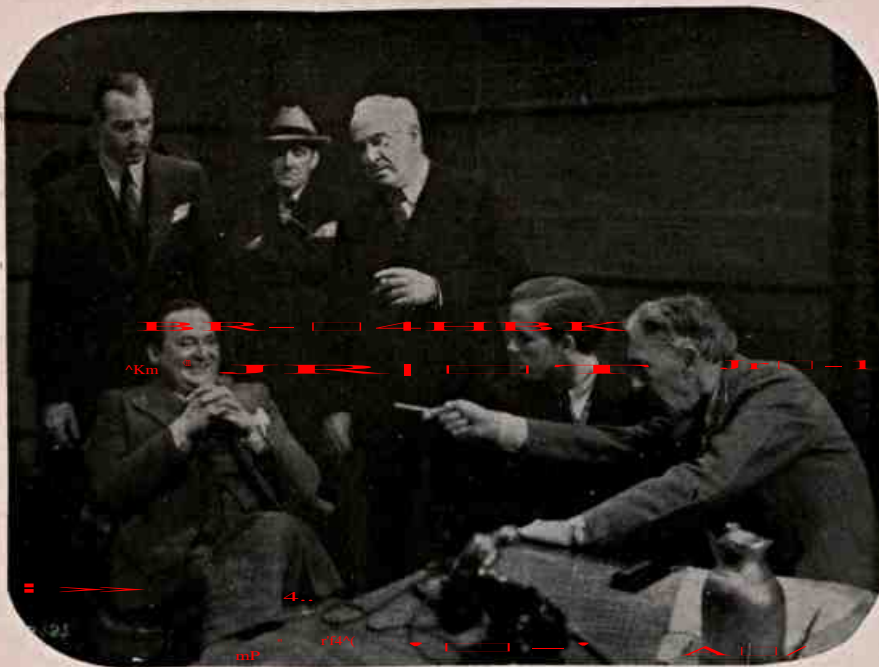
RICHARD OSWALD

DREYFUS

(Conclusão)

de uma outra carta com outras informações, e um espião levára esses pedaços ao major Henry, que os reconstituirá. Tinham a letra do traidor, que só poderia pertencer ao Estado Maior. Procuraram na lista. Havia alli um official judeu... Devia ser elle, tanto mais que agora se via que a letra se parecia com a delle. E só por isso Dreyfus foi levado á Côrte Marcial e condemnado á degradação e ao exilio no presidio da ilha do Inferno. Em vão gritava elle por sua innocencia. A cerimonia de sua degradação foi a coisa mais terrivel que se possa imaginar, uma "cerimonia atroz", na phrase do grande Ruy Barbosa. Levado para o pateo da Escola Militar, ao som de tambores que rufam em surdina, foram-lhe arrancadas, uma a uma, as insígnias do seu posto e do exercito, emquanto a multidão lhe lançava impropérios, respondendo elle com gritos de que era um innocente. E foi depois enviado para as Antilhas, para o celebre presidio onde se foram passando annos de soffrimento.

A indifferença do cynico.

Lucie, sua esposa, e Mathieu, seu irmão, porém, convencidos de sua innocencia, tudo fazem para salvál-o, e procuram Zola, que se deixa convencer da innocencia daquelle infeliz, convencendo tambem elle o seu grande amigo Clemenceau, que lhe cedeu o seu jornal "L'Aurore", onde Zola lançou o celebre artigo "J'accuse", em que, accusando o ministro da Guerra, a Côrte Marcial, os procuradores, generaes, pela condemnação de um innocente, se viu elle proprio levado aos tribunaes para responder ao que julgavam todos um insulto. E, condemnado tambem elle, teve de fugir para a Inglaterra. O bravo coronel Picquart, que, nomeado chefe do Departamento de Intelligencia do Exercito, veiu a descobrir a injustiça

Illustrações do film

FALA E MORRERÁS

Da

Universal Production

da condemnação, baseada apenas em uma "prova secreta", por sua vez foi mandado para a Africa, a commandar um regimento... Mas Lucie, Mathieu e Clemenceau não esmorecem na defesa, e agora accusam o major Esterhazy, como o provavel autor da traição. Este confessa a verdade ao major Henry, que falsifica, então, uma accusação da embaixada allemã, para que se effectivasse a supposição contra Dreyfus. Mas esse estratagema foi descoberto e dahi surgiu o fio da verdadeira defesa da innocencia de Dreyfus, que foi trazido do presidio da ilha do Inferno, tendo passado por uma segunda Côrte Marcial, que, não achando, todavia, provas positivas de sua innocencia, o condemnou ainda a dez annos de reclusão. O governo insinuou que acceitava um pedido de perdão, convicto da innocencia emhora não provada daquelle martyr, mas Dreyfus não acceita e foi sómente depois de alguns annos, em 1906, que elle conseguiu "prova cabal de sua innocencia, sendo então imponente a cerimonia de reintegração no seu posto, promovido a major e recebendo a fita da Legião de Honra.

Amôr da mocidade.

Bôas noticias.

Os tres mosqueteiros

Vide illustrações noutra parte da revista

ESTAVA naquelle momento bastante mal humorado Luiz XIII. A seu lado, sempre com o seu sorriso ironico, encontrava-se o cardeal de Richelieu. Perto Mr. de Treville esperava ordens. Por fim, o rei não mais podendo conter-se, declara-lhe que o cardeal o informára de que trez dos seus mosqueteiros tinham sido desarmados num cabaret, onde tinham feito um grande escandalo. Não acreditando muito no que ouvira, Mr. Treville retirou-se disposto a tomar providencias. Malicioso, o cardeal augmentou as suas informações: lord Buckingham, embaixador inglez ia partir para Londres, não se sabendo o caminho que tomára. O rei queria saber qual teria sido esse destino.

Emquanto se passavam esses acontecimentos, vinha a caminho de Paris um joven cheio de enthusiasmo da vida, audacioso, arrogante e sympathico: era Mr. d'Artagnan. Trazia cartas de recommendação para Mr. de Treville. Durante a viagem de d'Artagnan, o accaso proporcionára-lhe o encontro com um typo bohemio que elle tomou para seu escudeiro: Planchet. Uma vez em Paris, d'Artagnan procura immediatamente Mr. de Treville e com elle fala no momento em que este recebia a communicação dos nomes dos tres mosqueteiros endiabrados: Athos, Porthos e Aramis. Foram logo os tres chamados á presença do commandante Treville, a quem descreveram a scena do cabaret de fórma que o commandante se convenceu de que os derrotados tinham sido os guardas do cardeal.

Enthusiasmado com a arrogancia e galhardia dos tres mosqueteiros d'Artagnan pensou logo em se lhes aggregar, ficando combinado que elle tomaria parte na vingança que pensavam tirar dos guardas do cardeal.

O conde de Buckingham precisava partir, para evitar graves perigos, mas, antes, não poude deixar de rever a rainha que elle amava.

E assim, após a entrevista de amor, a rainha entregou-lhe como lembrança, doze pingentes de brilhantes, que o rei lhe déra de presente.

Por intermedio de Mestre Bonacieux, o cardeal conse-

BEIJOS VIENNENSES

(CONCLUSÃO)

Weidlings perderam tudo que possuiam. Fugir! O bondoso Gustl, pobre de energia, treme de medo ante esse pensamento... Lucie, deante daquella indecisão do rapaz, perde todas as suas fagueiras illusões...

Não tardou muito que Rudi e sua amiguinha ficassem dominados de enthusiasmo, ao calor de vinhos generosos do Heurigen. Mas quando Rudi, pensando no seu futuro, se torna melancolico e explica que, no dia seguinte, ficará preso por toda a vida, Lucie pensa que o rapaz é algum criminoso perigoso e foge, ás carreiras de sua companhia...

No dia seguinte, Rudi e Lucie tinham que ser apresentados um ao outro, na residencia da consulesa, mas essa cerimonia já não tinha razão de ser, porque, em a noite anterior, já se tinham dado a conhecer no encontro havido num carro de praça. Comtudo, o silencio é coisa que pertence ao protocollo da honra. Logo, porém, que ficam a sós, os dois namorados dão expansão aos seus mutuos sentimentos de amor. Querem casál-os por força de dinheiro, mas o golpe ha de falhar. Para isso, Rudi pedirá a Gustl que fuja com Lucie e esta promette a Rudi ir em busca da sua linda loirinha. Rudi dirige-se á presença de Gustl para ensinar-lhe uma lição sobre o thema "Como se é energico..."

Lucie despacha varios portadores de cartazes, pelas ruas, com estes dizeres: "Apresente-se immediatamente ao Hotel Bristol."

E, dentro em pouco tempo, o salão de espera do hotel está cheio de moças, sem que, no emtanto, a verdadeira se encontre entre as presentes. Por aca-

guira saber do linguarudo muitas coisas, das quaes elle haveria de tirar partido, urdindo uma intriga tremenda.

Senhor, pois, do segredo da rainha, o cardeal insinuou ao rei que, no proximo baile do Louvre, deviam todas as damas apparecer com as suas mais ricas joias, e que seria uma maravilhosa opportunidade para a rainha estrear os seus magnificos pingentes de brilhantes.

Recebida a ordem a rainha estava num nervosismo indescriptivel. Que fazer agora?

Ella tudo contou a Constance, e esta, que tinha verdadeira veneração pela rainha, lembrou-se de Bonacieux, seu marido. Por dinheiro, elle era certamente capaz de ir a Londres levar uma carta a Buckingham, e trazer um embrulho contendo a joia.

De posse da carta, Mme. Bonacieux corre para casa, e, antes de explicar ao marido claramente do que se tratava procura sondál-o, e acabou percebendo que o marido estava alliado ao cardeal, e que, por conseguinte, nada arranjaria delle.

Entretanto, d'Artagnan, que estava no seu quarto, poude ouvir toda a conversa. Logo que viu sahir Bonacieux, apresentou-se a Constance, para desempenhar a tremenda missão.

Elle a amava, e tudo arrostaria por ella.

Com o auxilio dos seus amigos, os 3 mosqueteiros, d'Artagnan parte para a Inglaterra. A empreza não foi facil, pois que todos os caminhos estavam guardados, e elle teve que desembainhar a sua espada um sem numero de vezes. Finalmente, após mil terriveis peripecias, chegou á Inglaterra e falou ao Lord Buckingham, mas Milady, a enviada do cardeal, já lhe tinha precedido, e poude se apoderar de dois dos pingentes, e leval-os ao cardeal, como prova de que a rainha os tinha offertado a Buckingham. Este dando pela falta, mandou fazer a toda pressa dois outros perfeitamente iguaes, e assim entregou a joia completa a d'Artagnan.

Este chegára no momento preciso, isto é, no momento em que se realizava o faustoso baile, e a rainha já estava numa ansia e afflicção extremas.

De posse da joia, a rainha tomou parte no baile, dançando, e o rei ficou convencido de que tudo não passava de uma perfidia do cardeal.

A rainha, agradecida, deu-lhe um annel, e Constance, como prova do seu amor, marcou-lhe uma doce entrevista, que deixou o inflammavel d'Artagnan em transportes de alegria...

---

so,. Rudi consegue encontrar sua amiguinha que se chama Steffi, e é filha de Pirzinger, proprietario de uma agencia de turismo. Rapidamente, ficaram esclarecidos todos os mal entendidos e Steffi compromette-se a fugir para Berlim. No trem, porém, como já acontecêra no fiacre, são companheiros do joven casal amoroso os nossos já conhecidos Gustl e Lucie, com quem elle, afinal, consentira em fugir.

Entrementes, o assessor Pfennig chega á conclusão de que os milhões dos Weidling eram pura fantasia e tambem o tabellião Sauerwein vê com desillusão que os Moebius não possuem vintem. Ambos se enganaram redondamente, sendo que o desencantamento da consulesa Weidling quasi dá num colapso cardiaco. Pois Lucie fugiu e tudo faz suppôr que tenha sido raptada por esse tal Rudi, de Berlim. Chega Pirzinger. Tambem sua filha foi roubada. E logo por quem? Pelo mesmo Rudi — que horror, santo Deus! Um homem que foge, ao mesmo tempo, com duas garotas!

Num auto de turismo de Pirzinger começa a perseguição dos fugitivos até Berlim, onde são encontrados numa sala vazia da casa bancaria Moebius. Tem a cara de peccadores arrependidos que desejam a benção nupcial, que, finalmente, lhes é concedida.

Mas, como não se vive somente de amor, a casa bancaria fallida é transformada num confeitaria vienense. O saboroso café e os deliciosos doces attrahem toda a população de Berlim. Mormente, servidos por um garçon elegante como Rudi e por duas encantadoras garotas como Steffi e Lucie. Ha tambem uma orchestra magnifica, sob a batuta de Gustl, a executar arias e valsas viennenses. A consulesa Weidling toma conta da caixa, o assessor Pfennig encarrega-se do guarda-roupa, Sauerwein faz o porteiro e Pirzinger organiza agora viagens de turismo... através Berlim.

Escriptores e livros

A EXPANSÃO DO LIVRO

UM editor esforçado e intelligente, no intuito da maior divulgação do livro, está installando, em pontos diversos da cidade, pequenas livrarias de cunho popular, onde são encontradas todas as novidades litterarias. Essa iniciativa, que tem a sympathia de quantos se interessam pelas letras, devia tambem merecer a attenção dos poderes publicos no sentido de desenvolvê-la.

Nós vivemos a dizer que o Brasil é um paiz de analphabetos, mas não apparece nenhuma providencia para remediar o mal. Dos que sabem ler, apenas uma minoria póde comprar livros, porque estes são geralmente caros. Actualmente, alguns editores tentam lançar o livro ao alcance de todos, porém, encontram difficuldades quasi invenciveis. Ora é o papel, cujo preço soffre oscillações incriveis, de accôrdo com o cambio, a especulação da praça; ou são os impostos, que fazem recuar os livreiros. Entretanto, o assumpto podia em parte ser regulado, si a Prefeitura não encarasse as livrarias apenas como fontes de renda, para o effeito da taxação tributaria. Para as pequenas livrarias, especie de mostruarios, com reduzidos "stocks", o imposto devia ser minimo. Tal medida concorreria para a maior diffusão da leitura, para a educação do povo. Mas, parece que o assumpto não é do agrado dos nossos governantes. Por isso, resta confiar na iniciativa privada, como a desse moço proprietario da Livraria Moderna, que descobriu meios de fazer a população carioca lêr qualquer livro, mediante o desembolso de cem reis diarios. E' positivamente fantastico! O rapaz, entretanto, já anda assustado com os impostos, pois, pelos modos, parece que a Prefeitura entrou de socia no negocio para carregar-lhe com os minguados lucros.

Positivamente, é desanimador!

João Neves — POR S. PAULO E PELO BRASIL — 1933 — 5$

TRATA-SE da collectanea dos discursos pronunciados pelo conhecido tribuno, por occasião da revolução paulista. Paulo Setubal abre o volume com um verdadeiro hymno, enthusiasta, elevando ás nuvens o homem que correu ao encontro de S. Paulo, quando a luta ia accesa. E' possivel que as palavras do tribuno tenham tocado ao coração dos Bandeirantes. O meu sentimento de paulista, porém, nenhuma emoção experimenta com a leitura do livro. Por que? Palavras... S. Paulo, em 1930, para João Neves, era uma coisa. Agora... João Neves dá-me a impressão de um tenor lyrico, nada mais. Representa para a platéa, como todo politico, pouco ligando á sinceridade da sua arte. Demagogia, quando o Brasil carece de acção!

Hermes Lima — INTRODUCÇÃO A' SCIENCIA DO DIREITO — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 10$

LIVRE-DOCENTE de direito administrativo nas Faculdades de S. Paulo e da Bahia, o autor apresenta credenciaes que dispensariam o nosso juizo acerca do seu trabalho. Entretanto, o nosso dever de chronista de livros, no sentido de orientar os leitores, no caso em apreço, é cumprido com agrado. Trata-se de uma das melhores obras que temos lido, sobre a materia, principalmente pela sua feição moderna. A exposição é clara, a linguagem é simples, e o autor revéla apreciavel cultura. E' uma obra que está ao alcance até dos leigos no assumpto, pelo espirito de synthese do autor e pela distribuição pratica da materia, nos vinte e sete capitulos do volume.

Muito embora não estando de accôrdo com o illustre professor de Direito, em alguns pontos feridos pela sua critica, prazenteiramente reconhecemos o valor do livro, digno de leitura.

Seara alheia

O beijo

Na noite do Horto, Judas dormiu alguns momentos e sonhou. Sonhou com Jesus, porque só se sonha com os que se ama ou com os que se ma a.

E Jesus lhe disse:

— Por que me beijaste? Poderias assignalar-me cravando-me tua espada no peito. Meu sangue estava prompto, como uma taça para os teus labios. Meu coração não recusava a morte. A todo momento esperava divisar teu rosto entre os ramos das arvores.

"Por que me beijaste? A morte não quererá beijar seu filho porque tu o fizeste e tudo que, na terra, se beija por amôr as frondes e os astros — tudo recusará agora sua caricia ensombrada. Como poderei esmaecer, apagar teu beijo ante á luz, para que não se amparem e emmurcheçam e caiam os lyrios brancos desta primavera? Eis por que peccaste contra a confiança do mundo!

"Por que me beijaste? Já se limparam os que mataram com adagas e punhaes. Já se redimiram e purificaram. Antes, havia a fogueira e havia o ferro. O beijo, não. Nunca se ferira e assassinára alguem com o beijo.

"Como viverás agora? Porque a arvore muda, renova o seu caule pelas chagas que se lhe abrem na casca; mas, tu, para dar outro beijo já não terás outros labios. E, se beijares tua mãe, ella encanecerá ao teu contacto como embranquecerão de estupor e de pasmo, se o comprehenderem, as oliveiras que te olharem.

"Judas, Judas, quem te ensinou este beijo?

O máu apostolo nada contestou. Seu corpo suava sangue. E mordia a bocca, como se quizesse o beijo extirpal-a, como a arvore a sua casca gangrenada.

Mas seus labios quedaram, permaneceram sem se cerrar, entreabertos, prolongando o beijo assassino. Sua mãe atirou uma pedra sobre elles para juntal-os; morderam-os o verme para corroêl-os; a chuva, em vão, os empapou para apodrecêl-os. Mas elles beijam, continuam beijando, mesmo debaixo da terra! — GABRIELLA MISTRAL.

Fagulhas

O homem só tem valor dos trinta aos sessenta annos. Antes, não tem experiencia; depois, não tem illusões.

* * *

Tudo se conquista pela força, menos o coração.

* * *

O verdadeiro perigo nos negocios está em se ter coração. — CH. MERÉ.

A AMIZADE IMPOSSIVEL

Ao longo da avenida que conduz ao Lago, nosso automovel avançava lento e sereno. O frio do inverno, tenaz, parecia ainda fluctuar no azul pállido do céo. Mas já a tibieza da nova estação se insinuava na brisa. Meu amigo e eu experimentavamos essa impressão de convalescença que produz nos homens a chegada da primavera. A tarde era, pois, propicia ás confidencias sentimentaes.

Eu mergulhára no que Stendhal chamou delicadamente *o silencio da felicidade*. E escutava meu amigo Armand de Quernet, que pensava em voz alta. Acabavamos de falar do ciume de Armand e evocava-uma mulher longinqua, cujo estranho perfil se ia precisando ante meus olhos, como em transparentes vapores de aquarela, á medida que a narrativa avançava.

— Si havia uma mulher a quem eu estava certo de não poder amar apaixonadamente — dizia-me Armand de Quernet, — essa mulher era a invisivel amiga que eu soube occultar á curiosidade de meus companheiros... Si eu te dissesse seu nome, ficarias estupefacto... Deixa-me chamál-a com um falso nome... Asseguro-te, no emtanto, que a viste cem vezes, que a conheces e que, talvez, a admires e a desejes... Supponhamos que se chama Jacqueline...

"Era alta, esbelta, morena. De todo o seu ser emanava o encanto de uma infinita delicadeza... e tambem o efflúvio de uma paixão que, ás vezes, punha phosphorescencias em seus olhos e nervosos rictus em seus labios. Suas pupillas tinham a côr dos olhos acostumados a sonhar despertos. Suas faces, pállidas como as de um menino enfermo, adquiriam, de repente, violentas tonalidades vermelhas. Dava a sensação de dois temperamentos numa só alma. Atraz da amiga ideal, discreta e melancolica, se suspeitava uma cúmplice vibrante, impaciente, voluptuosa... Mas essa segunda mulher dormia ainda na primeira, despertando unicamente, e mui raras vezes, com uma gargalhada áspera, reprimida immediatamente...

"Eu estava, então, mais cansado que nunca das sensações corrosivas que o amor fácil proporciona. Acabava de saborear toda a amargura de uma falsa paixão, que havia envenenado os melhores annos de minha mocidade. O acaso aproximou-me de Jacqueline. E, então, eu me propuz transformar a intimidade que essa formosa mulher me offerecia, em alguma coisa superior, em alguma coisa differente de tudo o que conhecêra nas aventuras galantes de um celibatario sem escrúpulos.

"Eu tinha já idade sufficiente para comprehender que a caricia physica é o que menos nos interessa numa mulher. E para comprehender, tambem, que os tormentos passionaes podem determinar a perdição do homem mais digno e mais nobre. Ser o primeiro amante de uma mulher equivale a preparar angustiosos remorsos quando se tem alma. Ser o segundo amante é expôr-se a crueis visões, quando se têm um espirito analytico e uma imaginação vivaz, que reconstróe o passado com implacavel precisão. Essas considerações são inúteis quando o amor se apodera de nós. Mas... eu não amava a Jacqueline.

"Não. Não a amava. O melhor que podia fazer, portanto, era entregar-me aos conselhos da vaidade. "Eis aqui uma presa" — dizia-me a voz do amor proprio. "Toma-a! Si não o fizeres, és um estúpido!..." Eu não escutei esse conselho. Queria ser um amigo de Jacqueline. Apenas um amigo. A amizade sem desejos e sem vaidade é o meio mais elevado para aspirar o perfume que flúe de uma alma.

De Paul Bourget

Como seria bello penetrar com Jacqueline, e sem que ella o notasse, nesse universo de emoções raras que sua alma formosa! O meu praser era semelhante ao que experimentamos na contemplação de uma flôr, de uma flôr que deixamos em seu ramo sem siquer sacudir com a ponta dos dedos as gottas de orvalho que tremem em seu calix.

"Jacqueline podia apresentar-se-me, graças a minha attitude tal qual era. Não precisava mentir-me, nem disfarçar sua alma, porque não se encontrava deante de um homem a quem seduzir ou enganar...

"E realizei esse sonho. Realizei-o paulatinamente, dia a dia. O esposo de Jacqueline era...

"Sim. Jacqueline era casada. Mas não posso dizer-te qual era a posição social do marido, pois adivinharias facilmente seu nome. Permitte-me calar este novo detalhe...

"O marido deixava Jacqueline em inteira liberdade. Minha amiga vivia sua vida de accordo com seu proprio criterio. Esse homem amava ou não a sua esposa?... Teve ciumes instinctivos de mim e resolveu dissimulál-os em uma attitude de prudente espectativa?... Ou estimava muito Jacqueline para offendêl-a com a mais leve suspeita?

"Perguntas vãs, que immediatamente deixei de formular. Entreguei-me, com toda minha alma, ao encanto dessa amizade clandestina como uma culpa, mas innocente como um brinquedo de crianças.

"Nenhum pensamento indigno acariciei então. Dediquei-me, primeiro, a educar o espirito de Jacqueline. Um espirito vibrante, mas sem maior cultura. Emprestei-lhe livros meus livros preferidos, relendo-os antes de lhos entregar, para depois commentál-os com ella. Acompanhei-a ás exposições de pintura, comprei para ella as flores mais exóticas. E passei muitas horas deliciosas na pequena sala onde fui narrando minha vida, toda a minha vida tormentosa e inútil.

"Jacqueline dizia-me alguma coisa, tambem, de sua vida. E era para mim uma volupia ineffavel perseguir através dos gestos dessa mulher de trinta annos através de seus sorrisos, através de suas idéas, os gestos os sorrisos e a idéas de sua adolescencia cheia de pureza.

"Perdoa que me abandone a essas nostalgias. Esta paizagem evoccu-me aquella época de minha vida. Quantas vezes me detive com ella junto deste lago!... A' beira deste lago estivemos uma tarde, na vespera de nossa primeira separação. Pareceu-me ouvil-a ainda, perguntando-me com sua vozinha de menina mimada:

"— Que será de mim sem seus conselhos?... Escrever-me-á, embora seja meia folha de papel, todos os dias?

"Seus olhos negros olhavam-me entre irônicos e tristes. Seu vestido ajustado denunciava a belleza estupenda de seu corpo. Sua bôcca, vermelha, se contrahia numa careta incitante. Não sei que chamma accendeu aquelles olhos, que onda de sangue purpurejou aquelles lábios. A segunda mulher apparecia nesses olhares e nessa careta... Mas eu não queria matar nossa amizade, essa amizade inverosimil que era meu orgulho mais legitimo. E disse-lhe adeus não longe deste logar, fechando a porta de um automovel por cuja janella Jacqueline me extendeu sua frágil e languida mão enluvada.

"Passei o verão em um albergue de provincia. Jacqueline trasladou-se para Saint-Moritz... Correspondemo-nos, de accôrdo com o combinado. Pouco a pouco, suas cartas se fizeram menos longas, menos

A AMIZADE IMPOSSIVEL

(Conclusão)

intimas, menos fraternaes. Esse facto não me produziu pesar, asseguro-te. Eu pensava: nossa amizade é como uma moda que passa. Com o transcurso do tempo, morrerá, mas me ficará della a recordação, grata e profunda. E isso era bastante, porque são raras, bem raras as mulheres que, depois de passar por nossa vida, não nos deixam a alma envenenada de odio ou de desprezo.

"Com esse estado de animo bati, uma noite, quatro mezes depois, á porta de Jacqueline. A campainha vibrou com o seu som de sempre. O mesmo criado veiu attender-me. E Jacqueline extendeu-me a mão estreitando a minha com a naturalidade de outr'ora. Nada havia mudado, apesar do tom estranho de suas cartas? Jacqueline pareceu-me mais formosa, mais animada, mais joven. Seus olhos tinham um brilho ainda mais intenso e seus labios appareciam avermelhados por um sangue mais quente. Mas o ambiente que servia de moldura á sua belleza era o mesmo de outr'ora: vi até, na mesinha, um de meus livros preferidos.

"—Oh!... Quanto me alegra que haja vindo immediatamente visitar-me, Armando! — disse-me. — Você continúa sendo meu amigo?

"A pergunta era estranha. Como unica resposta, inclinei-me para beijar-lhe a mão. E Jacqueline proseguiu:

"—Apresentar-lhe-ei uma pessôa de quem desejo que seja muito amigo..., tão bom amigo como o é para mim...

"E brincou em seus labios um sorriso tão delicado, que não necessitei nada mais para comprehender toda a verdade. Como explicar a atroz crispação que essas simples palavras provocaram em meu coração?... Repito-te: eu não amava Jacqueline. E ver-me-ia num transe bem difficil si ella houvesse confessado que estava apaixonada por mim. A que se devia, então, esse ciume que me atormentava subitamente, como si Jacqueline houvesse sido minha amante. Por que senti um estremecimento no peito quando a campainha da porta vibrou de novo, quando a silhueta de um desconhecido passou pelo vestibulo?

"Nesse minuto experimentei, sim, a angustia do ciume... de meu ciume sem amor... O homem de quem Jacqueline me exigia ser amigo não pertencia siquer á nossa raça. E esse homem, esse estrangeiro vinha apoderar-se de uma mulher que eu havia contribuido para formar espiritualmente, de uma mulher... que eu mesmo lhe offerecia, aperfeiçoada como num estojo!

MARIPOSA DOIRADA

DE EVAGRIO RODRIGUES

Em torno á lampada, em surdina,
quasi invisivelmente,
a mariposa doirada vôa
como um pedaço de gaze leve e fina,
que a brisa tocasse subtilmente,
com a sua mão fresca e bôa...

Mariposa doirada,
você tem qualquer cousa de humano,
de mulher...
A sua alma parece a alma encantada
de quem nunca soffreu um desengano
qualquer...

E' linda a mariposa!
Vôa sem parar, de um para outro lado
do quarto, em volta á luz...

"Eu sou delgado, nervoso. Aquelle homem era fornido e sanguineo. Eu sou moreno. Elle era loiro. Minha voz é grave, quasi surda. Aquelle homem ria com um riso agudo e insolente. Eu havia acariciado a imaginação de Jacqueline. Aquelle homem lhe embrulhava os sentidos. Era esse o homem que receberia os olhares ardentes da segunda Jacqueline, e que morderia seus labios quando se contrahissem numa careta!

"E esse homem, que me foi apresentado minutos depois, me olhava quasi amigavelmente, com o aplomb e a fatuidade de um amo. Ella, Jacqueline, olhava-me, em compensação, jubilosamente, quasi sem malicia, si é que uma mulher póde sorrir sem malicia em momentos como esse"...

*

ARMAND DE QUERNET calou-se. Eu, intrigado, apressei a perguntar-lhe:

— E que fizeste?... Qual foi tua attitude?...

— A unica que devia tomar. Não voltei á casa de Jacqueline, apesar de suas duas cartas em que me renovava protestos de amizade... Fiz bem?... Não sei. Talvez eu houvesse podido impedir que Jacqueline tivesse um segundo amante, depois do primeiro... Transcorreu o tempo... Jacqueline procura agora a felicidade com um quarto amante... A's vezes, penso que me estou apaixonando por ella... Poderia ser o quinto, talvez, si mo propuzesse... Jacqueline é formosa, muito formosa... Mas não. Eu nunca me tornarei o que jamais quiz ser para ella... Seria muito triste, muito triste!...

Armand de Quernet calou-se novamente. Eu respeitei seu silencio, impressionado pelo tom com que pronunciára sua ultima phrase.

Continuámos passeando pelo bosque solitario. Os rumores da cidade chegavam até nós como a cantilena em surdina de um mar distante. O tempo deslisava aprazivel naquelle entardecer de primavera. Cada minuto transcorrido significava para Armand um passo mais para aquella aventura que tanto elle temia. No tremor de sua voz eu havia adivinhado que meu amigo não podia renunciar para sempre áquella mulher. Perdida como amiga, Jacqueline seria reconquistada como amante. E então... Oh, sim: seria muito triste, muito triste!... Porque o tardio transporte amoroso e a tardia turbulencia da paixão matariam até a recordação daquella amizade inverosimil... E a recordação era a unica coisa que ainda se podia salvar!...

Vôa e revôa... Depois cançada, repousa
sobre o piano de cauda abandonado.

Mariposa doirada,
ha em você qualquer coisa de voluvel,
de mulher...
...que fascina minh'alma torturada
como si eu visse em você, mariposa,
uma cousa que já me foi tudo
e que hoje é um quasi nada...

Mariposa doirada,
você tem qualquer cousa de humano,
de mulher...
A sua alma parece a alma encantada
de quem nunca soffreu um desengano
qualquer...

...E como você deve ser feliz, mariposa doirada,
na sua inconstancia de mulher!...

A SYMPHONIA DOS TONS

A arte moderna, sobremodo individualista, pelo seu feliz esforço de dar uma personalidade aos menores objectos que nos cercam, inspira-se em principios novos, baseados, antes de tudo, na symphonia dos tons.

Agrupamento harmonico de côres, eis o segredo dessa arte delicada, porque a impressão dada pelo conjuncto de uma peça nem sempre dá côr.

A nova moda, num louvavel proposito esthetico e hygienico, preconiza actualmente o emprego geral da pintura na decoração de nossas casas.

A pintura, quer orne o tecto, as paredes ou os moveis, póde ser escolhida a nosso gosto. Além disso, é facilmente lavavel, o que representa uma garantia de salubridade.

Transforma-se, ao gosto de cada um, a apparencia de todas as peças da casa, obtendo-se os mais agradaveis effeitos decorativos graças ás combinações, a essas harmonias felizes e delicadas das côres.

Veja-se qualquer bibelot, qualquer jarra moderna. Com um pouco de gosto e algumas pinceladas renovam-se facilmente os velhos e gastos jarrões decorativos de toda residencia, dando-lhes a feição da arte moderna. Algumas flores ou ramos artisticiaes completam o seu effeito, fresco e gracioso.

Os mais vulgares objectos póde, assim, a pintura restaurar e embellezar, convertendo-os em adoraveis bibelotes. Tudo isso, naturalmente, auxiliado, ou, melhor, inspirado pela imaginação e senso pitorico das donas de casa, intelligentes e apreciadoras das coisas que tornam attrahentes seus lares.

AS LINDAS TRADIÇÕES

A encantadora e pittoresca aldeia de Fonteray das Rosas, que foi, desde o seculo XII, a grande fornecedora de rosas da capital franceza, esteve, ha pouco em festa. Recebeu, como vem acontecendo ha quarenta annos, a visita da celebre Sociedade dos Rosati.

Rosati — que significará, perguntarão os leitores. De onde vem esta palavra primaveril?

Os *rosati* são simplesmente uns romanticos, uns puros romanticos, agrupados em uma sociedade poetica sob aquella designação. Provêm do norte e cada um vae celebrar seu patrono na referida aldeia.

Essa associação septentrional é presidida por um escriptor chamado Albert Acrement e teve a origem mais frivola deste mundo. Sabe-se que pelos fins do seculo XVIII a sociedade parisiense foi subitamente dominada pela paixão da vida campestre.

A rainha Maria Antonietta déra o exemplo, edificando sua linda aldeia do Trianon, onde se vestia de pastora emquanto o rei Luiz XVI se disfarçava de moleiro.

Em resultado, o amor dos campos passou da côrte para a cidade e desta a todas as provincias francezas.

Formaram-se, então, por toda parte sociedades anacreonticas que, desdenhando os prazeres urbanos, se reuniam pelos bosques floridos sem outro objectivo senão glorificar em versos languidos as delicias dos campos e os beneficios da natureza.

Os *rosati*, reconstituidos no anno de 1892, em Paris, para agrupar os artistas e os escriptores do norte, foram, originariamente, uma dessas sociedades.

ORIENTE E OCCIDENTE

Como parecem estranhos aos occidentaes os costumes orientaes, e vice-versa!

Os estrangeiros que em Tokio riram a bom rir ao vêr que o cocheiro do imperador, ao guiar o coche do soberano, ia mettido numa especie de pyjama de dormir, não se divertiram tanto como aquella dama japoneza que quasi morreu de rir ao vêr, em uma das mais centraes avenidas de Nova York, uma senhora americana exhibindo nas costas uma extravagante decoração em que havia escripto, em caracteres nipponicos, o seguinte: "extinctor de incendio".

Os nossos habitos, a meúdo, são diametralmente oppostos aos dos japonezes. Por exemplo: pomo-nos em pé, em signal de respeito; o japonez senta-se no chão, para exprimir o mesmo gesto. Dormimos em camas e colchões macios; os japonezes em colchões bem duros e, á guiza de travesseiros, usam pequenos blocos de madeira em que apoiam a cabeça.

Emquanto tomamos o nosso banho reservadamente, as familias japonezas o fazem em massa. O occidental banha-se em agua fria ou morna: o japonez o faz, porém, em agua tão quente quanto é possivel resistir.

Ao penetrar numa casa, o occidental tira o chapéo; o nipponico tira os sapatos.

Quando somos reprehendidos franzimos o cenho; o japonez sorri...

ASTRÉA
PRESERVATIVO-ANTISEPTICO
DELICIOSAMENTE PERFUMADO
PARA A HYGIENE INTIMA DAS SENHORAS
Sem ASTRÉA
não ha hygiene,
Sem hygiene
não ha saude
Hygiene é a Saude do
corpo,
Saude é a alegria da alma.
8$

PELA sinuosidade da estrada, longa e deserta, corria o trem.

Os olhos tristes de Luvencio embebiam-se no verdor das extensas campinas, claras de sol.

Momentos antes, na estação, conversára longamente com Clemira. E agora partia para uma viagem tão longa. Sentia ainda, na sua mão, a delicada mão de Clemira. Aquella mãozinha tão macia, de arminho, que elle desejára apertar para sempre, por toda a eternidade, si possivel fosse.

LUZ INTERIOR — Por

Ella ficára lá, na cidade longinqua. Elle, entretanto, a levava comsigo, na alma. Vi-a em tudo; ora velada na nebulose da serra, ora sorrindo na irradiação da luz.

Depois de atravessar campos e campos, o trem foi moderando a carreira trepidante, até parar numa estação pequena.

Embarcou um moço de altivo porte, de oculos escuros. Tacteando, accommodou-se em frente Luvencio.

O trem corria novamente, pela estrada, erma e sinuosa.

A immobilidade taciturna do novo passageiro prendia a attenção de Luvencio. Observou-lhe os olhos. Estavam mortos. Era um cego.

Os oculos pretos faziam-no como que fechar-se mais em si, dentro daquella segueira sem cura. Entretanto, o cégo, na sua posição hirta, apoiando-se duramente com ambas as mãos na bengala tosca, de quando em quando, sorria. Movendo levemente os labios, parecia conversar, feliz, com pessôa querida.

Luvencio ia pensando comsigo: "Como são lastimosos os cégos! Não gozam do matiz das flôres; dos enlevos da natureza; do azul do céo; dos encantos de uma mulher formosa."

VELHO THEMA

DE ARY KERNER

— De onde vens?
Que rigiões pizaste?
Que nome tens?
Por onde caminhaste?
Trazes no olhar embaciado e triste,
toda a desdita que no mundo existe!
Trazes nas mãos enregeladas, frias,
grandes desgraças, prantos e agonias...

Judeu errante!
Segue o teu caminho!
Deixa-me em paz!
Não quero o teu carinho!
E's como um genio que do mal surgiste...

José Benedicto Cursino

E, em seguida, dirigiu-lhe a palavra, afim de iniciar uma conversa.

— O senhor se destina para muito longe?

Após um instante de silencio, perplexo, o cégo, interrogou:

— E' commigo que N. S. está falando?

— Perfeitamente. Foi ao meu bom amigo que fiz a pergunta.

— Sim. Vou para longe. Bem distante daqui é a minha residencia.

— A viagem lhe deve ser muito aborrecida, sem os attractivos das paizagens!

— Viajando ou onde quer que me encontre, sou sempre feliz.

— Como? não me parece que se possa ser feliz em trévas perennes.

Elle sorriu um sorriso de piedade para commigo, e disse:

— Engano seu. Desde a idade saudosa dos meus vinte annos, falta-me a luz dos olhos. Tenho, no emtanto, na alma, a luz dos olhos della, que me enche de felicidade interior. Vejo-a por toda a parte, como que me guiando pelos meus caminhos, nestas trévas sem fim... E, meu amigo, posso affirmar-lhe — sou um homem feliz...

Luvencio ficou pensativo.

Longe daquella que lhe roubára o coração, vendo tudo, mas em tudo outra cousa não vendo sinão a imagem radiosa de Clemira, a sua sorte lhe pareceu mui pouco differente da do pobre cégo.

Por fim, perguntou-lhe:

— Mas, onde está ella?

— Lá.

E, emquanto daquelles olhos murchos corria uma lagrima, a mão do cégo apontava o céo.

Depois de um longo silencio, continuou:

E Donalia era bella. Tinha um esplendor de sol nos cabellos. A luz de seus olhos ainda hoje me enche o coração de ternura indizivel, e me transforma a noite da existencia num eterno clarão de luar. A's vezes, meu amigo, chego até a vêl-a toda de noiva, a me convidar sorrindo para as nupcias celestes, lá bem junto de Deus.

E pelas faces do pobre cégo as lagrimas corriam, lenta e silenciosamente.

Enganador e perfido, fingiste
Teres o nome de felicidade...
Vae-te daqui, que não terei saudade!

E a visão impiedosa não partia
E em seus braços, aos poucos, me prendia...

— Que desejas? Impôr um desagravo
A mim, que fui teu servo, teu escravo?
Ou fazer novamente as ternas juras
Com que illudes, no mundo, as creaturas?

Uma vez me enganaste... é quanto basta...
Num passado distante e que se afasta...
Deixa-me, pois, bem solitario, e parte,
Que, embora só, eu viverei da arte!

E a vizão respondeu ao meu clamôr:
— Pobre mortal! Não fugirás do amôr!

A JUSTIÇA SEM CODIGO

CARNEIRO manso, quando arremette...

Assim foi com o Henriquinho. Antonio de Moura, mulatinho novo, baixote e grosso, cabello repartido do lado esquerdo, formando *pimpão* á direita, crespo, duro, sobre o qual, por faceirice, mal pousava o alvissimo chapéo de palha de carnahúba, era o *tutu* da tropa do sr. Domingos do alambique, e nas largas estradas salpicadas de choupanas, aqui e alli, toucando de poesia agreste a selva cheia de perfumes pagãos, ecoavam, quasi que diariamente, as plangentes toadas do mulatinho, que por alli fazia a sua viagem constante, em busca do mel para o alambique.

De vez em vez, entrecortando o rude canto namorado, silvava o estalo forte da *linha*, e a tropa, que babujava o capim de burro de um e outro lado do caminho, em passo tardo e interrompido, arrancava adeantando a viagem.

E a nota plangente, saudada da *porfia*, enchia de novo a silenciosa estrada estrupidante, ao trote das alimarias viajoras.

De uma feita, ao sahirem da cidade, estrada fóra da minha bella terra natal, na plaga sergipana, Antonio e seus companheiros, conduzindo o comboio á collecta do mel, o mulatinho implicou com o Henriquinho, que estava sentado ao batente da porta de sua choupana, á *Rua de Detraz*, e, n'um profundo desprezo, largou á cara do outro, habituado que estava a humilhál-o, a injuria cortante: "Que está fazendo, besta?"

Henriquinho era a *pedra de bater roupa* do mulatinho valentaço, e engolia sempre os remoques, os *codaços* do Antonio, mas, nesse dia, mal apparece a companheira de Henrique, que, vindo da fonte, trazia o seu pote de agua á cabeça, este, n'um gesto fulmineo, lampéjo tragico, põe tinta nova no quadro daquella constante humilhação, lançando-se contra Antonio. Este negaceia e ri, mas, logo em seguida, levando a mão ao ventre, corre inflectindo para o matto adeante, cahindo á sombra conhecida e amiga de uma grande jaqueira, ficando o humilhado, olhar fuzilante, parado no *terreiro* da choupana, com a sua faca de magarefe ainda rubra de sangue, e sangue que ainda *fervia*.

Os que accorreram ao local, lá encontraram Antonio de Moura expirando com uma só facada no ventre.

E as verdes frondes que lhe haviam, rumorosas acolhido, em vida, as toadas plangentes de carreiro namorado e valente, recebiam, então, seus ultimos suspiros e derradeiros olhares melancolicos de moribundo.

Henriquinho, carneiro manso quando arremete, ficou parado no *terreiro*, a olhar a faca sangrenta, e, depois, sacudindo-a para dentro da casinha, de onde a companheira o olhava docemente apiedada, fugiu.

E' a justiça sem codigo.

JOÃO ESTEVES

PAR CONSTANTE

QUANDO a Terra nasceu, não nasceu sózinha. Teve um irmão inseparavel: o Destino.

Deus chamou os dois e perguntou o que desejavam para a propria felicidade.

A Terra respondeu, com feminilidade:

— Quero dançar.

— E tu, Destino?

— Eu quero tudo o que existe, e mais o que o Senhor me quizer dar.

— Pois bem — disse Deus.

Deu á Terra o amplo salão do espaço para o rythmo das suas danças, e, chamando o Destino particularmente, falou:

— Reservei-te diversas coisas. Tu as terás, cada uma a seu tempo.

E forneceu-lhe, de inicio, brinquedos adequados a um recem-nascido: o Destino divertiu-se, durante algum tempo, com a chuva, com o vento, e embriagando os olhos irrequietos na luz extasiante das estrellas...

Entediou-se depressa. Quiz brincar com a propria Terra, e Deus consentiu.

Então, accendia o fôgo de artificio dos vulcões, vendo escorrer as lavas pela rampa dos montes...

Cresceu mais; implorou coisas mais divertidas. Queria bonecos; e teve os animaes.

Socegou, por muito tempo, com as exigencias; até que um dia, chorando de tédio, chamou novamente pelo Creador.

— Por que chóras, insaciavel? Já te andei dando mais do que pretendia.

— Estou repleto de neurasthenia! Quero brincar, mas brincar com coisas mais sérias. Tudo me entedia! Eu queria bonecos que falassem...

— Bem. Darei. Será a minha ultima dádiva. Já estás crescido, e o que te entedia é o excesso de divertimentos. De hoje em deante tu te divertirás com o Homem, além de tudo o que já possuias antes. Nada mais te darei.

Desde esse dia, o Destino tomou conta dos homens, das mulheres e das suas vidas.

Offereceu á Terra aquelles que morressem... Ella acceitou.

Vivem agora, o Destino e a Terra, na harmonia de sempre, brincando com a humanidade, e dançando no espaço, a par constante, ao som da orchestra da Vida, a valsa perpetua da Creação...

MAURICIO PINHO

RESPEITO A' INDICAÇÃO — O doente tomou a poção que lhe receitei?

— Não o poude, doutor, porque estava escripto no vidro: "Conserve-se bem fechado".

BURACOS

ERAM pouco mais ou menos cinco horas da tarde quando o rápido da Ingleza embarafustou pelos tuneis da serra.

— Diabo! — exclamou o coronel Joãosinho, recolhendo as lunetas avançadas em grão. — Quanto buraco! Será possivel que ainda não se tenha engendrado um systema mais elegante de atravessar montes e serras? Um panorama destes não se estraga assim com tantos buracos. Uma verdadeira escrescencia... digo, uma porção de escrescencias... Bem diz o rifão: "Viajando se aprende"... Até hontem eu tinha os engenheiros britannicos na conta de admiraveis. Fui creado ouvindo de quando em vez: "Tudo que é de inglez, e inglez faz, é o melhor"... Pipocas! Aqui está a prova patente do contrario. Parece mais obra de tatú que de engenharia. Bolas!

E, no seu esplendido bom humor, salpicado aqui e alli de leve irritabilidade, pela ansia, muito provavel, de ver logo o S. Paulo do seu coração, o coronel recollocava os vidros sobre os olhos e olhava através das janellas.

— Qual!... E' a mesma coisa... Si entre Camocim e Sobral houvesse serras, o João Thomé teria feito serviço mais bem feito. O "Monte Moreno" tinha desses cabos... A nossa estrada lá é um producto genuinamente nacional. E que estrada! Estou convencido de que o progresso é uma ampliação do atrazo. O que existe na minha terra, principalmente no que diz respeito a caminhos de ferro, é isto que está aqui, em ponto menor. A unica differença que se nota nos carros de passageiros é que os nossos trazem aviso de não fumar e a gente fuma e cospe no chão. Isso de palhinha de assento, temol-a, tambem, com o mesmo trançado... Honra seja feita ao João Thomé que nunca fez buraco de tatú...

* * *

O rápido paulista continuava a sua carreira desabalada. A diversidade de quadros, a inesperada presença de uma e outra fabrica, de uma campo cultivado por japonezes; a variedade de desenhos exuberantes fazia cessar a palestra do coronel. De quando em vez, uma exclamação silenciosa substituia-lhe o desejo de falar...

Surgem Mauá e S. Bernardo. Passa S. Caetano, para traz, como uma flexa allucinada. Depois o Braz, e, em seguida, a Estação da Luz apparece imponente, radiosa, para receber o comboio resfolegante.

O sympathico cearense não se mostra atordoado na confusão do desembarque. Acolhe o filho, abraça-o e immediatamente transfere o olhar curioso para a multidão

DONA FELICIDADE

Dona Felicidade, por que foi
que você jamais quiz me visitar?
Eu sou simples demais,
detesto protocolos, etiquetas,
sou amante das bôas relações.
E você, que é bondosa,
senhora de excellente coração,
venha!
Você será sempre bemvinda
nesta nossa modesta habitação.

Si é que você não sabe a minha casa?
E' simples. Móro Aqui. Numero 13
da Rua do Destino.
Sou solteiro e sozinho.
Tenho bôa saúde e pouca sorte.

DE TATÚ...

que toma a escadaria. Está, não resta a menor duvida, atrapalhado e radiante.

— As malas, as malas? — indaga, afflicto.

— Estão com o carregador.

— Eu não creio muito nessas coisas, mas na mala que Raymunda me emprestou tem santo e oração. Preferia leval-a commigo?...

* * *

O desejo de conhecer S. Paulo, o maior centro industrial da America do Sul, a sublime metropole do sul brasileiro, era uma velha aspiração que se lhe casára a uma tosse rebelde. Quando lhe vinha o acesso, quasi sempre o acompanhava a visão pállida e gigantesca do Predio Martinelli.

Já possuia, para consolo intimo, um insignificante fragmento do monstro de cimento armado. Era um pedacinho de cartaz arrancado a uma das suas paredes, pelo genro que alli esteve...

* * *

Passaram-se os mezes. Seu Joãosinho correu S. Paulo de pôpa á prôa e divertia-se, agora, em namoricos de boreste a bombordo. Tornára-se paulista de coração e como tal esquecêra o pobre Norte, que ficou atraz com tanta coisa querida...

Quando o avião da Panair lhe trouxe reclamações pela falta de noticias, o homemzinho ficou pállido. Não concebia o lamentavel descuido. Tambem, tanta coisa bonita...

A saudade invadira-lhe o coração. A sensibilidade do seu grande amor pelos entes queridos fazia, nos olhinhos miudos, uma vertente de agua crystallina... Sentou-se, escreveu, e, enfiando a carta no bolso do casaco, sahiu. Não queria esquecer a mala no vapor "Joazeiro"...

* * *

Quando, dois mezes mais tarde, o coronel Joãosinho Ferreira regressava a Fortaleza, a sua maior alegria era ter opportunidade para decantar as maravilhas da Paulicéa.

— Para você têr uma idéa — dizia elle ao sr. Oswaldo — do adeantamento formidavel de S. Paulo e da prestimosidade desinteressada do paulista, vou lhe contar... Um dia, sahi de casa preoccupado em não esquecer de collocar no correio a primeira carta que escrevi á minha velha. Sem que eu pudesse saber como, a garotada conseguiu o meu segredo: qual não foi a minha estupefacção quando, por cada esquina que eu passava, me chegavam os berros: "Olhe o Correio"... "Correio"... Olhe o Correio"...

— E os buracos de tatú? — indaga, curioso, o pharmaceutico...

BRAZ GLÊTTE

E sou um forte.
Quer saber por que?
Porque, apesar da sua má vontade,
ha vinte annos espero por você.

Dona Felicidade! Minha amiga!
Você passa por mim todos os dias,
rica e taful,
vestido roseo e sombreiro azul...
e quando passa faz que não me vê.
Ora! Por que você é assim,
por que?...
Veja que ha quatro lustros eu a espero
de coração transido e alma dorida.
E eu moro aqui tão perto,
tão pertinho...
— Destino, 13 —
No rés-do-chão do arranha-céo da vida...

MARTINS D'ALVAREZ

A VOZ DO

JUNTO ao balcão da taberna havia dois homens de idade imprecisa. Um delles, repellindo o copo cujo conteúdo acabava de apurar, exclamou, de repente:

— Esta noite não me deitarei sem ter tomado meus doze copos de vinho! Precisava que eu não me chamasse Renato!

— Oh! — estranhou o vizinho, com voz alcoolica — chamas-te Renato? Eu tambem me chamo Renato!

— Deveras?

— Palavra de honra!

— Magnifico! Então somos homonymos... *Garçon!*... Dois copos de vinho! Mas, dize-me: como é teu sobrenome?

— Rabadán!... Chamo-me Renato Rabadán!

— Não!

— Sim!

— Soberbo! Somos duas vezes homonymos! Eu tambem me chamo Renato Rabadán!

— Hein? Não digas!

— Sim: chamo-me Renato Rabadán!

— Si é assim... *Garçon!*... Dois copos de vinho!...

Jef, o *garçon*, servia placidamente, como si não lhe interessasse o que succedia deante do balcão. A estranha homonymia não lhe chamava a attenção? Ou elle já estava acostumado a ella?...

Eu tudo escutava mais que espantado: perplexo. E minha perplexidade chegou ao cumulo pouco depois.

Os dois homens beberam. Em seguida, o primeiro que havia falado proseguiu, com voz um tanto insegura:

— De maneira que te chamas Renato Radabán?... Que curioso!... E dize-me: onde moras?

— Em Villa Moderna.

— Não!

— Sim!

— Que coincidencia!... Eu tambem móro em Villa Moderna!

— Estás falando sério?... *Garçon!*... Dois copos de vinho!

Os dois homens esvaziaram os copos com celeridade de profissionaes. O segundo perguntou, com voz pastosa:

— Mas Villa Moderna é um bairro grande... Em que rua fica tua casa?

— Certamente não se dará tambem a coincidencia de morarmos na mesma rua! — foi a resposta do outro. — Minha casa fica na rua Albania.

— Que dizes?

— Que minha casa fica na rua Albania!... Repito: minha casa fica na rua Albania!

— Oh! Jef!... Jef!... Dois copos de vinho!...

Era evidente que aquelles homens começavam a não ver claro.

DECEPÇÃO

A' janella, de olhar fixo no occaso,
penso em tantos projectos de belleza
que tenho feito para a mão do acaso
desfazer num minuto de incerteza...

Sonhos que em vão — ingenuo incorrigivel —
procuro realizar... O insecto e a teia,
eis tudo... Têm os sonhos o impossivel
do destino das casas sobre a areia...

S A N G U E

por effeito do alcool. Dahi a aventura lhes parecer ainda mais incomprehensivel.

O segundo Renato, coçando o queixo, murmurou, com uma expressão de surpresa e inquietude:

— Que coisa extraordinaria, não?...

— No emtanto — insinuou o primeiro — poderia não se tratar da mesma casa.

— Eu móro no numero 94 da rua Albania! — apressou-se a declarar o primeiro.

O companheiro deu um salto:

— Que disseste? 94?!

— 94, sim!

Ordenaram, então, em côro, com voz quasi ameaçadora:

— Jef!... Dois copos de vinho!

Um silencio pesadamente meditativo seguiu-se á rapidissima absorpção.

E, de repente, desencadeou a tempestade:

— Si me vens com o conto de que moras no quarto andar — rugiu o primeiro dos Renato — eu te farei tragar o copo, de um sopro!

O Renato numero dois não se alterou:

— Não te venho com nenhum conto!... E' a purissima verdade: móro no quarto andar de uma casa da rua Albania assignalada com o numero 94!

— Hein?... Queres dizer que tua casa... é minha casa? Pois commigo ninguem brinca!... Vaes tragar este copo como eu me chamo Renato Rabadan!...

Iam já ás vias de facto. Cheios de ira, os dois bebedores avançaram um para o outro. Mas Jef, com surprehendente agilidade, saltou por cima do balcão e se interpoz entre elles.

— Vamos ver!... Quietos!...

E, segurando os dois freguezes pela gola do casaco, os empurrou tranquillamente para a rua, murmurando palavras de conciliação, que os antagonistas não se dignavam nem siquer escutar...

O rumor de seus passos foi se apagando progressivamente, ao mesmo tempo que se afastavam seus gritos encolerizados.

— Muito bem! — felicitei Jef. — Si não fosse você, elles se matariam um ao outro!... Não suppuz que chegassem a tanto!...

— Ora!... — commentou o *garçon*. — Bem viu que eu não me inquietava pela discussão... Todos os sabbados se repete a mesma historia!...

— Todos os sabbados? — repeti, abrindo bem os olhos. — Mas... esses dois homens se conhecem?

Jef explicou-me, por fim:

— E como não hão de se conhecer, si são pae e filho?

CHARLES CLUNY

...a tarde morre... E espero-te, sonhando,
a mais linda, tu, mulher-ternura!
espero mais, e as horas vão passando
...as estrellas scintillam pela altura...

...rna historia... Sempre uma entrevista
...dida e a magoa que hoje vem de ti...
...hão de existir, emquanto o mundo exista,
...homem que soffre e uma mulher que ri...

Hygino Bersane

O DENTISTA FALSARIO

(Sherlock Holmes - Por Conan Doyle)

(Continuação do numero anterior)

Afinal, para completar as minhas deducções, e contro no canto deste sobreescripto uma nodoasinh de sangue. Harper, naturalmente economico, ainc se serve dos enveloppes que usava no tempo de de tista. Foi coisa que lhe pegou, depois de alguma operação.

"Chama-se John Trouble e é hospede de Kana Hotel.

"Muito bem. Amanhã iremos fazer-lhe uma visit

No outro dia, ás seis horas, da tarde um homem percorria as ruas da grande cidade.

Tinha ares de artista a quem a fortuna nem sempr favoreceu.

Levava a classica cabelleira loira cahida nas e paduas e uma comprida barba, pelo peito abaixo

O capote estava no fio e o chapeo de feltro m chucado.

Andou toda a Dover-street e parou defronte d Kanal-Hotel.

Era uma pequena casa de dois andares. Hot barato, e de mediocre apparencia.

O artista perguntou ao porteiro por John Troubl e soube desse empregado que o engenheiro estava em casa.

— Ha muito tempo que o senhor Trouble está aqui

— Uns oito dias, se tanto.

— Então, faça favor de dizer-lhe que Pother, gr vador, deseja falar-lhe.

O criado voltou dahi a pouco. O senhor Troubl pedia-lhe que subisse.

O policia foi ao segundo andar. Bateu. O sou da voz que respondeu "Entre!" deu-lhe logo a cer teza da identidade do personagem.

Quando abriu a porta, reconheceu immediatament Harper pela estatura, magreza, nariz de aguia olhos traiçoeiros. Julgara inutil tomar qualquer dis farce.

E Sherlock Holmes comprehendeu a maneira por que elle tinha escapado á policia. Não sahira d Londres, sabendo que na sua provincia seria facil mente reconhecido. Limitára-se a mudar de casa constantemente, dando um novo nome, em cada novo domicilio.

— Tenho muito gosto em conhecel-o, senhor John Trouble, disse o policia, entrando. Venho pelo nego cio da carta que recebi em resposta ao meu an nuncio.

— Ah! sim, sim, respondeu Harper. Queira sen tar-se.

— Muito obrigado, senhor Trouble, não me sinto bem em canapé; se me dá licença, acceito uma ca deira.

O policia sentou-se ao pé da mesa.

Harper tomou uma cadeira e collocou-a entre elle e a porta.

Então o policia disse comsigo:

— O patife conhece-me. Quiz armar-lhe um laço. e elle não pensa noutra coisa senão em fazer-lhe o mesmo. Mas, não tem duvida, venho prevenido.

— Então, o meu caro Pother é gravador? começou Harper. Gravador habil, sem duvida! em que genero?

— Em aço, respondeu Sherlock Holmes. O meu forte é em copias, que eu executo com a maior per feição, a ponto de se não distinguirem do original.

— E que especie de gravuras prefere?

— Julgo, senhor Trouble, que podemos falar sem reservas?

— Oh! absolutamente! respondeu Harper, com um sorriso ironico. Quer um charuto, sr. Pother?

— Obrigado, muito obrigado! sou um incorrigivel tomador de rapé, o que não obsta que, de vez em quando, não desgoste de fumar um bom charuto.

O policia dizia isto, tirando da algibeira uma caixa de rapé, vulgar.

Harper, por sua vez, deitou a mão a uma grande charuteira, apparentemente cheia.

— Vou escolher um dos melhores. Tenho aqui de varias especies, mas quero que fume um superior. Este, por exemplo.

Harper abriu a charuteira e tirou della, com toda a presteza, um revolverzinho que apontou á visita.

Este pareceu muito surprehendido, e exclamou:

— Pelo amor de Deus, senhor Trouble! Então o senhor attrahiu-me á sua casa para assassinar-me?

— Policia Sherlock Holmes, disse Harper, de dentes cerrados, soou a tua ultima hora!

"Ah! ah! julgavas apanhar-me, mas eu vi logo que o teu annuncio era destinado á minha pessoa, e que me armavas um laço.

"Morre, pois, maldito policia! E, desta vez, não te hão de deitar vivo no caixão.

Mas, no momento em que elle ia servir-se da arma, o ex-dentista soltou um grito, como assaltado de subita dor, e deixou cahir o revólver da mão. Tombou com todo o seu peso para cima da cadeira, a esfregar os olhos com as mãos ambas.

Que tinha acontecido?

No mesmo instante em que Harper quiz disparar, Sherlock Holmes abriu a sua tabaqueira e lançou o conteúdo aos olhos do adversario.

Não era rapé o que a caixa tinha, mas pimenta, em pó finissimo.

Sabe-se que a pimenta nos olhos provoca uma tal dor e produz uma cegueira momentanea tão completa que o paciente fica incapaz de se defender.

O policia viu que nada tinha a receiar do criminoso. Atirou-se a elle e lançou-lhe algemas aos pulsos.

Harper debatia-se como uma féra, sem tirar partido do outro, que, agora era mais forte.

Depois de lhe prender as mãos, o policia desfechou-lhe tamanho murro na cabeça que o fez cahir no sobrado.

Não tardou nada que não tivesse tambem os pés presos, sem poder levantar-se.

Era inutil qualquer resistencia.

— Ah! quietinho, minha joia! Agora viajarás por minha conta. Estamos quites. Não te metterei num caixão, como me mettestes a mim, mas, no estado calor das grades o que é peor.

Depois, foi á janella e acenou com o lenço.

Alguns policiaes postados na rua entraram sob o commando de Harry Taxon, e Harper foi immediatamente conduzido para a prisão.

A' noite, o policia, com ar satisfeito, disse á criada:

— Bem sabe, Mrs. Bonnet, que eu nunca me intrometto com os negocios da cosinha; entretanto, hoje, tenho um capricho: quero que me faça, como cosinheira emerita que é, para o jantar um "gulache" hungaro. Com muita pimenta, sabe?

Esse prato me recordará um momento agradabilissimo, em que pude prender aquelle patife, que me fechou dentro de um caixão de defuntos.

Devemos confessar que o jantar desse dia foi alegremente saboreado, e que o "gulache", preparado por Mrs. Bonnet, alcançou um verdadeiro successo.

— Mrs. Bonnet! — exclamou o policia, no fim do jantar, e depois de accender o cachimbo — não se esqueça de fazer-me este prato de vez em quando; e, se não vir inconveniencia nisso, chamar-lhe-emos, de hoje em diante, o "gulache" á Dan Harper.

FIM

NO PROXIMO NUMERO DO MESMO AUTOR:

UM DRAMA EM MONTE-CARLO

O que se deve saber

A emacipação da mulher na China

Em nenhum paiz do mundo — nem mesmo no Oriente musulmano, onde as leis de Mahomet, eram bastante duras para ella — a mulher foi tão maltratada como na China.

Confucio foi, realmente, mais myogino que o Profeta. Basta dizer-se que elle cosiderava a mulher "como um ser sete vezes impuro", e a relega "ao ultimo degrão das utilidades sociaes." De modo que o nascimento de uma menina era geralmente recebido na China como uma humilhação e deshonra para a familia.

A joven vivia enclausurada na casa paterna, exclusivamente occupada nos affazeres domesticos. Era tratada por todo mundo, sobretudo por seus irmãos, como uma creada. Eram-lhe quasi desconhecidos os prazeres e distracções da sua edade. Toda sua educação consistia em saber manejar a agulha.

Em outros tempos, não se ensinava a mulher nem a ler e escrever. Não havia nenhuma escola para ella. E, parece incrivel, só pelo anno de 1900 é que em algumas provincias se foram creando casas de educação para as meninas chinezas...

E foi, tambem, já em 1903 que uma ordenação da imperatriz "Tsau-Hsi convidou os paes e mães a não continuar deformando os pés de suas filhas...

Quanto ao matrimonio é bastante dizer que as jovens chinezas deviam receber o marido que os paes bem entendessem escolher. Assim, o casamento para ellas era um novo estado de escravidão.

Nada, porem, melhor caracteriza as condições da mulher na China que este facto, contado pelo padre Huc, missionario que viveu longos annos no Celeste Imperio: o padre Huc, um dia, tratou de explicar a um mandarim que as jovens tambem podiam esperar a entrada no Paraiso. O mandarim quasi morreu de rir ao pensar que sua esposa "tambem teria uma alma".

— Vou regressar á minha casa — disse ao padre Huc. Direi á minha mulher que ella tambem tem alma e asseguro-lhe que lhe vou fazer uma terrivel surpreza...

Felizmente, este estado de coisas parece terminado. O novo codigo civil chinez acaba de entrar em vigor e outorga ás mulheres os mesmos direitos que confere aos homens...

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno..... (52 ns.)..... 48$000
Semestre (26 »)..... 25$000

(Registada)

Anno..... (52 ns.)..... 70$000
Semestre (26 »)..... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno..... (52 ns.)..... 78$000
Semestre (26 »)..... 40$000

(Registada)

Anno..... (52 ns.)..... 115$000
Semestre (26 »)..... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

E. Bourdet & Cia. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000
Numero atrazado ...... 1$500

Adeantando a hora!
a hora do
Elixir de Inhame
constitue sempre
um praser!

O Melhor Da Turma

Seu proprio filho, "o melhor da turma," é o resultado desses cuidados que continuamente lhe dispensam. Essa é a eterna obrigação dos paes: Velar pela sua saúde, pois a saúde é a base fundamental do desenvolvimento physico.

Ao mais ligeiro symptoma de indigestão, acidez e ardor de estomago, nauseas, etc., dê-lhe uma ou duas colherinhas do melhor remedio em sua casa:

LEITE DE MAGNESIA DE *Phillips*

O antiacido-laxante ideal

SE NÃO É PHILLIPS, NÃO É LEGITIMO!

Ouvidor, 98	PAUL J. CHRISTOPH COMPANY	S. Bento, 35
Rio		S. Paulo